

Universidade Federal de Juiz de Fora

Luciana Ferreira da Silva

CORPOS NARRADOS
O corpo que fala e sobre o qual se fala

Juiz de Fora

2008

Luciana Ferreira da Silva

CORPOS NARRADOS
O corpo que fala e sobre o qual se fala

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Práticas sociais e representações simbólicas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Euler David de Siqueira

Juiz de Fora

2008

Luciana Ferreira da Silva

CORPOS NARRADOS
O corpo que fala e sobre o qual se fala

Dissertação de conclusão de curso submetida ao Instituto de Ciências Humanas, UFJF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Euler david de Siqueira (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Freitas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Jurema Gorski Brites
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora
2008

Ao meu irmão, Dí.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Affonso. Por uma infância feliz, regada a caramelos.

À minha mãe, Lêda. Aqui, VOCÊ brilhou! Obrigada por tanto.

À Lud, Carol e Marina. Grandes amigas-irmãs que me ampararam e me entenderam, mesmo, às vezes, sem entender do que se tratava este trabalho! Vocês sou eu.

À Priscila. Outra grande amiga que abriu as portas deste mestrado para mim e, com muita paciência, me auxiliou nos momentos de dúvidas e compartilhou meus sucessos e minhas angústias acadêmicas. Obrigada!

À Gui. Amiga querida que, tantas vezes envolvida com questões pessoais, sempre teve uma palavra de afeto que me enternecia.

À Ivana. Amiga querida, com quem compartilho as mais diversas inquietações existenciais e um belo projeto que ainda nem foi para o papel!

Ao Vinicius. Amigo tardio que, com muita amizade e presteza, solucionou as minhas voltas com o idioma inglês e travou comigo excelentes discussões sobre antropologia e psicologia.

Ao Prof. Dr. Euler David de Siqueira, meu orientador. Por me mostrar que o tempo não faz com que um espírito curioso e inquieto se apague e que é preciso relativizar com sabedoria.

Aos professores Doutores Jurema Brites, Marcelo Camurça e Octávio Bonet. Pelas valiosas observações em relação a este trabalho e, mais ainda, pelo exemplo de profissionalismo e bom senso.

A este Programa de Pós-Graduação. Pela excelência do corpo docente e pela competência de seu secretário, Chico.

RESUMO

O tema central deste estudo é o corpo, tendo como pano de fundo a estratificação social de Juiz de Fora. A partir de uma bibliografia que consta mais extensamente de Mauss, Geertz, Lévi-Strauss e Santaella surgiu a dúvida em relação a se as representações de corpo de mulheres de estratos sociais diferentes seriam, também, divergentes. Para tal verificação foi adotada a entrevista em profundidade e o *corpus* deste trabalho é constituído por 4 mulheres do estrato baixo, moradoras do bairro Alto Grajaú, mães ou irmãs de alunos da escola municipal Celeida Gomes e 4 mulheres do estrato médio, do bairro Manoel Honório, mães de alunos do colégio particular Mendes Carneiro. Ambos os bairros situam-se na zona leste da cidade, inclusive são muito próximos geograficamente. Através da análise das unidades mínimas ideológicas, propostas por Gilberto Velho, foram tratadas as muitas semelhanças encontradas nos discursos das oito mulheres. Uma única diferença que surgiu nas falas dos dois grupos refere-se aos seus posicionamentos em relação à existência de mulheres virtuais em listas de mulheres "reais" consideradas *sexys*. Essa única divergência, a qual parecia apontar para o pertencimento a esse ou aquele estrato, foi tratada com o auxílio de Luiz Fernando Dias Duarte e Elizabeth Boot. Interessava investigar se haveria diferenças discursivas sobre o tema corpo que pudessem *apontar* para o fato de pertencerem ao estrato médio ou baixo. A intenção não era a de, através de seus discursos, submeter as mulheres a padrões classistas já existentes. A questão da mobilidade social surgiu como fator importantíssimo na análise das diferentes opiniões sobre a mulher virtual. O estrato médio aqui referido é aquele limítrofe com o estrato baixo e, talvez por isso, os discursos sejam tão parecidos e a diferença que aponta para o pertencimento a estratos sociais distintos seja advinda da ascensão que as mulheres do bairro Manoel Honório tiveram, uma vez que já figuraram no estrato baixo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Estratos sociais. Mulheres. Representações.

ABSTRACT

The main subject of this paper is the body itself and as a background the social complex of Juiz de Fora. From a bibliography which is in more of Mauss, Geertz, Lévi-Strauss e Santaella a doubt was raised concerning the women's body representations in different social scales. Not only different but opposite. To check it I used interviews and the *corpus* of this paper which is made of 4 women from the low social class, all of them living in Alto Grajaú district- mother or sister of students from the Celeida Gomes public school – and 4 women from the middle social class chart living in bairro Manoel Honório – mothers of students from Mendes Carneiro private school. Both districts are located on the east side of Juiz de Fora and are near from each other geographically. Through analyses of *unidades mínimas ideológicas*, proposed by Gilberto Velho, in “A utopia Urbana”, were worked out the several resemblances found in the women's speech. The only difference which came up in their speeches was studied with the support of Luiz Fernando Dias Duarte, in “Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas” and Elizabeth Bott, in “Família e rede social”. It made me interested to investigate if there were different speeches about the body as a theme which could point the fact of being part of the low chart or the middle chart. I didn't want, through their speeches to put the women under of any preexisted standard. The social classes difference came up as a very important matter as analysing the opposite speeches between the two groups. The middle social class group is close to the low social class group and that is why their speeches are very alike, only different because they from different social class and because of the rising of women from Manoel Honório district once classified in the low class.

Key words: Body. Social classes. Women. Representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CORPO, CULTURA E SOCIEDADE	16
1.1 Corpo e filosofia	16
1.2 O corpo como fato social total	20
1.3 Corpo, natureza e cultura	25
1.4 O corpo e a noção do "eu"	29
2 A CIDADE, OS BAIRROS, AS MULHERES	35
2.1 A cidade	36
2.2 O bairro Alto Grajaú	39
2.2.1 Celina	41
2.2.2 Lúcia	45
2.2.3 Mariana e Cátia	48
2.3 O bairro Manoel Honório	55
2.3.1 Eunice	57
2.3.2 Vera	60
2.3.3 Vanda	62
2.3.4 Ana	65
3 ALGUNS APONTAMENTOS	69
3.1 As similaridades	72
3.2 A diferença	90
CONCLUSÃO	99
BIBLIOGRAFIA	104

INTRODUÇÃO

Creio ser mais adequado denominar meu objeto de estudo de *sujeitos de estudo*. Uma vez que pesquisei representações de mulheres, de diferentes estratos sociais, acerca do tema corpo, acredito que tratá-las como sujeitos traga à cena humanidades potencialmente perdidas ou diluídas se me referisse a elas como objeto.

Todo processo pelo qual passei em busca de meu tema corrobora fielmente o que bem ressalta Teresa Pires do Rio Caldeira (1988, p. 136) quando discorre sobre a influência do meio nas escolhas dos temas de estudo. Melhor dizendo, não houve uma busca por algum objeto/sujeito de estudo; houve, sim, um processo de reconhecimento do que poderia se traduzir numa pesquisa. Um reconhecimento de condutas e relações diárias que eu estabelecia com as mães de meus alunos nas duas escolas onde lecionava.

Antes mesmo de me formar em Educação Física iniciei meu trabalho na escola particular Mendes Carneiro¹. Uma escola que em tempos passados comportava cerca de 800 alunos, divididos desde o "maternal" até o Ensino Médio, mas que, devido a circunstâncias financeiras adversas, desde a minha entrada não comportava mais de 200, com a extinção do Ensino Médio. Tal escola, por ser a típica escola-particular-pequena-de-bairro, tem por clientela filhos de pais essencialmente *white collars*, como especifica Gilberto Velho, em **A Utopia Urbana** (1989). O espaço escolar abriga, dessa forma, a prole de funcionários públicos, comerciantes, vendedores, professores e profissionais liberais. Os alunos, na sua grande maioria, cumprem uma agenda bastante cheia durante os dias da semana. Quando não estão na escola, cursam escolas de idiomas ou praticam algum esporte, desde a mais tenra idade. É uma população que, além de me ser familiar pela identificação de estrato social médio, também não me causa estranheza por habitualmente nos encontrarmos no comércio do bairro Manoel Honório, o bairro da escola. E muito próximo ao meu.

Cerca de metade dos alunos chega e sai da escola no carro de um dos pais. O que mais se vê são modelos populares, porém recentes e, alguns, importados. Outro tanto, menor em relação ao primeiro, chega e vai embora de *van*. A relação com os pais desses dois grupos de alunos ocorre, quase que exclusivamente, nas reuniões bimestrais para a entrega dos boletins. O terceiro grupo de alunos, aqueles que são levados pelos pais ou outro tipo de parente e que chegam e vão embora da escola a pé, constitui o grupo cujos responsáveis têm maior entrosamento com os professores e funcionários da escola, já que ficam na porta do

¹ Adoto nomes fictícios, que guardam alguma consonância com a realidade, tanto em relação às escolas quanto às mulheres que pesquisei.

estabelecimento um pouco antes e um pouco depois dos momentos de entrada e saída das crianças. É desse grupo, composto majoritariamente por mulheres - mães, avós, tias e irmãs - que são oriundas as 4 entrevistadas dessa escola.

Após dois anos de trabalho na escola Mendes Carneiro, ingressei, também, na rede pública de Juiz de Fora, mais precisamente na Escola Municipal Celeida Gomes, no bairro Alto Grajaú. Trata-se de uma escola pequena, na qual, literalmente, tudo é pequeno. Comporta cerca de 250 alunos de 4 a 6 anos e tudo é adaptado a essa faixa etária, da forma das salas à altura do bebedouro. Praticamente não existem alunos que chegam e saem da escola de carro. Em relação ao trajeto de ida e volta até o colégio, é interessante notar que formam quase um bloco homogêneo, no sentido de todos irem a pé. Apesar da prevalência maior de mulheres levando e buscando as crianças, nessa escola, percebe-se maior presença de homens cumprindo essa tarefa. Avôs, tios, irmãos e vizinhos.

Voltando para casa, também a pé, percebo muitos alunos brincando na rua desacompanhados de algum dos pais, muito embora tenham, no máximo, 6 anos de idade. Há, também, sempre muitas mulheres, mais que homens, sentadas na calçada conversando. Estranhei muito essa realidade quando identifiquei que a maioria delas integra o programa Bolsa Escola² do Governo Federal. Julguei-as. Volto a pé para casa pois, também, essa escola é próxima de onde resido.

Acredito que meu estranhamento tenha começado não tanto pela convivência em contextos tão diferentes, mas, pura e simplesmente, por, da janela da minha casa, eu conseguir observar esses dois bairros tão próximos, tão integrados e tão díspares.

Passo ao relato do que efetivamente ocorreu e que desencadeou o processo de reconhecimento do meu tema de estudo. Percebo que toda minha trajetória na pesquisa, até o momento da escrita deste trabalho, corrobora, também, as três fases do trabalho antropológico, brilhantemente constatadas por Roberto Cardoso de Oliveira (1994), quais sejam o olhar, o ouvir e o escrever. A cada instante que fizer alusão a um desses três momentos, acrescentarei o pronome "-se" ³ para referir-me a questão da reflexividade tão inerente à pesquisa em Antropologia. Tão presente em meu percurso.

² O Bolsa Escola é um programa de renda mínima do Governo Federal, idealizado por Cristóvão Buarque e colocado em vigor através da lei 10.219, de 10 de abril de 2001. Integram o programa famílias com renda mensal per capita inferior a R\$ 90,00 e que tenham filhos de 6 a 15 anos frequentando o Ensino Fundamental regular. A família recebe R\$ 15,00 mensais por filho, limitado a R\$ 45,00, ou 3 crianças, por família, sendo o pagamento cancelado se houver mais de 15% de faltas do aluno a cada trimestre. (Visita ao site www.mp.ba.gov.br em 21/05/2008)

³ Expressão inspirada na tese de doutorado de Anderson Luiz da Silva "Vozes etnográficas: ler (-se) e escrever (-se) (n) o outro".

Creio que a questão do olhar(-se) esteja estritamente relacionada a uma das instâncias do *estranhamento*, premissa de suma importância para o trabalho antropológico. Apresentando-se esse estranhamento também no ouvir(-se), por vezes, o que se nota é o seu maior impacto no momento do olhar, uma estranheza visual que, *a posteriori*, desencadeará um processo de percepção mais cômico por parte do pesquisador em relação a seu objeto ou sujeito de estudo.

Como a escola Celeida Gomes⁴ recebe somente crianças muito pequenas, os responsáveis por elas adentram no estabelecimento para levá-las e buscá-las. Certo dia, uma adolescente de aproximadamente 17 anos foi buscar sua irmã na sala onde eu estava, trajando uma camisa de malha tipo "*baby look*" e uma calcinha. Somente isto. Num primeiro momento tive a impressão de estar vendo errado, aquilo não podia ser; porém, numa "olhada" mais apurada realmente constatei ser uma calcinha, maior do que as habituais, mas, ainda assim, uma calcinha. Espero não ter demonstrado meu choque, uma vez que, obviamente, essa menina é uma das escolhidas para meu estudo.

O que pretendo expor é o ínfimo primeiro momento em que o choque de culturas promove um arrebatamento tamanho, capaz, até, de promover a dúvida sobre o que se está a olhar. De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1995, p. 3) "(...) o homem não pensa sem a ajuda de categorias" e, para mim, "calcinha" aloca-se na categoria de roupa íntima. Minhas representações referem-se ao que deve ser reservado e não exposto, e, nas representações de meus pares - as outras professoras da escola - numa conversa ulterior, também verifiquei a mesma reação. Essa junção de representações tão parecidas, senão idênticas, nesse caso, terminou por corroborar meu pensamento inicial: como ela expõe sua intimidade desse modo?

Naquele momento, no entanto, a questão que cabia era: o que é "calcinha" para ela? Em qual categoria ela representava essa peça de roupa? Creio que o auxílio da teoria, aqui, se dê no sentido de sensibilizar o olhar para perceber o outro, como ressaltam Roberto C. de Oliveira (1994, p. 19) e Geertz (1998, p.86). Se nossa identidade está diretamente relacionada ao contexto em que estamos inseridos e aos nossos pares, por que não observei maiores olhares de espanto, como o meu, ou ouvi comentários sobre a famosa calcinha entre os outros indivíduos que estavam na escola buscando as crianças?

Não estou propondo uma unanimidade polarizada, tendo de um lado, nós, professoras, com nosso impacto e, de outro, a comunidade do bairro totalmente naturalizada com aquela situação. Exponho apenas que, se houve qualquer incômodo ou choque por parte das outras

⁴ Tanto o Colégio Mendes Carneiro, quanto a escola Celeida Gomes serão melhor contextualizados no capítulo 2, no qual tratarei dos bairros onde estão localizados.

peessoas que buscavam os alunos, elas o manifestaram de modo tão peculiar que não percebi. A teoria que trata dos indivíduos como seres sociais leva-me a perguntar: o que significa, para esta adolescente, os olhares de seus pares sobre seu corpo pouco vestido? (Mantendo sempre à vista que, segundo seus próprios critérios, ela poderia se considerar muito vestida.)

Acredito que o estranhamento passe, necessariamente, pelo acionamento do arsenal simbólico de quem estranha e, assumindo essa afirmação como certa, os símbolos ganham papel de destaque em relação à construção do olhar. Há muito minha rede social é formada por indivíduos que veriam nessa situação algo extremamente diferente, ou, até mesmo, despudorado. Para mim, a questão da reflexividade entra em foco neste momento ao passo que, quando pequena, fui socializada numa vila onde as mulheres também andavam "pouco vestidas". Lembro-me mais de sutiens com shorts ou saias, do que de calcinhas com blusas. Tudo o que para mim significava roupa íntima, veio à baila nesse ínfimo momento em que a mocinha apareceu de calcinha na escola. Quando adolescente, minha família mudou-se para o bairro onde resido até hoje. Próximo ao anterior, porém reconhecidamente tido como melhor pela população da região. Puramente residencial. É claro que a liberdade para escolher este novo bairro foi conferida por uma ligeira mudança no poder aquisitivo de minha família. A partir de então, adolescente que era, fui forjando concepções diferentes sobre pessoas, famílias, vizinhos, entre outras. O episódio da "menina da calcinha", faz-me vislumbrar claramente a mobilidade social de minha família que, tão nitidamente, exemplifica a questão de projeto, tratada por Gilberto Velho em **Individualismo e Cultura** (1981 pp.105-109).

Gilberto Velho também ressalta, nessas mesmas páginas, a importância de se estudar o familiar. No meu caso essa familiaridade dá-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, as mulheres de ambas as escolas me são familiares, e eu a elas, por convivermos, por alguns momentos, em um mesmo espaço durante determinados dias da semana. A familiaridade da presença física. Por outro lado, as mulheres da escola pública me são familiares, e nesse caso a recíproca não é verdadeira, pois remetem às minhas mais longínquas lembranças de um determinado estrato social - o baixo - no qual fui socializada durante minha infância e parte da adolescência. Logo percebi que seria bastante difícil identificar e delimitar as fronteiras culturais existentes entre mim, as mulheres da escola Celeida Gomes e as do Carneiro Mendes.

O grupo das 4 mulheres do bairro Alto Grajaú é formado pela "menina da calcinha", sua mãe, e outras duas com as quais tive sempre maior contato e abertura, e que são bastante participativas na escola. A escolha por estudar somente mulheres ocorreu em consequência de meu primeiro estranhamento advir de um contato visual com uma jovem. Mesmo na escola

Celeida Gomes, onde noto maior presença de homens, elas ainda são a grande maioria. O episódio tratado acima fez-me observar com mais acuidade as mulheres da escola particular. E, como já percebia, realmente elas se vestiam e portavam diferente das da outra escola. Em algum momento inclinei-me à idéia de entrevistar homens. Gostaria de saber sobre suas concepções de mulher, roupa, trabalho etc, pois acreditava que as mulheres da escola Celeida Gomes se vestiam e portavam de determinada forma para chamar a atenção deles. Duas razões me fizeram desistir da empreitada. Primeiro porque não havia tempo hábil para tanto. Segundo porque percebi que estava no campo das representações de um grupo - o das mulheres. E é a elas que devia me dedicar e com elas contentar.

Meu estranhamento partiu, espero ter ficado claro, da observação de jeitos diferentes de andar, portar-se, vestir-se, gesticular etc entre as mulheres das duas escolas onde lecionava. O ápice dessa observação foi o ocorrido relatado anteriormente. Todos esses "jeitos" são veiculados através do corpo. Porém, não é do corpo em si que se pode depurar algum significado sobre eles. Acredito que seria desonesto e insuficiente alguma análise que levasse em conta somente minhas observações diárias desses grupos. Parti, então, para o estudo das representações que esses 2 grupos tinham acerca do corpo. Creio não poder denominar de etnografia minha convivência com essas mulheres. Não realizei nenhum trabalho, no sentido malinowskiano do termo, no que tange à etnografia clássica. Estava sim, de alguma forma, inserida nos contextos onde vivem essas mulheres - os bairros. Não em suas casas e famílias.

Optei por adotar a *entrevista em profundidade* como método de estudo. Trata-se de uma entrevista semi-estruturada acerca de temas que julguei pertinentes ao grande tema corpo e que aparecerão no momento da análise das entrevistas. Tal escolha foi feita ciente de que o discurso, muitas vezes, não é suficiente para uma análise que extrapole o nível consciente dos sujeitos de pesquisa. Autores como Cláudia Fonseca (1999) e José G. C. Magnani (1986), entre outros, mencionam explicitamente os engodos que o peso excessivo na fala dos informantes pode causar. Outras fontes de discurso como a gestualidade, a vestimenta e o comportamento, por exemplo, devem ser captados em prol de uma descrição final mais honesta com o sujeito de pesquisa. Julgo ter apreendido um pouco do "discurso corporal", digamos assim, desses dois grupos de mulheres através da convivência de mais de 4 anos no ambiente escolar. Discurso que pode me auxiliar, uma vez conjugado com as entrevistas, numa análise mais densa das representações das mulheres acerca do corpo, tendo em vista que me oferece subsídios para adentrar num nível menos consciente, determinante de certas condutas.

O presente trabalho encontrar-se-á dividido em 3 capítulos e mais as conclusões finais. O primeiro capítulo refere-se à análise do que poderia ser explicitado como "o corpo na sociedade e a sociedade no corpo". Trata-se de um capítulo essencialmente teórico, que, em grande parte, foi determinado pelas categorias que surgiram nas entrevistas. Utilizo, mais extensamente, Durkheim (2007), Mauss (2003), Geertz (1978, 1998), Lévi-Strauss (1976), Euler David de Siqueira (2003) e Lucia Santaella (2006). O segundo capítulo diz respeito à descrição da cidade onde a pesquisa foi realizada - Juiz de Fora; dos bairros - Manoel Honório e Alto Grajaú - e das mulheres, bem como os momentos que passei com elas, minha abordagem e recepção em suas casas. No terceiro capítulo analisarei trechos de entrevistas, que apontaram para uma grande similaridade sobre as representações de corpo dos dois grupos de mulheres, com base nas *unidades mínimas ideológicas*, propostas por Gilberto Velho, em **A utopia urbana** (autor imprescindível, posto que meu trabalho refere-se a grupos urbanos). Ainda neste capítulo, utilizarei Luiz Fernando Dias Duarte, em **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas** (1986), para analisar uma única diferença significativa que surgiu nos discursos das mulheres e que aponta para ideologias diferentes em estratos igualmente diversos, já apontando para algumas conclusões. Por último, procurarei explicitar, nas conclusões finais, o proveito deste trabalho e uma análise panorâmica sobre as conclusões às quais cheguei.

Acredito ser de grande valia explicitar, desde já, que, de chofre, associei as pretensas diferenças entre as mulheres dos dois bairros ao fato de pertencerem a classes sociais distintas. O primeiro autor que me ocorreu foi Boltanski, em **As classes sociais e o corpo** (1989). Apesar de perceber semelhanças na intenção do estudo, acreditei ser mais válido, e menos problemático, associar meu trabalho mais à noção de *estrato social*, de Velho, do que à *classe social*, de Boltanski. Explicitando melhor: primeiro, embora tenha plena consciência de que os dois grupos de mulheres ocupem posições diferentes na estratificação social de Juiz de Fora, percebi que há vários elementos intersticiais⁵ entre os dois estratos, os quais, se me aprofundasse na análise de classe, me fariam perder de vista meu interesse principal, o corpo; segundo, este é um trabalho que se pretende analista de grupos particulares - o de mães de duas escolas - consequentemente um trabalho de cunho cultural e não generalista. Preocupe-me mais em ser coerente e justa com as mulheres que pesquisei depurando de suas falas algum significado que diga respeito *a elas próprias* e menos em deprender deste trabalho algum sentido generalizante - tanto de minha parte quanto da parte de quem o leia.

⁵ Elementos como: partilharem do mesmo *locus* nos momentos de lazer; fazerem compras, grande parte das vezes, no mesmo supermercado; comprarem roupas nas mesmas lojas, entre outros.

Um último ponto a ser ressaltado refere-se à escolha de formular um capítulo teórico que versasse somente sobre o corpo. Apesar de minha inspiração inicial vir de uma estranheza visual, digamos assim, no que tangia aos modos de vestir, andar, gesticular, entre outros, dos dois grupos de mulheres, nunca foi minha intenção classificar suas representações sobre corpo em algum parâmetro de classe já estabelecido. A intenção era averiguar, a partir dos seus discursos, aliados à minha convivência de anos com elas, se haveria algum ponto que pudesse sugerir que diferentes visões de mundo tivessem surgido em função de pertencerem a estratos diferentes. O foco principal sempre foi o corpo e, por isso, uma única divergência que parece ter surgido em função de seus pertencimentos a esse ou aquele estrato, é que me levou a utilizar uma bibliografia sobre a questão de classe social somente no capítulo em que analiso as entrevistas. Espero ter ficado claro que se trata de um estudo muito particular, uma vez que diz respeito somente às mulheres que entrevistei, o que retira dele qualquer potencial para generalizações.

Tratando-se de um estudo essencialmente cultural, julgo que o ponto mais rico sejam as entrevistas. Tanto que foram elas o maior determinante na escolha bibliográfica e serão elas que conferirão verdade a esta pesquisa. Assim espero.

1. CORPO, CULTURA E SOCIEDADE

"(...) de tanto existir, não se acabou ainda."

SARAMAGO

O tema corpo suscita inúmeras discussões. De fato, essa entidade já tão penetrada pela Ciência, ainda permanece um tanto misteriosa e passível de mais tantas abordagens quantas se desejar. A abordagem que é aqui utilizada refere-se àquela que trata o corpo como um *fato social total*. A escolha por tematizar o corpo nessa perspectiva emergiu do trabalho de campo, o qual tornar-se-ia representativo se somente fosse tratado à luz das categorias que surgiram nas próprias entrevistas. E estas referem-se, explicitamente, à noção de homem total, de Mauss. O corpo é uma excelente categoria de análise da sociedade, do ponto de vista simbólico, de seus elementos e suas oposições. Em Mauss, ele é, como totalidade indissolúvel entre as dimensões psíquica, fisiológica e sociológica, bom para pensar o total, a totalidade e tudo o que está presente nela.

Uma vez que meu maior interesse é o de pensar o corpo enquanto elemento ímpar para compreender os arranjos simbólicos que estão presentes na sociedade, este trabalho prescindirá de abordar a história do corpo como contexto norteador das análises ulteriores.

1.1 Corpo e filosofia

Creio ser pertinente situar o corpo, sucintamente, em algumas grandes correntes do pensamento filosófico, a fim de explicitar que ora o colocam em cena, ora o colocam em cheque. Para tanto, o artigo "Ciência, corpo e mente como categorias do conhecimento" (2003), de Euler David de Siqueira, é bastante esclarecedor.

De acordo com o autor, nas filosofias de Platão (428 ou 427 a. C - 348 ou 347 a. C.) e Descartes (1596-1650), o corpo figura como obstáculo ao conhecimento da essência da

verdade; já em Aristóteles e David Hume, o corpo (palco dos sentidos) exerce papel central na construção do conhecimento. A busca pelo verdadeiro conhecimento orienta o *locus* do corpo em todas as correntes, as quais se contrapõem alternadamente. Parece que a lógica opositora é a que mais se aproxima de um entendimento claro do movimento dessas correntes. O par corpo-mente, ou melhor, corpo x mente, parece estar sempre presente no âmago das proposições, operando cada termo em detrimento do outro, de acordo com os conceitos de realidade e conhecimento que orientavam a posição de cada pensador.

SIQUEIRA (op. cit. p. 3), ressalta duas formas de saber na Grécia clássica: a ciência e a técnica. A técnica é ação modificadora e comunicativa, fabricando algo que não existe na natureza. Já a ciência é, essencialmente, ou era em Platão, ação contemplativa do homem, que explica o mundo sem alterá-lo. Ainda de acordo com SIQUEIRA (op. cit.), para Aristóteles (384 a. C. - 322 a. C),

"os objetos ou a natureza do ser que é conhecido são hierarquizados e estratificados. De acordo com essa visão, toda forma de conhecimento tem origem na sensação e percepção, enfim, na experiência sensorial. Isso, contudo, não exclui a importância que a razão possui no processo de conhecimento, muito ao contrário, é ela que tratará de elaborar os conceitos e propor relações mais abstratas."

Criticando o pensamento platônico, Aristóteles coloca os sentidos em cena, os quais, através das experiências sensoriais, comporiam a fonte primeira do conhecer. Sendo essas experiências sensoriais passíveis de acontecer somente através do corpo, ei-lo em pauta, uma vez que, "não há nada na mente que não tenha passado antes pelos sentidos" (op. cit. p. 03).

Antes de depreender qualquer significado acerca do corpo na filosofia aristotélica, é importante ressaltar apenas sua presença nessa mesma filosofia. Posto que o corpo figura, antes de tudo como uma presença, não é ainda que ele se inflará de significados, pois não é dissociado da alma. Corpo e alma formam uma unidade que será desfeita a partir do século XVII. A materialidade do corpo vem ao encontro da filosofia de Descartes, pai do racionalismo francês, que duramente criticará Aristóteles.

Descartes, um dos fundadores do que se convencionou chamar de ciência moderna, coloca em cheque a noção de conhecimento através dos sentidos, tendo em vista que a experiência sensorial pode levar ao erro. A filosofia cartesiana ressalta que a realidade é formada por duas substâncias: a *res-extensa*, a matéria e a *res-cogitans*, o pensamento ou espírito. A *res-cogitans* seria indivisível, e o pensamento livre, intencional e transparente; a *res-extensa* seria divisível, subjetiva e inerte (idem p. 06). Assim sendo, "o corpo humano (...)

seria regido pela mecânica, pela matéria divisível, ainda que ele (Descartes) buscasse uma ponte que ligasse o corpo extenso do homem e sua mente infinita e indivisível." (idem p. 07) Pode-se inferir que, sendo o corpo constituinte da parte divisível e inerte da realidade, ele não pode ser meio para obtenção de nenhum conhecimento puro e confiável. Os sentidos seriam fonte de ilusão sobre o conhecimento do mundo, o qual verdadeiramente só poderia ser apreendido através da razão.

Para Descartes, "a razão seria anterior e independente à experiência" (idem p. 07). Razão e experiência formariam uma polaridade que poderia ser traduzida pelo par corpo/mente sendo, justamente, a partir dessa dicotomia que o corpo começa a se encher de significados. Descartes recupera o pensamento platônico ao afirmar que o conhecimento existe independente da experiência empírica e, mais ainda, se o empiricismo, no pensamento aristotélico, refere-se aos sentidos, esses desaparecem do pensamento cartesiano como categoria de construção do conhecimento. Desaparecem os sentidos, some o corpo. Apesar de o corpo ser o termo fraco do par mente/corpo (idem p. 07) essa dicotomização permeará as noções sobre corpo nos séculos seguintes. A não presença do corpo na filosofia cartesiana, se lançarmos mão, mais uma vez, da lógica opositora como estrutura de pensamento, lançaria as bases para o posterior interesse crescente acerca dessa entidade. Isso Descartes não poderia prever.

Corroborando a alternância do pensamento filosófico, no que tange à presença/ausência do corpo, outro pensador vem contestar a razão como forma verdadeira do conhecimento e criticar Descartes: David Hume (1711 - 1776).

Para Hume, a realidade objetiva é sempre infinita e incognoscível, portanto, impossível de ser compreendida através da razão e, ainda, o papel da ciência seria o de " controlar e regular os eventos futuros através de suas causas" (idem p. 08). Remontando ao pensamento aristotélico, essa realidade objetiva só seria verdadeiramente conhecida através da experiência sensorial, a qual, em si mesma, não conteria subsídios para sustentar a relação causa e efeito, através da qual conheceríamos o mundo na filosofia cartesiana.

O conhecimento só se daria *a posteriori*. *A posteriori* da experiência. As experiências sensoriais do mundo externo ou interno são as impressões, percepções ou sensações fortes, e as lembranças dessas impressões são as percepções fracas (idem p. 08). A questão do pensamento humeano se dá no sentido de que não há nada nessas experiências que garanta a afirmação de que a algum fato sempre se suceda outro. A certeza de que uma determinada causa fatalmente gerará um determinado efeito seria uma certeza oriunda do hábito, do

costume, do pensamento, logo, da razão. Seria uma certeza cultural e não experiencial. QUINTON (1999, p 24, apud SIQUEIRA, p 10), ilustra:

"por influência da associação, nossa experiência de uma conjunção constante leva-nos, por uma questão de costume ou hábito, a ter uma vívida expectativa de uma vidraça se despedaçando quando vemos um tijolo voando em sua direção. A impressão da qual deriva nossa idéia de conexão necessária não é uma impressão de sensação, mas de reflexão, de nos sentirmos compelidos a esperar que a vidraça se quebre ao perceber o tijolo voando em direção a ela."

A visão antecipada da janela se esfacelando seria forjada porque se pensa, a partir das experiências já experimentadas, que ela se quebrará. De acordo com Hume, não há nada na experiência que possa levar a essa dedução. O que há, sim, é algo se sucedendo quando em presença de uma outra coisa (p.10). Nos dias de hoje, esse vidro poderia ser blindado, o que mudaria radicalmente o cenário final do episódio, por exemplo. Nesse sentido, causa e efeito teriam existências autônomas e não necessariamente se constituiriam como sucessões cronológicas. (p. 10) A idéia de causalidade é imaginativa e não experiencial.

A filosofia humeana parece levar ao extremo o empiricismo. Ao afirmar que as impressões são sempre mais vívidas que as idéias, o autor destaca: "todas as nossas idéias são cópias de impressões ou, em outras palavras, é-nos impossível pensar em algo que antes não tivéramos sentido, quer pelos nossos sentidos externos quer pelos internos." (HÜME, 1972, p. 61 apud SIQUEIRA p. 09) O extremo empírico dos sentidos seria mais o quê, senão o próprio corpo? Os sentidos só *são* porque o corpo *é*. E, assim, chega-se à maior presença que essa entidade assumiu até então. Uma presença praticamente pura e irrefutável. Diferente de Aristóteles que propõe a experiência sensorial como origem do conhecimento, Hume parece dizer que essa experiência é o próprio conhecimento.

Mesmo a ausência do corpo parece subjazer à construção das noções de realidade e conhecimento das filosofias aqui sucintamente tratadas. Se me propusesse a continuar este empreendimento, certamente o próximo filósofo seria Immanuel Kant (1724-1804). E, certamente, também, apareceria no texto a dissolução da experiência sensorial como fonte do conhecimento; e o que se colocaria em seu lugar a não ser, mais uma vez, a razão? Talvez seja somente em Mauss que essas análises dicotomizantes cedam lugar a uma teoria complexa que aborda o corpo como representante de um todo social.

1.2 O corpo como fato social total

Em **As regras do método sociológico** (1895), Durkheim deixou bastante claro que os fatos sociais, para fins de método, deveriam ser tratados como *coisas*. Desse ponto de partida, o autor passou a sugerir como eles deveriam ser compreendidos e explicados. Obviamente Durkheim conceitua *coisa*, e é aí que reside o interesse deste trabalho. No prefácio à segunda edição (2007), tem-se:

"É coisa todo objeto de conhecimento que não é naturalmente apreendido pela inteligência, tudo aquilo de que não podemos adquirir uma noção adequada por um simples processo de análise mental, tudo que o espírito só consegue compreender na condição de sair de si próprio, por via de observações e experimentações, passando progressivamente das características mais exteriores e mais imediatamente acessíveis às menos visíveis e às mais profundas." (pp. 16/17)

E já no corpo do texto, mais uma definição: *"É coisa, com efeito, tudo o que é dado, tudo o que se oferece, ou antes, se impõe à observação⁶."* (p.51)

Se trasladarmos o conceito de coisa para o conceito de corpo, acredito que se obtenha uma noção suficientemente completa da noção de corpo que tento tratar neste trabalho. O corpo não seria um dado? E o que mais seria senão algo que se oferece à observação e à experimentação? Com a qualidade ímpar de que quem experimenta pode ser quem mesmo observa. O corpo é um dado tão concretamente estabelecido que, por vezes, torna-se difícil aperceber-se dele próprio, como no caso da clássica anedota que Maurice Leenhardt (1947)⁷ nos conta:

"Um dia ele (Maurice) conversava com pessoas da Nova Caledônia que recebiam sua instrução religiosa desde vários anos e, com o propósito (...) de avaliar o progresso que haviam feito, arriscou a seguinte questão: 'Afim, foi a noção de espírito que introduzimos no pensamento de vocês, não foi?' Mas eis que um homem chamado Boesoou, que havia sido mestre do discurso ritual (e, de acordo com Clifford, 1998, acabou se tornando pastor), declarou então o seguinte: 'Espírito. Que nada! Vocês não nos trouxeram o espírito. Já sabíamos da existência do espírito. Agíamos segundo o espírito. O que vocês trouxeram foi o corpo!'" (LIMA, 2002, p.10)

⁶ Esse trecho, assim como todos os outros em destaque, foi transcrito literalmente como se apresenta no livro. A expressão "dado" parece dizer respeito a *dado*. Talvez se trate de uma questão de tradução, a qual mal adequou o termo ao texto. Em todo esse trabalho aparecerá a expressão *dado* quando me referir a esse trecho.

⁷ Retirada do artigo "O que é um corpo", de Tânia Stolze Lima.

De acordo com Bastide (1973, p. 33 apud Duarte, 1986), o espanto de Leenhardt deveu-se ao fato de que o Melanésio se encontrava mais fora do que dentro de si mesmo: "no seu totem, na sua linhagem, na natureza e no social." O ensinamento cristão vinha propor que o sujeito desfizesse essas amarras e começasse a se identificar apenas pelas fronteiras de seu corpo. A percepção ocidental de que se tem/é um corpo muda profundamente a direção do olhar perante a vida: do macro – a natureza, os totens etc. – passa-se ao micro – a pele.

Trato o corpo segundo o conceito durkheimiano de coisa não para fazer referência, ainda, à sua existência como um fato social, mas, antes, para conceituá-lo, ou, menos ainda, para deixar claro a qual noção de corpo me filio. Não proponho que a expressão *coisa* seja substituída pela expressão *corpo*, nos trechos transcritos acima. Creio não ser simples assim. E é em Lévi-Strauss que encontro subsídios para alocar um conceito - ou uma noção -, que antes determinava um certo objeto, em outro objeto. Na "Introdução à obra de Marcel Mauss" (2003 p.42), o autor ressalta a existência de um excedente de significantes em relação ao número de significados. Se não menciono que o conceito de coisa é um conceito de coisa, este torna-se flutuante à espera de um significado ao qual vincular-se. É nesse sentido que, recorrendo a este excedente de significantes, encontro o conceito de coisa, e o uso para definir corpo. Ironicamente, parece que, em última instância, é o próprio significado que dá sentido ao significante.

O corpo, então, é algo que está posto. Ou, antes, é algo que *é*. O corpo é imanente à própria condição de *ser*. Só sou, porque sou corpo e, mesmo quando encarado como *locus* da mente ou do espírito - categorias freqüentemente associadas de forma opostora ao corpo - é meio *sui generis* da existência. O corpo não é captado pela inteligência pura. Parece sempre ser necessário recorrer a experiências pessoais e modos de vida particulares para refletir sobre a questão 'O que é corpo?'. Nesse sentido, o corpo não é um dado inerte. É um dado histórico, expressivo e modificador, portanto, técnico.

A noção de técnica confere ao corpo uma forma social. Quando Marcel Mauss, em "As técnicas do corpo", de 1934, retira-o das análises evolucionistas do século XIX, o autor propõe seu tratamento como objeto comunicativo, através da noção de técnica corporal. Para ele "o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo." (2007 p. 407) E se quisermos, ainda, vincular ato técnico e instrumento, ele nos oferece: "O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem" (idem). Se considero, como SIQUEIRA (op. cit.), que todo ato técnico é comunicativo e modificador, então pode-se inferir, também, que o corpo altera enquanto comunica, e vice-versa. Estamos também no plano de uma dialética. A questão oriunda dessa inferência é a de como esse corpo se

comunica tornando-se assim um dado simbólico. Comunicando e alterando através de códigos majoritariamente não verbais, o entendimento acerca do que ele quer dizer, passa necessariamente pelo âmbito das representações, as quais se configuram como uma porta de entrada para a decodificação dos atos técnicos em práticas, gestos e ações significativas e comunicativas. Tais atos engendram uma linguagem menos objetiva que a verbal, porém que informa muito mais, uma vez que carrega símbolos muitas vezes não conscientes pelo próprio indivíduo. A inserção da dimensão social no trato com o corpo é exemplo do brilhantismo de Mauss, que não deixa lacunas ao ir adiante com a proposição de, além de se constituir como um fato social, o corpo ser um fato social total.

De acordo com o autor, a noção de homem total deve ser a norteadora no desvelar de como os homens servem-se de seus corpos. Os atos técnicos dos homens só ganham sentido se entendidos sob a tríade: social-psicológica-biológica (2003, pp. 401-405). O homem é um ser total, mas, se para *ser*, ele é um corpo, então o corpo também é total. No "Ensaio sobre a dádiva" (2003, p. 187), Mauss define fato social total logo na introdução:

"Nesses fenômenos sociais 'totais', como nos propomos chamá-los, exprimem-se de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais - estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas - estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição-; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam."

As técnicas do corpo, então, parecem propor que o corpo constitui-se em dado tão significativo para análise das sociedades quanto instituições já então legitimadas, como economia, direito e religião. Assim como certa articulação econômica torna-se meio analítico e definidor de tal ou qual sociedade, hábitos corporais transmitidos desde a mais tenra idade tornam-se, também, definidores sociais, uma vez que informam sobre modos de vida que ali operam. Da mesma forma como um indivíduo, nascido numa sociedade qualquer, tem quase nenhuma autonomia sobre os códigos econômicos, jurídicos, religiosos ou políticos que ali já tramitavam, ele também não é autônomo na sua relação com seu corpo, posto que incorporará hábitos e costumes pré-existentes na cultura local. As técnicas corporais são culturalmente construídas e transmitidas pela educação. Mesmo sendo, talvez, essa transmissão a mais informal, não deixa de fazer figurar o corpo, enquanto instituição, lado a lado com as tradicionais leis do direito ou da economia, dentre outras.

Se Mauss tivesse tratado o corpo somente sob a encíclica da *instituição*, já seria uma noção suficientemente complexa e inovadora. Mas o corpo não é *somente* instituição, como a religião, a economia e a política, por exemplo, o são. O corpo - através de suas técnicas - é um fenômeno que engloba todas essas e tantas mais instituições quantas existam em uma dada sociedade. Por isso ele é um fato social total, figurando nessa seleta categoria, ao lado de fenômenos como o *potlatch*, o qual levou Mauss ao conceito desses fatos.

A noção do corpo como fato social total o eleva ao *status* de instrumento completo de análise de dada sociedade, neutralizando, de forma ímpar e irrefutável, as dicotomizações entre corpo e mente/espírito, que centralizavam as discussões até então. No entanto, ao descrever as técnicas corporais de acordo com as idades, sexos ou com a biografia normal de um indivíduo (2003, pp. 409-419), talvez Mauss deixe margem - para um neófito nas Ciências Sociais - a uma interpretação um tanto reducionista do outro: deduzir sua identidade através de suas técnicas corporais. Num momento inicial caí nesse engodo. Acreditava que poderia identificar a qual estrato social determinada pessoa pertencia apenas através de um contato visual. Uma leitura rasteira do texto desse autor talvez aponte pistas de que pode-se pensar dessa forma. Ao discorrer sobre os fatos que aguçaram sua curiosidade sobre o tema do corpo, Mauss relata:

"Uma espécie de revelação me veio ao hospital. Eu estava doente em Nova York e me perguntava onde tinha visto moças andando como minhas enfermeiras. Eu tinha tempo para refletir sobre isso. Descobri, por fim, que fora no cinema. De volta à França, passei a observar, sobretudo em Paris, a frequência desse andar; as jovens eram francesas e caminhavam também dessa maneira. De fato os modos de andar americanos, graças ao cinema começavam a se disseminar entre nós. Era uma idéia que eu podia generalizar." (pp. 403-404)

Nesse sentido, as questões que me couberam foram: em que difere o andar americano do francês? Será o corpo tão técnico a ponto de revelar identidades tão obviamente ocidentais? Ou será o corpo do outro, no sentido da simples observação, somente um meio de estranhamento que se dá em relação às técnicas corporais de quem estranha? Será que o corpo é tão minuciosamente informativo a ponto de revelar identidades, profissões e predileções? Será que o corpo não é a chance mais óbvia de intuir o outro⁸? Creio que o que dê um sentido maduro e consciencioso a todas essas questões sejam os seus alocamentos nas outras duas

⁸ Em "Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação" (1999), Cláudia Fonseca, ao abordar os perigos do uso da etnografia como método de estudos para outras áreas do conhecimento, que não as Ciências Sociais, discorre sobre a tendência da caracterização desse método como extremamente "aberto", o que pode levar à intuição do outro, massacrando-o simbolicamente.

dimensões, além da bio-fisiológica, propostas por Mauss: a psicológica e a sociológica. Creio, ainda, que Mauss não proporia uma maneira tão simplória de entender o outro. De chofre, quando em frente a um estranho, somente o que posso saber, ou achar, é que ele é, em algum aspecto, diferente de mim. Jamais poderia categorizá-lo tão precocemente. E, penso, é nesse sentido que Mauss usa o exemplo acima para ilustrar sua noção de que no adulto não existem maneiras naturais (p. 405). Nem naturais, nem literalmente iguais àquelas que se copia. A moça francesa que imita o andar da atriz americana particulariza esse andar tornando-o uma espécie de híbrido entre as duas técnicas. Não é mais um andar americano nem tampouco francês. É algo.

O elemento social da relação de imitação⁹ está na noção de prestígio de quem é imitado. O ato imitador em si relaciona-se aos elementos psicológico e biológico (p. 406). Talvez esse elemento social seja mais bem elucidado quando tratado como elemento cultural. Se o ato imitador reflete algum desejo de agir conforme o que se imita, e, se esse imitar, ocorre em função da noção de prestígio da pessoa imitada, logo, a imitação particulariza-se, através da escolha do que faz sentido ser imitado. Se a seleção do que será imitado é particular¹⁰, então é cultural. Através do estudo da moda, creio que Simmel exemplifique bastante bem a questão da imitação. Segundo o autor:

"Para a moda é essencial nesse contexto o seguinte: ela satisfaz, por um lado, a necessidade de apoio social, na medida em que é imitação; ela conduz o indivíduo às trilhas que todos seguem. Ela satisfaz, por outro lado, a necessidade da diferença, à tendência à diferenciação, à mudança, à distinção, e, na verdade, tanto no sentido da mudança de seu conteúdo, o qual confere um caráter peculiar à moda de hoje em contraposição à de ontem e à de amanhã, quanto no sentido de que modas são sempre modas de classe. As modas dos estratos superiores diferenciam-se daquelas dos estratos inferiores, e são prontamente abandonadas quando os últimos passam a se apropriar das mesmas." (2005, p.160-161)

A resposta à questão "Qual moda imitar?" seria a essência da argumentação da noção de imitação como uma noção cultural. Assumindo a proposição de Simmel como verdadeira, não seria toda a moda dos estratos superiores que faria sentido ser imitada pelos estratos inferiores. Só seria imitado aquilo que, em estado real ou potencial, correspondesse aos

⁹Talvez a expressão *educação* seja mais humana que *imitação*. Porém, faço uso de "imitação" a fim de ater-me estritamente ao texto de Mauss, mesmo que, particularmente, acredite que "educação" possa atender ao mesmo propósito.

¹⁰Particular não no sentido de ser individual, mas, ao contrário, de ser fruto dos valores de determinada sociedade situada em algum tempo e em algum espaço.

valores, crenças, símbolos e intenções dos estratos inferiores. Essa seleção seria a própria noção de cultura assumindo vida.

Através de Marcel Mauss, uma vez tendo definitivamente alçado o corpo à esfera social, começam a surgir as mais diversas abordagens no trato desse elemento biológico-psicológico-social. Talvez as ponderações do autor tenham lançado as bases para uma discussão ímpar acerca do corpo: o de ser elemento que se aloque nas dimensões cultural e natural simultaneamente. Mais uma vez, oferecendo provas de ser elemento *sui generis*.

1.3 Corpo, natureza e cultura

Ao discutir as relações entre natureza e cultura, Lévi-Strauss (1982, pp. 41 a 63) aponta que essa oposição se constitui mais como instrumento de método do que como ruptura que o homem empreendeu ao longo de seu processo de socialização. De acordo com o autor, a cultura seria sempre pontuada por uma regra ou conjuntos de regras, enquanto a natureza se caracterizaria pela universalidade dos fatos. Uma análise clara dos fatos de natureza e cultura, então, derivaria da articulação entre norma e universalidade. Assim, a relação entre os fatos de natureza e os fatos de cultura não é uma relação excludente, mas, antes, de complementaridade.

Uma vez encaminhada a discussão nesse sentido, Lévi-Strauss levanta a questão de uma única regra que tem caráter universal, qual seja, a da proibição do incesto. Por figurar como elemento que desafia a dicotomização natureza x cultura, diz o autor que essa questão foi muito timidamente tratada pelos sociólogos de até então e destaca algumas abordagens que mais corriqueiramente tentavam explicar esse fenômeno¹¹. Porém, o que mais pontualmente se adequa a este trabalho - no sentido de se pretender analista de dois grupos específicos - é a seguinte questão: uma vez constatada a existência da proibição do incesto em qualquer sociedade, os grupos sobre os quais essa proibição recai não são os mesmos de uma sociedade para outra. Ou seja, o que é casamento proibido varia de acordo com as normas locais, as quais são particulares, portanto, culturais.

¹¹ De acordo com Lévi-Strauss, as abordagens que tentavam explicar a proibição do incesto poderiam ser conglomeradas em 3 grandes blocos, a saber: a primeira assumindo que tal proibição é realmente social e natural e que existe para proteger os indivíduos dos resultados dos casamentos consaguíneos; a segunda abordagem elimina um dos termos da relação natureza e cultura, com autores postulando ora que se trata de um fenômeno

Se assumo, conforme SIQUEIRA citando Roberto Da Matta (op. cit. p. 2), que a noção de cultura associa-se a "jeitos de fazer particulares", então a seleção dos grupos aos quais se aplica determinada regra é uma entre tantas idiossincrasias de dada sociedade. Quanto mais se particulariza algum fenômeno, mais a noção de cultura se aproxima da imagem de algo dentro de algo, sendo o indivíduo - no discurso, nas condutas e no corpo - o último e menor invólucro de todas essas minúcias. Tomando a proibição do incesto como exemplo, se essa regra é, entre todas as outras, universal, ela sofreria uma primeira modulação a partir da sociedade em que está inserida, a qual determinaria qual concepção de família ela quer para si. A constituição dessas famílias levantaria as questões acerca do casamento e, nesse sentido, quais seriam tolerados e quais seriam rechaçados. Frutos de arranjos simbólicos, religiosos, econômicos ou qualquer outro, as formas de punição para os violadores da conduta esperada estariam associadas à estipulação do que é uma união viável ou não. Seriam sanções mais ou menos rígidas de acordo com as regras sociais do meio de quem as classificaria. De posse desses códigos, espera-se que o indivíduo sequer vislumbre qualquer tipo de amor romântico com seus pares proibidos.

Distante da intenção de forçar qualquer analogia entre a questão da proibição do incesto como elemento que figura nas dimensões culturais e naturais simultaneamente e o corpo, que também tem essa particularidade, torna-se necessário, caracterizá-lo, também, nesse contexto, a princípio, opositor. De acordo com SCHÜLLER (2001, p.223 apud GAYA, 2006 p. 1), "Tendências contrárias não rompem a unidade, equilibram-se, ao contrário, para garantir a atuação do conjunto." Creio que é nessa perspectiva que o corpo enquanto elemento natural e cultural assuma significados que tratem de sua totalidade enquanto fato social.

Em **O tabu do corpo** (2006), José Carlos Rodrigues trata bastante bem das questões oriundas do pertencimento do corpo a essas duas dimensões. Através da análise das reações de nojo, o autor verifica que, grosso modo, tais reações seriam representações da intolerância do homem a tudo que se opõe à ordem que a cultura instaura. Para tanto, Rodrigues parte da noção de Lévi-Strauss de que "a atividade do espírito humano é a de um estruturador inconsciente que funciona como um ordenador do relacionamento entre o homem e o mundo, não principalmente porque precisa controlar a natureza ou os eventos, visando a fins práticos, mas porque precisa determinar e sistematizar." (pp. 09-10) A questão da ordem permeia toda sua argumentação, a qual destaca para cultura o seguinte conceito:

estritamente natural, ora somente psicológico, e a terceira abordagem também elimina um dos termos, tendo como principal representante Durkheim, dando enorme ênfase ao aspecto social da proibição.

"A cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional, esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo. Viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência." (p. 11)

Tomando a cultura por um "mapa", sua decodificação por parte dos indivíduos ocorreria através das categorias de oposição que estruturam seu pensamento, sendo o par natureza/cultura a oposição fundante de todas as outras. Muito atrelado ao estruturalismo de inspiração sausseriana, de Lévi- Strauss, Rodrigues dedica grande parte do livro à questão das oposições, sendo as principais: o sagrado e o profano, o distante e o próximo, o desvio e a norma e o inconsciente e o consciente (pp. 24 a 42). Desse modo, numa concepção caracteristicamente estruturalista, a cultura só adquiriria sentido uma vez opondo-se à natureza e, num segundo plano, opondo-se a outras culturas, as quais se constituiriam como um "outro" em relação a um "nós". À noção da dicotomização entre natureza e cultura, de Lévi-Strauss, como instrumento de método, Rodrigues acrescenta que essa separação serviria, também, para demarcar para os próprios antropólogos onde começaria seu campo de investigação (p. 21). O que é biológico ou psicológico não se prestaria à análise cultural.

Uma vez determinado o campo de atuação do antropólogo, algumas questões em relação à oposição natureza e cultura começam a surgir. Creio que a mais interessante é a de que a própria noção do que é Natureza é uma noção cultural e, sendo cultural, varia de grupo para grupo (pp. 21 e 43). O tratamento e a ênfase dados a cada termo da oposição correspondem à resposta dada à questão: "O que é Natureza?", ou "O que é natural?". Que é uma resposta culturalmente construída de acordo com as concepções de harmonia e bem viver que cada grupo estabelece como ideais e que se constitui em ordem simbólica. Sabe-se que os conceitos de cultura variaram enormemente desde que se começou a pensar sobre eles e que, hoje ainda, é um conceito, muitas vezes, controverso e de difícil apreensão. Porém, acerca da oposição natureza/cultura, creio que seria válido que a obra de Rodrigues tivesse deixado claro a qual conceito de natureza o de cultura se opõe. Se, para o autor, a atuação do antropólogo começa a partir do que ele deixa para trás no campo da natureza, o que precisamente ele deixa para trás, que constituiria exatamente o *conceito cultural* de natureza? A escolha por se preocupar e enfatizar o conceito de cultura em detrimento do de natureza parece apontar para qual é o termo forte da dicotomia, porém, isso não é suficiente para daí extrair algum sentido para Natureza.

A proibição do incesto, como fato que desafiou o pensamento sociológico e suscitou abordagens extremadas e até mesmo a suposição de que não era objeto de estudo para as Ciências Sociais (Lévi-Strauss, 1976 pp. 61-62), parece ter legitimado a análise social como passível de esclarecer uma gama imensurável de questões, a princípio, bio-psicológicas. O que se observa, no entanto, é que por vezes parece haver demasiada insistência na explicação social para fatos que poderiam figurar no escopo dos estudos biológicos e psicológicos. Assim, a questão do instinto, por exemplo, parece localizar-se no mesmo interstício entre natureza e cultura, em que outrora figurara a proibição do incesto; parece pairar numa espécie de limbo, do qual não conseguiu sair pelas mãos de biólogos, sociólogos e nem psicólogos. Parece que o corpo, com Mauss, saiu. Marcel Mauss tratou o corpo fora das dicotomias que circundavam suas análises. Esse feito só poderia advir da noção de homem total, integral, ineditamente postuladas por ele já no início do século XX.

A noção de que o corpo pertence às dimensões natural e cultural parece ser auto-explicativa de tão em voga que coloca a noção de homem como ser total. Se *sou* corpo, *sou* um eu natural e cultural. Sou um eu que tem fome porque tenho pouco açúcar no sangue. Sou um eu que sente a fome com mau ou bom humor; que come mais ou come menos de acordo com a hora do dia ou da noite; que come sentado, agachado ou em pé; que agilizo ou prolongo o ato de comer; que pego o alimento com as mãos ou com algum outro instrumento; que falo de morte ou de vida à mesa; que tenho ou não tenho mesa. Sou um eu que sente dor porque martelei o dedo. Sou um eu que pragueja ou medita; que toma analgésico ou que aceita a sensação; que maldiz ou bendiz o ocorrido; que continua o empreendimento ou o deixa de lado. Compreendendo a cultura, assim como Luis Fernando Dias Duarte, como a forma que se arma determinada significação, todos esses arranjos só ganhariam sentido a partir do significado construído em dada sociedade

O modo como cada "eu", cada indivíduo, expressa os processos biológicos inerentes à condição humana representa de forma ímpar os códigos que simbolizam os valores da sociedade à qual ele pertence. Rodrigues (2006 p. 44) ressalta que " (...) cada sociedade elege um número de atributos que configuram o que o homem deve ser, tanto do ponto de vista intelectual ou moral, quanto do ponto de vista físico (...)" . Nesse sentido, o corpo biológico é afetado pela religião, ocupação, classe, entre outros "intervenientes sociais e culturais" (idem), os quais efetivamente moldam esse corpo para que atenda às expectativas lançadas e empreendidas sobre ele e, mesmo em casos de uma tentativa de "fuga corporal" do indivíduo a essa ordem estabelecida, esse desvio tem como efeito último a corroboração dos valores culturais vigentes.

Se o corpo é meio *sui generis* para que se exista, é necessário abordá-lo a partir da concepção de pessoa, a qual, literalmente, personifica esse corpo e lhe confere o simbolismo que o torna um dado tão peculiar.

1.4 O corpo e a noção do "eu"

Caracterizando seu estudo como de história social, Marcel Mauss explana a questão do surgimento do "eu" como categoria do espírito humano, em "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, do 'eu'", de 1938. Para o autor, não houve sociedade que não apresentasse alguma idéia do que fosse um "eu", porém, existiu um percurso que culminou na concepção de pessoa como indivíduo único e racional que orientaria as consciências ocidentais.

Para Mauss: "De uma simples mascarada à máscara; de um personagem a uma pessoa, a um nome, a um indivíduo; deste a um ser com valor metafísico e moral; de uma consciência moral a um ser sagrado; deste a uma forma fundamental do pensamento e da ação; foi assim que o percurso se realizou." (2007 p. 397) O que se observa é uma movimentação que parece ir lentamente rompendo o processo pelo qual a identificação do sujeito somente ocorria através de sua relação com um todo maior que ele - seu clã, seu grupo social. Um processo que se origina com a noção de pessoa de direito, passa pela concepção de pessoa moral e metafísica e culmina com a noção de pessoa individual que tem consciência do "eu" como categoria do espírito humano.

Entre os Pueblos, os Kwakiutl e os australianos, por exemplo, Mauss ressalta que, sendo povos os quais se identificavam através da comunhão com seu clã, ainda assim, havia momentos em que era permitido ao indivíduo sobressair-se a seu grupo social, através do uso de máscaras, que representariam uma personagem desempenhando um papel no ritual (pp. 372-382). Nesse ponto torna-se interessante observar como a idéia de personagem é veiculada em sociedades distintas e como a noção de sujeito oscila em contextos divergentes. Entre os Pueblos, o uso de máscaras é um direito dado ao indivíduo de se destacar do grupo, ainda que sob a forma de uma personagem, a qual a máscara representa. Para os balineses, no entanto, retratados por Geertz em **O saber local** (1998 p. 98), parece que o raciocínio é diametralmente oposto. A própria vida social desse povo é organizada de forma análoga a uma grande peça teatral, na qual cada indivíduo age em consonância com o que se espera do papel que representa. Uma vez que o todo, a representação, é o mais importante, se o

indivíduo deixa "cair a máscara" e torna expressa sua personalidade, ele se tem como um fracassado; alguém que não desempenhou dignamente o papel que lhe foi imputado através de sua posição cultural e que rompeu com sua identificação pública.

De pessoa de direito, que já de alguma forma se destacava de seu grupo, Mauss procede à pessoa moral, a qual o direito romano inaugura. É em Roma que o "direito à *persona* é fundado" (p. 389) e, implícita nesse direito está a idéia de consciência de si, a qual é, ela mesma, a base da noção de pessoa moral. A noção de pessoa moral é tão fortemente instaurada em Roma que passa a identificar corporações, fundações religiosas, entre outras (p. 392). À pessoa moral ainda faltava a dimensão metafísica, a qual é imputada pela Igreja. Segundo o autor (pp. 392-393), o preceito cristão católico de que "todos sois um em Jesus Cristo" e a idéia da Trindade, através da noção de *uno*, criam a noção de pessoa: corpo e alma, consciência e ato.

No que se refere à ação do cristianismo, Denise Bernuzzi de Sant'Ana (2006 p.12) ressalta:

"Todavia, embora a natureza seja assimilada à obra de Deus, o cristianismo procede a uma distinção entre homem e natureza em certa medida considerada inovadora: para o cristianismo o homem é destinado a se tornar independente da natureza na medida em que ele deve caminhar em direção a Deus. Assim, a natureza não é eterna e o homem não é um ser na natureza mas um ser diante dela."

Creio que o componente metafísico, assinalado por Mauss, constituiria o substrato através do qual o homem conseguiria se enxergar e identificar fora da união com a natureza. Uma vez retirado o elemento identificador inicial - a natureza - se não fosse colocado outro em seu lugar - o sagrado -, a identidade do homem se dissolveria, pois não haveria um "*em relação a*".

A incorporação da dimensão metafísica à noção de pessoa constitui-se como o passo fundamental para passagem de uma percepção a um conceito: "A pessoa é uma substância racional indivisível, individual." (p. 393) Geertz vai além e define pessoa como:

"(...) para nós ocidentais, a concepção de pessoa como um universo cognitivo e motivacional delimitado, único e mais ou menos integrado, um centro dinâmico de percepção, emoção, juízos e ações, organizado em uma unidade distinta e localizado em uma situação de contraste com relação a outras unidades semelhantes, e com seu ambiente social e natural específico (...)" (p. 90).

Uma vez facilitada a reflexão através da conceituação de "pessoa", Mauss, mais de forma especulativa que empírica, imputa a Kant e Fichte o mérito de terem fundado toda ciência e toda ação sobre o "Eu" (p. 396), a qual possibilitou suas análises ulteriores como categoria, diria consciente, do espírito humano.

O ponto que emerge de todo esse caminho pelo qual o homem tomou consciência de si como um "Eu" parece dizer respeito aos elementos através dos quais essa tomada de consciência ocorreu. Ora o clã se constituía como um próprio "eu" para o nativo, ora o sagrado imputava ao corpo a alma. Num processo em que parece que a identidade do sujeito foi sendo cada vez mais dissociada da sua conjunção com o grupo social, o que se impõe à reflexão é: qual foi o elemento que se constituiu como meio identificador do indivíduo no século XX? (E que seria até os dias atuais.) Mesmo vivendo, ainda, sob a égide cristã da noção de pessoa, parece ter havido uma crise de identidade generalizada no século passado que, sem sombra de dúvidas, afetou a noção de pessoa como um conceito acabado e estável.

A identidade é sempre relacional. No entanto, o processo identificador parece se associar mais com uma relação de complementaridade *em relação a* e, menos, com uma relação de oposição. O indivíduo torna-se cúmplice ou marginal em relação às estipulações morais da cultura em que vive. Dentro das determinações do que seria ser bom ou mau, obediente ou transgressor, solidário ou egoísta, por exemplo, é que o indivíduo se constituiria como pessoa mais ou menos atrelada a esses valores. Mas, o que se tem quando os próprios valores em relação aos quais a identidade do sujeito se constrói tornam-se relativos dentro de uma mesma cultura? Parece, também, que o processo que identifica o indivíduo deriva de rupturas que este empreende em relação ao que constitui seu par identificador - a natureza, o grupo ou os preceitos cristãos, dentre outros -, ao mesmo tempo em que aloca outro componente no espaço deixado vago. Nesse sentido parece caber a questão: o que definiria a identidade do sujeito, numa época em que os próprios elementos através dos quais ele poderia se identificar estão revendo a si mesmos, assinalando uma crise que poderíamos denominar epistemológica? Creio ser esse o ponto central para compreender como o corpo, enquanto imagem e pessoa, torna-se sintoma de uma cultura em crise.

De acordo com Santaella (2006 p. 131), o corpo como sintoma¹² da cultura emergiria do disparate entre os modelos exibidos (principalmente pelas mídias) e o próprio corpo vivo. A autora ressalta que, já na segunda metade do século XIX, a noção do "Eu" começa a entrar em crise uma vez que as noções de sujeito, indivíduo e subjetividade, às quais sempre esteve

¹² A autora utiliza a definição psicanalítica de sintoma: "é um mal-estar que se impõe a nós, além de nós e que nos interpela." (p. 134)

relacionada, começam a ser questionadas culturalmente. Para alguns, a emergência do corpo nos discursos atuais deve-se a ele ser tomado como o substituto do sujeito; para outros, trata-se somente de "explorar um território cuja geografia ainda não está reconhecida". (p. 24) Uma vez sendo a noção de subjetividade remexida e reexaminada, então, começam a surgir outras imagens que a representam e, para a autora, dentre tantas, parecem destacar-se as imagens oriundas do avanço tecnológico do século XX, especialmente no que tange à construção de corpos cibernéticos - talvez sua expressão máxima.

Um corpo que outrora era abrigo e tábua rasa para as inscrições dos sintomas da cultura, torna-se, ele próprio, sintoma. Sintoma da derrocada do projeto iluminista, o qual culmina com o "colapso dos ideais na pós-modernidade (*os quais apontam*) para a queda do ideal do Eu e o triunfo do Eu ideal." (p. 150) Sendo esse Eu ideal representado tão-somente *pelo* e *no* "corpo forte, belo, jovem, veloz, preciso, perfeito, inacreditavelmente perfeito." (p. 127) Dentre tantas inovações que se constituíram como fundamentais para a re-elaboração de conceitos como bem viver e beleza no século XX, parece ser a mídia a que mais penetrou no seio da sociedade ocidental. Santaella (p. 125) ressalta que, enquanto os discursos filosóficos e sociais apontam para as inadequações das definições acabadas do Eu, o discurso midiático se dá no sentido da preservação da idéia desse Eu estático. Nesse sentido, o maior representante dessa idéia estática e acabada do Eu seria o próprio corpo; fato que alocaria as mídias no interior da corrente que vê no corpo o substituto do sujeito.

Parece que a análise de Santaella aponta para um estremecimento do conceito a que Mauss chegou sobre o Eu. A noção de pessoa como uma substância racional indivisível e individual (op. cit.) parece não resistir ao próprio questionamento, no século passado e hodiernamente, do ideal racionalista inaugurado em Descartes. Onde estaria esse ser racional, se o que se vê, através das reações dos indivíduos no que diz respeito, por exemplo, ao crime, são claras demonstrações das veleidades humanas? Se, em certa medida e com cautela, assumo que parte da identidade do sujeito relaciona-se com seu corpo, como postular que esse Eu encarnado é indivisível diante das introjeções em seu corpo de aparelhos sofisticadamente tecnológicos tanto interna - como marcapassos - como externamente - como próteses de perna ou braço? Como tratar da indivisibilidade do ser perante a internet? Qual é o limite físico desse corpo? Qual é o limite físico, ético e moral que determina o que é um Eu real e um Eu virtual?

Embora a questão do corpo virtual não seja o foco deste trabalho, parece-me que não posso deixar de abordá-la sucintamente, uma vez que muito se relaciona à crise de identidade pela qual nos vemos passando.

Ao lançar um olhar para os movimentos de massa, Le Breton assinala que, na era da "net", o corpo torna-se, cada vez mais, um empecilho para a vida virtual, a *cibervida* (2003, pp. 123-124). A vida assumida na internet – uma vida de sonhos – não comporta doenças, morte ou deficiência física. Qualquer vestígio de corpo físico constitui-se em empecilho para o pleno gozo das possibilidades virtuais de boa vida. Desse modo, ao passo que no mundo real torna-se cada vez mais necessário assumir uma identidade, no cibernundo é preciso prescindir dela. Não é tolerável ter o mesmo rosto nas duas realidades.

Porém, a aparente contradição é a seguinte: o sentir-se integrado no mundo virtual passa necessariamente pelas sensações proporcionadas pelo corpo real. Le Breton afirma que, "ainda que seja uma simulação do mundo (...) as percepções são realmente sentidas, mesmo que o corpo da realidade virtual seja incorpóreo." (2003, p. 131) O cibersexo, por exemplo, depende necessariamente do estímulo visual (Idem, p. 133). Parece que o desdém pelo "corpo corpóreo" que a vida virtual postula é irônico ao passo que (1) todas as experiências vividas no campo virtual são sentidas no corpo real; além disso, (2) basta observar um jogo no qual se tem a possibilidade da feitura de uma vida paralela totalmente regulada pelo indivíduo real, como o Second Life, para constatar como os ideais de corpo perfeito estão presentes no imaginário contemporâneo. Através de seus *avatars*, desenhos de pessoas física e psicologicamente elaborados pelo indivíduo e que se constitui como seu próprio Eu no mundo virtual, é fácil verificar corpos femininos altamente sensuais e corpos masculinos extremamente fortes.

Voltando a Santaella, seriam as mídias as principais responsáveis tanto pela inculcação do sujeito ideal no imaginário coletivo, como pela sua manutenção. Apresso-me a reiterar que esse sujeito é, ainda, aquele racional, acabado e estável, o qual vem sendo questionado pelo discurso social e filosófico. O ponto central da análise da autora parece remeter ao fato de que, pobre das subjetividades varridas culturalmente a partir do século XIX, e que orientavam as concepções do Eu, o indivíduo, através das mídias, parece originar-se e acabar-se no próprio corpo. O que deriva daí é um enorme pesar por parte de quem não atende aos pressupostos do que é *ser* pessoa nos dias atuais, ou melhor, do que é *ter* um corpo perfeito¹³.

Acredito que na contemporaneidade as subjetividades identitárias do sujeito estejam engendrando um projeto de pessoa que leva muito em conta a capacidade cumulativa do sujeito, muitas vezes independente da forma como ele procede ética e moralmente. Tal fato torna-se bastante visível quando se pensa no mundo do trabalho. Tomando especificamente o

¹³ Em relação aos padrões de corpo belo postulados atualmente, o livro **O intolerável peso da feiúra** de Joana de Vilhena Novaes (2006) é bastante elucidativo.

Brasil como referência, se, por um lado, a expectativa de vida do brasileiro é cada vez maior, pensa-se que ele poderia adentrar no mercado de trabalho com um pouco mais de idade; mas, por outro lado, paradoxalmente, o sujeito é impelido a procurar emprego já aos 18 anos de idade (ou mesmo antes), independentemente da classe social a que pertença. E essa indução ocorre principalmente através da mídia¹⁴. A argumentação não é a de que o jovem tenha um emprego somente para conseguir uma remuneração. Ela gira em torno da idéia de que ele deve ter a experiência de trabalhar. Mas, por que deveríamos acumular tantas experiências? Talvez porque elas sejam uma dentre tantas formas de, ao mesmo tempo, ter e apresentar algo para a sociedade. Apresentar qualidades pessoais que vêm sendo cada vez mais valorizadas culturalmente: empreendedorismo, dinamismo, coragem, inteligência emocional, entre outras.

Nesse sentido, creio que a questão ter ou ser um corpo torna-se explícita ao passo que, parece, hoje em dia, somos o corpo que temos. Se a maior representação do ser é o próprio corpo, então, uma vez que não atendo ao projeto de corpo saudável e esbelto requerido socialmente, falho enquanto pessoa. Como alguém me dirá inteligente se sou obesa, mesmo sabendo que a obesidade mata? Santaella, citando Pommier (2002, p. 70), ressalta que a "humanidade busca diferentes receitas para cozinhar sua angústia". Se acredito que essa angústia possa ser oriunda da crise das subjetividades que antes orientavam a concepção de pessoa, o meio que a sociedade encontrou para cozinhá-la parece ter sido o corpo. E parece que assim ele se torna, efetivamente, sintoma de uma cultura a qual ainda reflete sobre que tipo de pessoa irá tanto identificá-la como se identificar através dela.

¹⁴ É fácil perceber em revistas semanais, telejornais e jornais escritos argumentações que corroboram essa noção de sujeito que deve acumular.

2. A CIDADE, OS BAIRROS, AS MULHERES

*"Queria ser poetisa
para no papel poder expressar
a dor que vivo na alma
e porque vivo a chorar.*

*Queria ser poetisa
meu mundo seria diferente,
escreveria o porque das cores
e escreveria sobre povos e gentes.*

*Queria ser poetisa,
descobriria o que uma lágrima quer dizer,
teria muitas ocupações
e esqueceria o meu sofrer.*

*Queria ser poetisa,
escreveria sobre as flores,
esqueceria da minha infância
vivida com agruras e dores.*

*Queria ser poetisa,
com certeza seria feliz,
infelizmente não sou poetisa
sou simplesmente aprendiz."*

Celina

A intenção deste capítulo é a de caracterizar e localizar meus sujeitos de pesquisa no tempo e no espaço onde vivem, bem como relatar os momentos que passei com cada uma das mulheres. Trata-se de um texto no qual traço os perfis da cidade, dos bairros e das mulheres, já conjugados com algumas inferências minhas a respeito das impressões que tive dos momentos de minha estada em casas alheias. No que tange especificamente às mulheres que entrevistei, tentei elaborar uma escrita que levasse em conta tanto minha convivência de anos com elas, quanto alguns pontos que julguei cruciais em suas falas, em relação às suas personalidades e visões de mundo. Propositamente não há menções a seus discursos em relação ao tema deste trabalho - o corpo¹⁵ - posto que não é nesse espaço, ainda, que ocorrerá a análise de suas falas. A tentativa, aqui, é a de situar o leitor em relação ao espaço geográfico onde ocorreu a pesquisa e o momento atravessado por cada uma das mulheres na época das entrevistas, levando em conta o *continuum* de suas próprias vidas.

2.1 A cidade

Juiz de Fora é uma cidade da zona da mata mineira com, aproximadamente, 510.000¹⁶ habitantes e que é referência na região. Nos últimos anos as tensões geradas pela transição entre o que ela é e o que vem sendo têm mudado o cenário da cidade e o discurso dos moradores. Talvez o que aconteça em Juiz de Fora seja um processo de urbanização desenfreada e um encantamento tardio por uma modernidade arquitetônica expressa por condomínios de casas e prédios para todos os estratos sociais; processo que provavelmente ocorreu nos grandes centros urbanos do país há décadas. Parece que essa mudança estrutural gera, inevitavelmente, mudanças no estilo de vida da população.

Nos últimos anos, a população vem se deparando com comodismos e prejuízos característicos de grandes centros. Os constantes lançamentos, tanto de condomínios quanto de prédios, dão vazão aos desejos de consumo dos estratos alto e médio, que constituem, sem dúvida, a clientela alvo desses empreendimentos. Os discursos da segurança e da boa qualidade de vida são o maior atrativo para as vendas desses imóveis que são localizados, na

¹⁵ As exceções são Eunice e Vanda. Percebendo que a maneira como lidam com seus corpos reflete a tamanha representatividade que eles têm em suas vidas, utilizei, já aqui, alguns trechos que tratam desse tema.

sua grande maioria, fora do centro da cidade. Talvez esse "boom" de novos imóveis, no último ano, tenha sido um dos fatores a desencadear uma especulação imobiliária na cidade não vista há muitos anos. A facilidade para se comprar um apartamento ou uma casa, conjugada com a vinda de milhares de estudantes universitários para estudar em uma das 14 universidades da cidade, lançou os preços, principalmente dos aluguéis, a patamares altíssimos. Juiz de Fora é uma cidade que não tem um custo de vida barato.

Na área central da cidade antigos casarões são demolidos para a construção de estacionamentos, já que os anteriormente existentes não comportam mais o montante de veículos circulantes. Essa situação provoca grandes discussões entre os apologistas da preservação da memória da cidade e os entusiastas do progresso. O trânsito é algo peculiar. Há engarrafamentos onde antes o fluxo era contínuo e, ainda no centro da cidade, não há meios alternativos para escoar os veículos. No entanto, a dinâmica dos veículos ainda flui com certa tranqüilidade em nada se parecendo com o que ocorre nas grandes metrópoles. O número de acidentes no trânsito vem aumentando, muito por responsabilidade dos pedestres, os quais, talvez, sejam muito auto-confiantes; espectadores que ainda não introjetaram a nova organização espaço temporal que vem se engendrando. É interessante notar que a maioria dos idosos é bastante, diria, abusada, no momento de atravessar as avenidas centrais. Basta alguns minutos de observação nos principais semáforos e cruzamentos para se aperceber disso.

E é através do discurso dessa população idosa, principalmente, que se pode observar nitidamente o momento ímpar pelo qual passa a cidade.

É bastante comum, senão unânime, ouvir a seguinte frase por parte dessa população: "Juiz de Fora *ainda* é uma cidade boa pra morar¹⁷." Ainda é boa. Resguardando toda a subjetividade que o tema da qualidade de vida traz consigo, esse "ainda" parece referir-se a isso: às características que, conjugadas, formam a base dessa noção. Ciente de que a fala do idoso possa estar impregnada de algum saudosismo, creio que eles se referem mais à idéia de que ainda é uma cidade que não foi inteiramente cooptada pela urgência dos grandes centros. Ainda se pode passear à noite; ainda se tem conta no mercado da esquina; os motoristas de ônibus ainda respeitam os mais velhos; ainda se respira ar fresco. Em contrapartida, já há notícias de algum tipo de homicídio nos jornais quase que diariamente; já existe intenso trânsito dentro dos próprios bairros; as distâncias físicas já dificultam convivências diretas; já existe medo.

¹⁶ Informação oriunda do site da prefeitura de Juiz de Fora (www.pjf.mg.gov.br), visitado nos dias 28 e 29 de maio.

É interessante notar como o tipo de discurso pode mudar de acordo com a posição de quem o profere. Se contrasto o discurso de quem está de dentro - a população nativa da cidade - com o discurso de quem vem de fora, o que se tem são pesos distintos às vantagens e desvantagens da cidade. Por exemplo, no meu próprio edifício, há cerca de um ano, alugou-se um apartamento a um casal com a filha vindos do Rio de Janeiro. Os três passam temporadas, digamos assim, aqui e lá. Estão em um período de avaliação para verificar se virão para a cidade definitivamente. O motivo da saída do Rio é a violência, a qual teve seu ápice, para o casal, quando presenciaram um tiroteio na porta da escola da filha. A escolha por Juiz de Fora foi feita pela curta distância do Rio e, principalmente, porque é uma cidade tranqüila, na percepção deles. Parece que no discurso dos moradores da cidade já há infiltrações dos prejuízos que a nova ordem das coisas vem trazendo. Mas o que se tem no discurso dos "moradores tardios" é a exaltação das qualidades de boa vida da cidade. O discurso de quem é "de dentro" parece ser construído em relação a um passado mais harmonioso e lento; já o discurso de quem é "de fora" parece ocorrer em relação a, aqui, reencontrar a tranqüilidade perdida no seu atual local de moradia.

As regiões da cidade vêm se tornando cada vez mais auto-suficientes, não sendo necessário ir ao centro toda vez que se precisa de atendimento médico, bancos ou entretenimento. A recente inauguração de um grande shopping na zona sul vem estabelecendo uma nova forma de diversão e passeio tanto para os próprios moradores como para os das cidades vizinhas. Os shoppings existentes até então (cerca de sete) não conglomeram tantas lojas e entretenimento, portanto não se constituem como forma de lazer para a população. Foi estabelecida toda uma logística para garantir o acesso das pessoas de todos os estratos. Ônibus circulam por todas as regiões da cidade em direção ao shopping e vive-versa.

Creio que o shopping simboliza bastante bem o momento ímpar pelo qual a cidade está passando. Parece que as "inovações" imobiliária, de entretenimento e da própria organização espacial da cidade vêm sendo aceitas com desconfiança pela população, a qual, aos poucos, vai se adaptando e cedendo aos novos desejos e sonhos de consumo. Pessoas de minhas relações que hostilizavam a construção do shopping hoje circulam por lá com tanta desenvoltura como em suas próprias casas. E carregando sacolas.

Juiz de Fora sempre teve uma atividade cultural muito intensa. A Prefeitura, através da Lei Murilo Mendes de incentivo à cultura, exerce um papel fundamental ao patrocinar anualmente projetos de música, teatro, dança, cinema, artes visuais e gráficas, entre outros. Há

¹⁷ Essa reflexão parte de minha convivência em meios de populações distintas e não de uma resposta a qualquer pergunta que tenha feito direta e formalmente sobre esse tema a qualquer pessoa.

grandes festivais de teatro, dança e música todos os anos, além do Miss Brasil Gay, evento que faz da cidade palco para discussões acerca da homossexualidade, sendo o que mais lota seus hotéis. Mesmo essa atividade convencionalmente denominada cultural datando de muito tempo, parece que somente nos últimos anos ela vem se tornando mais sólida tanto na cidade quanto na região. Creio que essa efervescência cultural vem se transformando de uma simples característica a um dos elementos identificadores da cidade. E creio também, que esse processo se dá pela vontade da população em geral e pelos artistas que lutam por esse reconhecimento para Juiz de Fora. Menos do que por um processo espontâneo, se hoje a cidade começa a ser reconhecida como pólo cultural, isso é fruto de uma confluência de esforços públicos e privados para que isso aconteça. Se tomarmos os símbolos como importantes sustentáculos de identidades, Juiz de Fora parece se orgulhar de alguns: o museu Mariano Procópio, o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes, o próprio poeta Murilo Mendes, Pedro Nava, o Cristo Redentor, o Cine Theatro Central, o Parque Halfeld, o ex-presidente da república Itamar Franco, o Parque da Lajinha, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, a Universidade Federal, a mata do Krambeck, entre outros que poderiam ser percebidos por diferentes olhares.

É nessa cidade, que atravessa um momento ímpar, que se localizam os bairros onde residem meus sujeitos de pesquisa. E é nesse momento, no qual não se consegue vislumbrar ainda com nitidez para onde a cidade ruma, que foram feitas as entrevistas.

2.2 O bairro Alto Grajaú

Tecnicamente o bairro Alto Grajaú não existe. Na zona leste da cidade está localizado o Grajaú. É um bairro grande, que, geograficamente, divide-se em duas partes: a baixa e a alta. Usualmente os moradores, tanto do bairro quanto da região, referem-se ao bairro como Alto Grajaú, e é essa nomenclatura que se vê nos letreiros dos ônibus e nos endereços. Diria que a apropriação do nome Alto Grajaú pelas linhas de transporte urbano aponte uma tendência que possa ocorrer a médio prazo pelos outros tipos de serviços municipais, como os correios, por exemplo. O que se vê é que, sendo a linguagem popular a mais difundida, é a que parece fazer mais sentido para identificar o bairro.

A maior porção do Alto Grajaú localiza-se exatamente na parte alta. Estando no cume do morro, uma de suas faces está voltada para o meu bairro - Bairu - e a outra para o centro da

cidade. A face que vislumbro da minha casa não é a parte mais pobre da região. Há casas bem cuidadas conjugadas com algumas pequenas e inacabadas, e a avenida é larga porém extremamente íngreme, sendo perigosa a descida de caminhões. Já a face voltada para o centro da cidade dá a impressão de uma desorganização espacial acentuada. São casas que estão, na sua maioria, somente no tijolo, o que torna difícil diferenciar se se trata de um sobrado, um conglomerado ou um pequeno prédio. As ruas são estreitas, com calçamento precário e poucas têm passeio para os pedestres, os quais são, em grande parte, crianças. Há muitos "escadões" ligando uma rua da parte mais baixa a outra, na parte alta. Não é recomendado transitar por eles à noite, pois quase não há iluminação e, às vezes, jovens se apropriam do local para consumir e vender drogas. Essa face faz limite com um outro bairro denominado Santa Rita, o qual é reconhecido pela comunidade como "muito perigoso", sendo "lugar de bandido". Existe um posto de saúde e uma escola municipal de ensino fundamental justamente nessa área limítrofe. Lá estudam jovens e crianças de ambos os bairros, e o que se vê são brigas entre gangues ou mesmo entre um e outro estudante de cada bairro.

A escola Celeida Gomes se localiza na região central da parte alta do bairro. Trata-se da região onde existe um pequeno comércio, com duas padarias, um açougue, um mercadinho de verduras, duas vídeolocadoras e uma oficina de automóveis. Ela está inserida em uma rua transversal à avenida principal do bairro, a qual o liga ao centro. Em conversas com os moradores, o que se vê é o apontamento de duas ruas como as principais: a avenida Nossa Senhora do Líbano e a Rua Francisco Falci. A primeira é a que liga o bairro ao centro e a segunda, junto com a Avenida Alarico de Freitas, forma o principal acesso para a região do Manoel Honório - bairro comercial mais próximo.

Trata-se de um bairro peculiar. Creio não ser possível caracterizá-lo como um todo dentro de um só parâmetro social. Se disser que é um bairro pobre estarei sendo incorreta com a população que reside na parte baixa, a qual, originalmente, habitou o Grajaú. Por outro lado, se disser que é um bairro abastado serei incorreta com a população da parte alta. Na parte baixa - mais próxima do centro - o que se vê é um bairro bem planejado, com praças e ótimas casas, grandes e bem cuidadas. Creio que seja mais honesto, então, caracterizar somente a parte alta, na qual se desenvolveu o estudo, como, digamos, pobre. É necessário esclarecer que, mesmo que o cenário da parte alta descrito acima seja um tanto típico das zonas pobres de qualquer centro urbano, não se trata de uma comunidade paupérrima. Trata-se de uma população, pelo menos no que tange aos pais dos alunos da escola, formada por motoristas de ônibus, trocadores, trabalhadores do comércio de roupas e gêneros alimentícios, da prefeitura, donos de pequenos estabelecimentos, metalúrgicos, acompanhantes de idosos, entre outros.

O maior símbolo do bairro é o bloco carnavalesco Bafo da Onça. É famoso pela animação da bateria e já se apresentou algumas vezes nas festas da escola Celeida Gomes. Uma de suas principais assistidas é aluna da escola e tem 5 anos. Ela samba alegre e perfeitamente sob os olhares de seus pais orgulhosos e toda comunidade.

Três das mulheres que entrevistei residem justamente na área mais carente do Alto Grajaú, próxima à escola onde acontecem as brigas. A última mulher mora na face que vejo de minha casa, numa das avenidas principais.

2.2.1 Celina

Quando entrevistei Celina ela passava por um momento ímpar de sua vida: a descoberta do pai que nunca conheceu. Filha única, Celina é uma mulher extremamente bem humorada e foi através desse humor limpo e claro, que demonstra sua aguda inteligência, que ela relatou o que havia acontecido. Poucos meses antes, ela havia caído em depressão, mas, até que esse diagnóstico fosse feito, suspeitou-se até mesmo de dengue pela quantidade de horas que ela passava dormindo durante o dia. A ex-patroa de sua mãe doméstica é muito amiga da família e, com ela, Celina se confidenciou. Disse que não agüentava mais não conhecer o pai; que se sentia incompleta, como se não tivesse história. A ex-patroa, então, conseguiu convencer a mãe a revelar o segredo tão longamente guardado. Do dia da revelação até o dia da entrevista, Celina já tinha visitado a avó paterna numa cidade vizinha e agendado um encontro com o pai, o qual não sabia de sua existência. A expectativa de conhecer o pai a deixava eufórica e seu tom de voz se enternecia cada vez que falava sobre as fantasias que tecia para o dia do encontro.

Parece que a questão da falta paterna sempre permeou a vida de Celina. E isso fica bastante claro no trecho que se segue, o qual ela responde às risadas:

Que cor que você acha bonita pra uma pessoa assim...morena, branca, preta, mulata...

Ah...eu sempre gostei de branco. Mas eu acho que eu sempre tive dentro de mim que o meu pai era branco...

Entendi...

Entendeu? Então, pra mim, branco é a gente. Sempre pensei assim. Aí eu pensava: por que que eu não puxei meu pai? Eu tenho certeza que meu pai é branco. Sempre tive isso dentro de mim. Teve uma época na minha vida que eu era até um pouco racista, sabe? Não gostava de preto de jeito nenhum. (Risos)

Celina é uma dona de casa, de 28 anos, mãe de 5 filhos, morena e dona de um bom senso que parece contradizer a religiosidade tão expressa em seus modos e nos de seus filhos. Fiquei muito surpresa quando Celina disse quantos anos tinha. Talvez pelos trajés sempre sóbrios que usa, ou por um certo cansaço, mais visível no rosto, pela criação de tantos filhos, sempre achei que ela fosse bem mais velha. Tive um certo choque ao perceber que tínhamos a mesma idade. Todos da família são evangélicos. Ela e as filhas só trajam saias e não cortam o cabelo. Em sua casa não há televisão, mas existe um computador. As crianças não participam da festa junina da escola porque é um evento secular, assim como não escutam ou dançam músicas que não sejam as da Igreja. É interessante como Celina e o marido, Marcílio, tentam adequar toda radicalidade vivida e pregada no templo à vida cotidiana, sem impor constrangimentos e restrições desnecessárias a seus filhos. Marcílio é enfermeiro da prefeitura de Juiz de Fora e de uma clínica particular da cidade. Na prefeitura trabalha com cidadãos de rua e na clínica, como auxiliar. Durante a entrevista com Celina, ela falou muito sobre ele. A ausência do marido se tornou presença através da fala excessiva de Celina e dos muitos quadros pendurados na parede da pequena sala: fotos e certificados profissionais e da Igreja de Marcílio. O marido parece ser o porto seguro da esposa. Ele é paciente e bem humorado como ela. Celina é diaconisa e Marcílio trata das finanças do templo - cujo pastor é seu irmão mais velho. Ela dirige grupos de estudo e auxilia mães com filhos pequenos dando fraldas, mantimentos e o que mais precisarem. A fala de Celina é toda permeada por louvores e pedidos a Jesus: "*Que Jesus te abençoe.*"; "*Jesus há de permitir que isso aconteça.*"; "*Vai com Jesus.*"

Foi justamente essa religiosidade manifesta que chamou minha atenção para eleger Celina como uma das mulheres entrevistadas. Mesmo que no ambiente da escola Celeida Gomes seja corriqueiro alunos evangélicos, os filhos de Celina sempre foram os que mais corresponderam aos estereótipos que construímos sobre os seguidores dessa religião. A convivência de mais ou menos três anos com ela me fez sentir segura no convite para a pesquisa, o qual foi aceito imediata e muito solícitamente.

O combinado foi que dois de seus filhos me esperassem na porta da escola para me levar até a casa. E assim foi. Trata-se de uma casa bem no alto do morro - na divisa com o

bairro Santa Rita - que ainda está no tijolo. A princípio eram 2 cômodos e, com muito trabalho do marido, conseguiram fazer três quartos, uma boa cozinha e uma área de serviço. O quarto do casal é suíte, e há um quarto para as 3 meninas, junto com a mãe de Celina, e um para os 2 meninos. Marcílio tem uma moto, com a qual vai para o trabalho, e um Chevette bem velho, para uso da família. O saco de balas que levei para as crianças foi repartido imediatamente pelo irmão mais velho, levando-se em conta as irmãs que estavam na escola naquela tarde. Desse ínfimo momento pude inferir alguns pontos que constatei depois, durante a entrevista. A educação que o casal, principalmente Celina, dá aos filhos, é rígida porém muito amorosa. Parece ser ancorada em valores como respeito ao outro, justiça e auto-controle. Valores esses que parecem refletir as características bem vindas para a conquista de um futuro mais confortável pelos filhos.

Celina foi a primeira mulher que entrevistei e, naturalmente, estava ansiosa e insegura. Sendo muito falante, ela logo quebrou qualquer silêncio constrangedor que pudesse ocorrer entre duas pessoas que se conheciam pouco. Conversando muito, imediatamente me deixou à vontade e, assim, passei a tarde toda em sua casa. Ela escreve poesias. Para Celina, tal hábito parece ser uma forma de dar vazão a sentimentos abafados pela criação dos cinco filhos, tendo a mais velha 9 e a mais nova 5 anos. Nesse ponto da entrevista, quando ela discorre sobre o prazer de escrever, logo pensei, preconceituosamente, que se trataria de rimas simples de "amor" com "flor", por exemplo. No entanto, o que observei é que, tanto quanto seu discurso oral é fluido e coerente, as palavras correm fáceis pelas mãos de Celina. É dela a autoria dos versos da epígrafe desse capítulo.

Penso que o relato que Celina faz dos problemas que teve na gestação e no nascimento da filha caçula exemplifique bastante bem seu bom humor típico, sua lucidez, sua lógica e as infiltrações religiosas tanto em seu discurso quanto em sua vida prática cotidiana. Em meio à conversa informal que estávamos tendo no princípio da entrevista, ela dispara:

"Ah, menina, foi igual no caso da Viviane. Quando eu tava com problema, o médico falou: 'Não, você já tem quatro, cê tem filho demais, não tem como essa criança viver'. Porque aí eu tive que tomar quatro injeção porque o 'pulmãozinho' dela tava fechado, não tinha desenvolvido e eu já tava com quase cinco de dilatação, o médico falou: 'pra quem teve quatro filho de parto normal essa criança nasce a qualquer hora...' Aí fiz uma dieta, não podia comer mamão, não podia tomar leite, nada que soltasse o intestino porque a qualquer hora eu podia perder ela, eu fiz uma dieta rigorosa, aí eu tinha que ficar deitada, não podia pegar o Marcelinho, aí olhava as roupinhas que eu já tinha arrumado tudo dela, eu não me

imaginava saindo do hospital com flor... e eu ficava pensando neles, como que eles iam ficar, porque eu ... assim, porque quando eu ganhei a Dara, o que que o Marcílio fez? Ele comprou um saco grande, encheu de biscoitinho, de tudo que a Daniela gostava, aí quando a gente chegou do hospital com a Dara, aí ele pois a Dara no colo da Daniela cheia de biscoitinho, aí falava: 'olha o que que o neném trouxe pra você!' Aí ela pensava: 'ela tá no colo da minha mãe mas ela é gente boa, trouxe coisa boa pra mim, né?' Então a gente sempre fez assim na hora de dar banho, olha o sabonete do neném, nunca tive muita frescura não, enquanto tinha umbigo era dele (do marido, que é enfermeiro), eu não trocava ninguém. Então no caso da Viviane, eu fiquei naquela...eu acho assim...aquela expectativa foi o que eu sofri mais. Aí teve um dia que eu tava deitada lá, meu quarto era lá, aí o Marcílio chegou... e eu engordei 24 quilos na gravidez da Viviane, eu tava igual um elefante, não agüentava subir escada, o Marcílio tinha que me ajudar a subir escada...nossa eu fiquei enorme, muito gorda, então aí um dia ele chegou, foi só ele entrar, aí eu falei: 'eu quero te avisar que eu não quero que cê leva flor pra mim no hospital, porque se eu quiser flor eu vou na floricultura eu sei o caminho, eu não quero que cê me dá flor nunca mais, eu não gosto de flor.' E eu sempre gostei de flor. 'Eu não quero que você me dá flor, eu não quero flor, eu tenho raiva de flor.' Aí ele: 'Celina, calma...' Mas é porque eu ficava com aquilo na cabeça, me imaginando sair do hospital com flor, que o médico tinha falado que nem incubadora ia dá jeito. Aí na igreja, a nossa igreja é Pentecostal, aí o que que acontece, então o que que aconteceu, às vezes Deus revela algumas coisas que vão acontecer. Então Deus tinha revelado (para) uma irmã que tinha visto 3 mandioca e ela não entendeu, aí foi contar pro pastor. O pastor falou que seriam 3 pessoas que ia morrer, aí depois que essa irmã teve essa visão das mandioca, morreu 2 pessoas, ficou faltando uma morrer, aí pronto... aí eu sonhei, teve um dia que eu sonhei que eu tava na mesa de parto, com uns médico tudo alto, tudo de branco: 'Aí, olha que seu neném nasceu, ela é muito grande!' Aí quando eu olho era uma baita de uma mandiocona, igual essas que tem em exposição, aquela coisa de Itu, sabe? Saiu aquela mandiocona! Aí eu acordei mal-humorada, que Deus me revelou que meu neném vai morrer mesmo, e o Marcílio: 'Você tá é com negócio da mandioca na cabeça..' Aí aconteceu que a Viviane nasceu, morreu um senhor da igreja. Aí o pastor disse, minha filha, Deus vai te dar vitória, seu neném não vai morrer, pode ficar tranqüila, cê não acredita no que eu falo? Porque se ele falar... se você comer um quilo de sal, minha filha, cê come, que oh... pode saber."

Terminada a entrevista, Celina mandou um dos filhos comprar um bolo e um refrigerante no bar ao lado da casa pedindo ao proprietário que "colocasse na conta". Enquanto comíamos, ela trouxe uma caixa de sapatos repleta de fotos antigas e recentes dela, dos filhos e do marido. À medida que ia vendo as fotos, Celina me explicava em que momento tinham sido feitas e versava sobre o contexto da imagem. Findo o lanche, Celina e os filhos me acompanharam até o portão da rua. Me despedi, aliviada e exausta, e eles me acenaram até onde não pude mais vislumbrá-los.

Creio que o que mais caracteriza Celina e seu grupo familiar seja a forma digna como pensam e vivem. Dignidade talvez seja a expressão mais honesta para essa família. Especificamente para essa mulher.

2.2.2 Lúcia

Lúcia tem 27 anos. Assim como aconteceu com Celina, quando Lúcia me revelou a idade fiquei bastante surpresa. De minha convivência de cerca de 3 anos com ela, inferia que ela devia ter, aproximadamente, 33 ou 34 anos. Lúcia é morena e seus traços revelam um certo cansaço, talvez advindo da dupla jornada de trabalho: é dona de casa durante o dia e acompanhante de idosos à noite. Talvez a expressão "acabada" seja a que expresse melhor a figura dessa mulher - mesmo sendo uma expressão um tanto cruel, parece ser a mais cabível.

De todas as entrevistadas, Lúcia foi a única a expressar verbalmente a preocupação em estar respondendo certo. A todo instante dizia: "*Ai, Lu, tô respondendo direito?*" Parece que, desde que cheguei a sua casa, ela via em mim a entrevistadora e não a professora da escola de seus filhos com quem tanto conversa. Essa constatação ficou evidente quando o filho mais novo abriu a porta do guarda-roupa e ela o mandou fechar rapidamente para que eu não visse a bagunça das roupas e não relatasse isso posteriormente. O direcionamento da entrevista, em última instância, foi dado por Lúcia a partir do *locus* em que ela me colocou. Penso que a função que ela achava que eu estava desempenhando naquele momento tenha se sobressaído à naturalidade de nossas conversas habituais. O tom formal dos momentos que passamos juntas foi dado por ela e, como Lúcia falou bem menos do que o normal, tentei criar um clima ameno que não entrasse num embate com a formalidade que ela mesma impunha.

Passei o final da tarde e parte da noite na casa de Lúcia. Desses momentos pude depreender que toda sua fala tem um tom de ressentimento. Seu humor ácido e, às vezes, irônico e até sarcástico, parece ser a face expressa de uma auto-estima baixa e uma grande insegurança em relação a si - tanto no que diz respeito a seu modo de vida quanto no que tange a seu físico - advinda de uma história familiar confusa, inclusive sem referências de pai e mãe. Quando falávamos sobre ídolos, Lúcia, secamente, diz:

Cê tem algum ídolo, Lu?

Não tenho não. Tenho não. Geralmente a pessoa fala meu pai ou minha mãe. Minha mãe não é mais viva e meu pai não liga pra mim...

Ele é vivo?

Ele é vivo e a desculpa dele é que ele trabalha muito. Quase não tem tempo, entendeu?

Ele mora aqui em Juiz de Fora mesmo?

Mora. Quase não vem, quase não telefona. Eu também não telefono...

Cê não telefona não?

Não, porque eu sou meio pirracenta. Não me liga não? Também não vou ligar não.... Eu não vou por causa da minha madrasta, não é nem por ele. Meus irmãos do segundo casamento são um doce, mas eu acho que não consigo conviver com essa mulher mais não.

Creio que talvez a história familiar muito dinâmica, criada ora pela avó materna, ora pela mãe (que faleceu quando ela tinha 8 anos), ora pelo pai ou até mesmo pela madrasta do pai, tenha feito com que a questão da família tomasse lugar de destaque na vida de Lúcia. As projeções que faz para os dois filhos, Anderson, de 7, e Paulo, de 4 anos, são todas no sentido de dar a eles o que ela e o marido não tiveram, principalmente no que se refere aos estudos. Quando conversávamos sobre os filhos e com quem se parecem, Lúcia falou um pouco sobre sua personalidade: "*Eu guardo muito... eu sou muito de guardar mas isso é um perigo porque, na hora que eu estouro, eu estouro de uma vez só.*" Talvez, na medida em que Lúcia "guarde" os sentimentos, ela vá forjando juízos de valores que vazam através do seu humor irônico típico; uma ruminância contida de relações ou fatos que a desagradam. Creio poder exemplificar essa inferência através do trecho da entrevista no qual falávamos sobre moda:

Cê se preocupa com a questão da moda?

Ah... Lu... eu procuro acompanhar, mas nem sempre dá. Às vezes eu ando meio fora da moda.

Como é que cê escolhe suas roupas? (Lúcia abaixa o tom de voz a ponto de ficar quase inaudível e responde sem olhar para mim.)

Posso ser sincera? A maioria das minhas roupas são todas ganhadas. Eu tenho uma pessoa que passa pra minha cunhada, que passa pra mim. De vez em quando ela faz uma 'catada' lá e manda. Eu por exemplo agora estou vestindo o que foi ganhado...

Aham...

Mas geralmente eu procuro acompanhar sim... quando dá. Eu vou comprar uma calça pra poder... eu procuro comprar alguma coisa que tá na moda. Mas na maioria das vezes eu abro mão de mim e do Maurício (o marido), também posso falar por ele, por causa dos meninos.

O tom de constrangimento da resposta de Lúcia talvez demonstre certa vergonha de sua situação sócio-econômica perante mim: uma mulher da mesma idade que ela e com uma situação financeira que ela julga melhor que a dela, como disse, entrelinhas, ao me acompanhar até a porta na hora da despedida.

Lúcia, o marido e os dois filhos moram de aluguel numa casa de fundos. Sua velha senhoria, reside na da frente. Para chegar à residência é preciso descer uma escada lateral à casa da frente e, chegando lá, logo se depara com um belo jardim, localizado numa área de convivência comum que se constitui no espaço que separa as duas construções. Levei um lanche para todos nós e, quando a entrevista estava quase no fim, Lúcia perguntou se eu queria que servisse o *meu* lanche naquela hora. Mais uma vez, ela demarcou bastante bem que, naqueles momentos estávamos em posições diferentes. Fiquei bastante incomodada com sua postura, uma vez que esperava que a entrevista transcorresse com o mesmo grau de informalidade e pessoalidade que as conversas cotidianas que travamos na escola e na rua.

Outro traço marcante de Lúcia é um saudosismo agudo de sua adolescência. Pareceu-me um tanto estranho uma pessoa nova como ela falar de um passado quase mágico que ocorreu há menos de 15 anos. Em suas lembranças, nessa época, meninas não engravidavam cedo, não existiam drogas nem violência:

Mas você já conhecia ele (o rapaz de quem falava)?

Já. Já tinha ficado com ele, mas eu era apaixonada mesmo era pelo primo dele. Mas na falta de um primo vai outro. Por isso que eu falo, olha só, a gente dançava, a gente lanchava, a gente se divertia, beijinho.... Mas não tinha gravidez, não tinha drogas, sabe? Minha madrasta sempre confiou quando eu ia na ASE (uma discoteca da cidade) desde os 13 anos,

lá na época entrava... não sei hoje a faixa etária de lá, mas eu ia e ela sempre confiou, tanto em mim quanto na minha irmã de criação. E na minha irmã mesmo ela não teve essa confiança, minha irmã engravidou de 15 pra 16 anos.

Toda vez que falava em seu passado pueril, Lúcia se empolgava e demonstrava uma alegria vibrante. Talvez a vida difícil que tem hoje, toda pautada pela falta de dinheiro, leve Lúcia a magicizar tanto seu passado a ponto de não perceber a contradição de seu próprio discurso. Se, para ela, naquela época não existia gravidez precoce, como explicar o fato de sua irmã ter engravidado aos 15 anos? De certo, todo tipo de discurso tem algum grau de incongruência; o que ressalto aqui, no caso de Lúcia, é que essa contradição é menos importante, e até mesmo imperceptível, ao passo que o que mais importa para ela é a tamanha confiança que sua madrastra lhe depositava, muito mais que em sua irmã. A confiança da madrastra é motivo de orgulho.

Ao me despedir, Lúcia disse que me acompanharia até a rua. Com os dois filhos, desceu comigo até mais ou menos a metade do morro. De lá, vislumbramos meu prédio, o qual eu lhe mostrei. Falamos sobre aluguel e ela disse que estava procurando uma casa maior. Despedi-me e terminei a descida ouvindo seus filhos me chamando e acenando.

Apesar de, no ato da entrevista, Lúcia ter se portado relativamente diferente do que o habitual, quando a convidei para a pesquisa ela logo aceitou, bastante solícita. Sempre que chega do trabalho, por volta das 7 horas da manhã, Lúcia vai para a escola e por lá fica até a hora do almoço ajudando a cantineira na preparação da merenda. É uma mulher ativa e entrosada, tanto com os vizinhos da rua onde mora, quanto com as professoras e funcionários da escola Celeida Gomes. Por ser presença constante na escola, uma espécie de ajudante, elegi-a como uma das mulheres entrevistadas. E creio ter sido uma ótima escolha pois, das entrevistadas, foi a primeira a intensificar a relação eu/outro com todas as dificuldades e encantamentos que lhe cabem.

2.2.3 Mariana e Cátia

Mariana é a menina da calcinha. Uma adolescente de 17 anos, estudante, que se auto-declara tímida. É a única que não é mãe. Se, ao invés de cor de pele, pensar em tons, Mariana tem o tom mais negro da gradação. A escolha por essa menina ocorreu devido ao fato já

relatado de, certa vez, ela ter ido buscar a irmã na escola onde leciono, trajando uma blusa tipo *baby look* e uma calcinha. Só isso. Tive certa dificuldade para contactar Mariana. Na época das entrevistas, sua irmã já não estudava mais na escola, o endereço que lá constava era um tanto confuso, e ninguém sabia me dizer onde era sua casa com precisão. Não havia telefone para contato. Foi uma professora da escola, também moradora do bairro, que me indicou onde poderia ser a casa. Fui até lá e realmente era a casa de Mariana. Ela mesma estava no quintal lavando roupa, logo me viu e demonstrou grande surpresa, sem dizer nada. Fiz o convite dizendo que queria entrevistá-la para um trabalho que estava fazendo. Ela riu, um tanto desconcertada, mas aceitou com poucas palavras. Marcamos para a manhã seguinte.

No dia seguinte cheguei na hora combinada. Como não tinha ninguém do lado de fora, fui entrando e pedindo licença. Tanto o acesso quanto a casa são precaríssimos. A casa se localiza numa espécie de porão da residência de cima e, para se chegar, é preciso descer uma escada cavada no barranco de terra. Os degraus são desiguais e muito perigosos. No quintal para o qual a escada dá acesso, há um cimentado de, mais ou menos, um metro e meio, que separa a construção do barranco, sem nenhum muro ou algo para dar segurança. Se se pisar errado, despenca-se lá embaixo. Ao adentrar à casa, vi Cátia - a mãe -, seu marido Renan e Mariana. O cômodo por onde se entra é uma espécie de cozinha e sala conjugados. Não é grande mas há um fogão, uma geladeira, uma pequena mesa e um sofá. A casa tem mais 2 quartos pequenos e um banheiro bastante ruído. Lá moram 10 pessoas: Cátia, Renan e os 8 filhos (dos quais os 6 mais novos são filhos de Renan). Logo que adentrei esse primeiro cômodo, deparei com Cátia e o marido, que não responderam ao meu "bom dia". Foi bastante desconfortável. Mariana me viu e chamou para entrar no quarto em que estava e, lá, a entrevista se desenrolou. Minha grande surpresa foi ver que o som do *funk* que eu ouvia desde que cheguei não vinha de um rádio e sim de uma televisão de 29 polegadas, tela plana, que havia nesse quarto.

Logo que nos sentamos na cama, vieram uns três irmãos de Mariana (ela é a mais velha) e sentaram conosco. Mais tarde percebi que minha estada ali era um evento para a família. Essa percepção não foi oriunda da boa educação nem tampouco da bajulação deles. Ao contrário, parecia que toda descortesia para comigo se dava no sentido de a família querer naturalizar uma situação atípica, mas que movimentou as pessoas da casa. Reparei que só o quarto onde Mariana me recebeu e o banheiro estavam mais organizados. Iniciei a conversa falando sobre música, uma vez que o *funk* estava na maior altura. Mariana disse que o grupo que mais gosta é o "*Prostituta ousada*". Durante essa conversa inicial dei um pacote de balas

para os irmãos mais novos e eles começaram a brigar por elas. Mariana interferiu e tomou-lhes o presente para guardar.

Mariana foi a entrevistada que eu menos consegui enxergar enquanto indivíduo. Apesar de a separação indivíduo/meio social ser um tanto controvertida, nas outras entrevistas, eu vislumbrei as mulheres como pessoas que falavam *sobre* o meio em que vivem, num grau de abstração suficientemente inteligível. No caso de Mariana, me pareceu que ela é, mais que nenhuma outra, *o* meio em que vive. A entrevista foi bastante confusa, com crianças saindo e entrando o tempo todo, a mãe vindo a todo momento, eu segurando o caçula de 4 meses e Bianca, a irmã de 13 anos, interferindo a todo instante nas respostas de Mariana. Cada vez que uma pessoa interferia na entrevista, parecia ser para reafirmar o que Mariana dizia e, através disso, reafirmar um "jeito" de viver muito próprio daquela família e que eles têm como o certo. Por exemplo, quando Bianca fala que gosta de brigar na rua, Mariana e os outros irmãos que ali estavam se excitam e começam a relatar com orgulho uma briga da irmã mais velha:

Ô, Bianca, tô desconfiada que cê gosta de brigar, Bianca? Gosta?

(Mariana) *Gosta muito.*

Hã?

(Bianca) *A Mariana também.*

Eu não. Eu é muito difícil. (Um dos irmãos mais novos: mas ela bate em casa.)

(Bianca) *Mas ela espanca.*

Mas só aqui dentro de casa ou fora de casa?

Em casa.

Cê briga com os meninos, seus irmãos, Mariana?

Também, mas só com a pequenininha...

Tá...mas quando cê briga com ela, a briga é como?

Ah, a briga é diferente. Das duas.

Aham...

Nela eu bato mais fraco, né?

Na rua cê bate mais forte... E alguém já te bateu?

Não. Na rua é diferente porque...igual quando eu briguei com a menina, teve uma vez que eu briguei aqui, aí, eu cheguei em casa, apanhei da minha mãe...

Ah, é? Cê contou pra sua mãe?

Bati na rua, apanhei em casa.

Por que que ela te bateu?

Voltei tarde e tava suja de terra.

Hã?

Aí minha mãe ficou com medo d'eu 'jogá' a menina do barranco...

Mariana é uma menina de poucas palavras, mas as que profere são de uma lógica irrefutável a qual, sem que ela perceba, revela seus valores e uma certa baixa auto-estima. Quando falávamos sobre beleza, Mariana diz:

Que que cê acha que é uma pessoa bonita? Como que é uma pessoa bonita, pra você?

Pra mim? Num sei.

Hum....

Acho que num existe gente bonita nem gente feia, não...

Num existe gente bonita nem feia...

Aham...

Por que que cê acha?

Ah, sei lá....

Hum...Quando cê pensa numa pessoa bonita, como é que cê pensa que ela é?

Não acho ninguém bonito não.

(...)

Ah ... pra mim? Ah, uma pessoa ... num precisa ser bonita.

Hum, hum...

Seno limpa e 'cuidano' dela, pra mim tá 'bão'.

Mais à frente, quando falávamos sobre mulher e beleza, ela diz, com certo ar de tristeza:

E uma mulher bonita, pra você, como seria?

Bonita também. Igual a minha irmã...

Qual, a Bianca?

A Larissa. (de 3 anos)

Ah... aquela...

(Risos)...É... (Risos)

Hã? Como é que ela é, pra cê achar ela bonita, a Larissa. Que que ela tem, que cê acha ela bonita?

(pensativa) *Ela não é ruim.*

A todo instante Mariana se dizia insatisfeita consigo, especificamente com o cabelo "ruim" (em suas próprias palavras) e os dentes "tortos". Parecia haver naquela casa um certo *mana*, algo de difícil apreensão que orientava o comportamento e as opiniões dos viventes dali. Ao mesmo tempo em que fui quase hostilizada por toda a família, percebi o quanto eles queriam falar e como se sentiam lisonjeados por eu ter convidado Mariana para uma entrevista. Cátia, a mãe, entrava no quarto todo o tempo. Das primeiras vezes, não se pronunciava sobre o que conversávamos, somente perguntava algo sobre o bebê que ali estava. Aos poucos, em cada vez que entrava, participava da conversa até que, da última vez, se instalou permanentemente na cama. Foi assim que Cátia se tornou a quarta entrevistada. Quando já estava no final da conversa com Mariana, passaram na rua 3 carros do corpo de bombeiros e pararam bem perto da casa. Mariana e Bianca, sem nenhuma cerimônia, saíram correndo para ver o que tinha acontecido e, assim, fiquei a sós com Cátia e entrevistei-a também.

Tanto quanto Mariana, Cátia fala pouco. Trata-se de uma mulher de 37 anos, negra e que tem o que se denomina "corpão". Quando falávamos sobre corpo, ela mesma disse que, pela quantidade de filhos que tem, seu corpo ainda estava "*muito bão*". Ela se diz amigada com Renan. Cátia e os filhos moravam com sua mãe e Renan na casa onde todos moram agora. À medida que Mariana e Bianca foram crescendo, Cátia foi-se mudando para a casa de Renan e deixando as duas com a avó. Como ficou difícil para as meninas estudarem, elas, também, acabaram indo morar com a mãe e o marido, deixando a avó doente sozinha¹⁸. Percebi que a palavra falada não se constitui em meio fluido de comunicação para essas mulheres. Não é que elas não saibam falar o português correto. É mais que isso. Parece que o discurso falado faz menos sentido como meio expressivo que o discurso gestual, por exemplo. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, quase todas as opiniões sobre as perguntas que eu fazia, eram de uma lógica extrema; oriunda de um pensamento tão simples quanto cru. Às vezes indigesto para quem ouve.

Ao falar sobre a morte da mãe, Cátia diz:

¹⁸ Só foi possível "montar" a história da saída de Cátia da casa de sua mãe após ler algumas vezes a entrevista toda. Há trechos confusos, passíveis de serem entendidos somente à luz de algumas conversas posteriores que tive com ela, pois, no momento da entrevista, não era esse o foco.

'Nóis tamo' aí. Eu morava lá embaixo, com a minha mãe, minha mãe faleceu, eu vim 'morá' pra cá.

Hã...

Eu morava lá e morava aqui.

Hum, hum...

Né? Depois que a mãe morreu eu vim embora pra cá.

Ela morreu de quê?

Morreu com oitenta e oito anos.

Oitenta e oito?! Hã?

Aí eu...subi de 'veiz'...

Aham...

Tô aqui... As minha menina ficava lá com ela, né, pra ela num ficar sozinha.

Hum, hum...

Aí ela faleceu, eu trouxe elas embora pra cá.

Ela morreu de quê, Cátia?

Ah...quando ela morreu, ela num morreu na minha companhia, não...

Hum...

Entendeu? Porque negócio do Conselho Tutelar, a assistente social depois começou a 'ficá pegano' no meu pé, porque.. .eu.. .ficava lá e ficava aqui, entendeu?

Entendi...

Eu já tinha as menina...

Aham...

Aí, eu tinha que decidir.

Hum, hum...

Eu ficava lá de 'veiz' e o Renan ia pra lá, mais ele já tinha a casa dele aqui, como é que ele ia pra lá?

Aham...

Ou eu subia de 'veiz' pra cá, entendeu? Aí eu queria trazer ela pra cá e ela num quis, e eles (o Conselho Tutelar) 'tamem' lá num 'dexô'.

Aham... Aham...

Deixei ela pra lá e... No atestado de óbito dela consta que ela morreu de 'desnutrição zero', agora, se é, também eu num sei...

Outro traço que havia percebido em Mariana e que é mais forte ainda em Cátia é um conformismo extremo. Para ajudar o marido garçom em uma pastelaria, Cátia trabalha como pode (e quando quer): lava a roupa da cunhada e leva e busca dois filhos de uma vizinha na creche, em um bairro próximo. O conformismo é tamanho que Cátia nem se cadastrou no programa Bolsa Família¹⁹. Creio não ter vislumbrado com clareza o tênue limite entre o conformismo e o comodismo que acontecem ali, naquela família. Fiquei me questionando se a casa suja e mal cheirosa e os dentes pretos dos filhos, eram fruto da acomodação ou do conformismo de Cátia e do marido. Em que medida essa conduta torna-se um padrão consciente para eles?

Creio que esse traço possa se tornar claro a partir do trecho que se segue:

Se 'cê' sofresse um acidente, Cátia, e ficasse com uma cicatriz, num lugar bem...que desse pra ver. Como é que 'cê' ia se sentir?

Ah, eu ia ficar conformada, né, aconteceu, aconteceu. Num ia ficá desesperada por causa disso, não.

Aham...

Sei lá, eu sou muito conformada com as coisa.

(...)

Né? Vai continuar 'viveno' ainda, até a hora que Deus chamar. (Falávamos sobre uma mulher que ficasse parálitica.) Entendeu? Se ela num foi é porque num chegou a hora dela. Eu penso assim também. É uma coisa que eu penso 'tamem', eu falo o que, ó, cada um tem sua hora. Cada um tem seu... sua sina de... de... partir, entendeu?

Aham...

Aí, a Mariana fala: que isso, mãe? Mas é 'mermo', cada um tem seu destino... seja de morte morrida, seja de matada. É porque chegou sua hora.

Aham... aham...

Entendeu? Num tem negócio que... morreu antes da hora não, que num existe isso, não.

Creio que o termo que mais se adegue a Mariana e Cátia, e toda a família, seja auto-referidos. São pessoas que engendram um modo de vida tão particular e auto-centrado, que vivem exclusivamente para si e para suas sobrevivências. Parece que, nesse viver para si, eles

¹⁹ Sei que Cátia conhece o programa porque, no momento da matrícula de toda criança na escola Celeida Gomes, a secretária questiona a mãe ou o pai sobre se já faz parte deste. Caso os pais desconheçam o programa – o que é raro – a escola oferece todas as informações sobre como se cadastrar.

se afirmam uns aos outros a todo instante; em cada momento em que isso é possível, revalidam suas condutas, tornando claras as regras que estão por trás delas. Creio que minha visita se constituiu como um desses momentos.

Ao final da entrevista com Cátia, Mariana e Bianca chegaram esbaforidas da rua. Rindo muito e visivelmente excitadas deram a notícia:

O Neti 'pois' fogo na casa dele!!! Tá todo queimado!

Cátia: O Neti?!

O Neti! A casa dele já era. Tudo!

Cátia: Ele tá 'ficano' doido, meu Deus?

Ele mesmo pôs fogo na casa?

Ele mesmo!

Ele tá tudo queimado, mãe!!! Tudo!

Será que ele 'pois' porque ele coisa... ou ele tava 'dormino'?

Ele 'pois'! 'Quereno' se matar!

Mas ele machucou?

Tá tudo queimado! Tudo!

Ao me despedir, ninguém respondeu ao meu "tchau", nem me acompanhou até a porta ou à rua. Somente Suraia, uma pequena de 8 anos, ex-aluna minha, docemente disse: "tchau, tia." Essa atitude aplacou um pouco o meu incômodo. Foi a casa e os momentos que passei com Cátia e Mariana que deixaram em mim a impressão mais forte do que é o estranhamento. Impressão essa que senti até o momento em que cheguei em minha residência e ainda sentia o cheiro da casa e das roupas daquelas 10 pessoas que moram num porão. Já no ônibus, indo embora, pensei em como diferentes olhares constróem diferentes panoramas: naquele momento a alienada era eu. E, fazendo um *mea culpa*, creio que, no que diz respeito a essa família, ainda estou.

Em relação a Neti, soube que morreu dois dias depois.

2.3 O bairro Manoel Honório

O Manoel Honório também se localiza na zona leste da cidade e é relativamente próximo ao Alto Grajaú. É possível, com um pouco de disposição para subir os morros, ir e vir de uma região a outra a pé. O Manoel Honório, bairro das outras 4 entrevistadas, e do Colégio Mendes Carneiro, é um bairro geograficamente plano e que se constitui como ponto de referência para as adjacências. A movimentação de pessoas, carros, ônibus e caminhões é muito intensa a qualquer hora do dia. Como este bairro é a porta de entrada para outros tantos, o número de coletivos que ali circulam é muito grande, o que contribui para um tráfego intenso e perigoso nas horas de pico, como no final da manhã e da tarde. Tal fato, ao mesmo tempo, facilita o acesso ao próprio bairro, uma vez que, para se chegar ao Manoel Honório, é possível tomar diversos ônibus que passam pelo centro da cidade. Como é uma região de passagem, não existe nenhum coletivo intitulado com seu nome. É preciso saber os nomes dos bairros cujos ônibus passam pelo Manoel Honório.

Trata-se de um bairro essencialmente comercial, tendo na prestação de serviços seu ponto forte. Há 3 agências bancárias e mais 2 em construção; um supermercado; mais de 4 outros mercados menores; uma clínica particular de saúde; mais de 5 vídeo locadoras; cerca de 10 escolas; uma lotérica; diversas lojas de roupas e calçados; 6 farmácias; 5 açougues; 2 *pet shopping*; 1 floricultura; 2 bancas de jornais; diversas lanchonetes; sorveterias; bares; academias de ginástica; 2 lojas de ferragens; salões de beleza; uma delegacia da Polícia Federal e uma da Polícia Militar; a sede da Receita Federal; restaurantes e um *shopping*, o qual também tem como ponto principal a prestação de serviços e não o entretenimento. Apesar de a veia comercial ser o que mais caracteriza o bairro, há inúmeras residências: algumas antigas, que datam da época em que o comércio ali não era tão latente, e outras construções mais modernas, essencialmente prédios.

De acordo com os moradores, as avenidas principais são a Governador Valadares - principal acesso de entrada ao bairro - e a Américo Lobo - principal saída. Esta última é muito extensa, atravessando mais 3 outros bairros. É no início da avenida Governador Valadares que se localiza uma praça, a qual se constitui como principal espaço onde se desenrola a vida social noturna da região. Nesta praça, originalmente concebida para ser um espaço familiar, tem-se barzinhos para os jovens e adultos e recreação para as crianças. Mas, o que se tem visto nos últimos anos é que ela vem se tornando uma espécie de ponto de encontro de jovens de bairros vizinhos, os quais "descem" à pracinha e amedrontam as pessoas, às vezes, brigando entre si. Apesar de ter um posto policial bem na região mais movimentada do bairro, o número de assaltos a pessoas e estabelecimentos vem aumentando consideravelmente. Há

cerca de 4 meses, um mendigo foi brutalmente assassinado com pancadas na cabeça numa madrugada. Nenhum jornal noticiou o fato.

Há algumas antigas vilas no bairro. Numa delas foi onde nasci, e existe até hoje. Numa outra, morei até a adolescência e, hoje, em seu lugar, existe um prédio. Creio poder dizer que, em relação à população do bairro, trata-se de um estrato médio, com todas as gradações que ele comporta. De minha vivência pessoal aliada ao contato com mães e parentes de alunos do Mendes Carneiro, poderia dizer que encontramos entre os moradores do Manoel Honório médicos, advogados, autônomos, militares, professores e funcionários públicos. E também comerciantes, empresários, trabalhadores do comércio, secretárias e muitas donas de casa. Parece tratar-se mais de um estrato médio-médio.

Apesar do crescimento dos últimos anos, o que se vê é um bairro onde quase todos se conhecem, principalmente em se tratando dos idosos, os quais já formam uma parcela considerável na região. Duas das 4 mulheres entrevistadas moram justamente na parte mais movimentada do bairro, próxima ao Colégio Mendes Carneiro. As outras duas residem em ruas transversais às principais, portanto, mais tranquilas e residenciais.

2.3.1 Eunice

Conheço Eunice há, aproximadamente, seis anos. Além de ser mãe de 2 alunos do Colégio Mendes Carneiro, Lidiane, de 10 anos, e Pablo, de 5, ela foi secretária da escola nos meus primeiros anos de trabalho lá. Quando convidei Eunice para participar da pesquisa, ela aceitou prontamente e com entusiasmo.

Eunice é o que comumente denominamos uma pessoa "alto astral." É divertida, bem humorada, alegre e extremamente falante. Junto com o marido, Rafael, tem uma confecção de roupas que vendem numa loja própria. A mãe e o irmão do marido também são sócios. Uma de suas lojas fica num shopping da cidade e, a outra, em Santos Dumont - pequena cidade a cerca de 1 hora de carro de Juiz de Fora. Há também compradores de suas malhas em Belo Horizonte, para onde o marido viaja uma vez por semana. Antes de deixar o trabalho na escola, Eunice conciliava as duas profissões: secretária e empresária. Ao passo que a confecção e as lojas foram se expandindo, ela teve que se dedicar exclusivamente ao negócio próprio.

Eunice e o marido têm dois carros: um Peugeot e um Palio (os quais, na época, eram 0km). A julgar pelos veículos que sempre via com eles, tive certo espanto ao adentrar seu apartamento. O combinado foi que eu iria com o casal até sua casa após o horário de aula das crianças, já que eu também estaria na escola naquele dia. Assim foi. Quando chegamos à residência, espantei-me com o descuido do prédio e o tamanho minúsculo do apartamento. Pensava que moravam em uma casa compatível com o que os carros representavam para mim: uma situação econômica boa. Porém, durante a conversa que tínhamos, enquanto lanchávamos antes da entrevista, Eunice me disse que estavam morando ali, de aluguel, pois estavam construindo uma casa num bairro mais distante. Os dois carros tinham sido sorteados num consórcio, quase que simultaneamente, há alguns meses.

Creio que Eunice e o marido representem o estereótipo de classe média tão difundido pela mídia. É um casal de origem humilde, que trabalhou e ainda trabalha muito em prol tanto da realização pessoal quanto das conquistas dos desejos materiais. Trabalham para dar uma vida melhor aos filhos, os quais estudam numa escola particular, fazem ballet e capoeira e, a filha mais velha, inglês. Os momentos de lazer da família são outro exemplo do pertencimento ao estrato médio. Todos os finais de semana saem para comer fora ou passar o dia em um "pesque e pague"; às vezes sai só o casal para bares da cidade. Nas férias sempre viajam para a praia ou outro local turístico.

Eunice é uma mulher bonita, branca e um pouco obesa. Assim como ocorreu com Celina - a primeira entrevistada - ela passava por um momento idiossincrático quando a entrevistei. A crise dos 40. Disse-me que, ao completar recentemente 40 anos, achou que iria morrer de tanto desgosto. Que sua vida tinha acabado e que ela não iria dar conta da criação dos filhos ainda pequenos. Surpreendi-me com essa situação, pois, para mim, ela não se compatibilizava com o bom humor de Eunice e a leveza que transmite em suas falas e condutas. Porém, logo ressaltou que o pior da crise já havia passado. Que, naquele momento, ela estava bem e havia entendido os novos valores que forjou nessa fase ímpar. Disse que passar por ela foi tão importante que agora conseguia ver com clareza o que queria e o que não queria para si e para sua família, e chegou até a dizer que essa é que era a melhor fase da vida.

Trata-se de uma mulher lúcida e com um discurso pronto e afiado sobre qualquer tema. No entanto, não escapou de uma grande contradição em sua fala. Ao falarmos sobre corpo, ela diz:

Que que significa o seu corpo?

Menina...tudo de bom, né?! Adoro, não tenho problema nenhum com corpo, não tenho problema nenhum em ser mais gorda, em ser mais magra, em ser mais baixa nem mais alta...

Cê não é baixinha não, é?

Ah, sou. Sou baixinha, 1m e 56cm, parece.

Olha, não parece...

Não, mas eu uso sempre um saltinho bem alto...

Ah...

Pra poder realçar menos...(risos). Mas não tenho problema nenhum, nunca tive. Sempre fui uma menina gordinha. Sempre fui... minha mãe brinca, meu pai, o pouco que eu lembro do meu pai (já falecido), ele falava que eu tinha as perna grossa e que eu era aquela, aquela, aquele versinho, né? Vestido curto papai não gosta... menina das perna grossa, tem uns negócio assim... Então eu me lembro que ele brincava assim comigo. Sempre fui 'bunduda' das perna grossa. Depois que me tornei mulher e mãe, aí fiquei 'peituda', 'barriguda', mas quando era mais nova, mais moça, sempre tive 'quadrilzão' largo e as 'pernoca' grossa. Então nunca deixei de ter namorado por isso, nunca deixei de ter amigo por isso, nunca deixei de frequentar piscina, praia, escola...

(...)

(Sempre foi) Aquela... aquela menina roliça, nunca fui magrela. Não tenho problema nenhum. Meu marido me conheceu... como diz, eu já era o que eu sou, um pouco menos, né? Um pouco menos, mas agradou... a gente tem uma vida sexual super normal, tudo muito tranqüilo. Eu tive meus filhos... nunca me incomodou em nada...

Mais adiante, ao falarmos sobre alimentação, Eunice, prontamente, dispara:

Cê faz dieta? Já fez?

Faço, vivo de dieta!

Ah...

Sou uma pessoa extremamente da dieta, né? Então eu vivo de dieta, vivo. Faço dieta, já tomei remédio, já fiz de tudo. Atualmente eu não tomo mais porque eu tive problemas de saúde com esse negócio de tomar esses remédios, essas coisas, então eu não... eu abandonei mesmo. Mas às vezes a gente não pode, eu já tenho tendência a... né, ter esse excesso de peso e... se eu abrir muito mão, aí eu vou embora. Então assim, não deixo de comer nada mas procuro... aproveito que eu não sou aquela gulosa em potencial, porque o meu biotipo ele é assim, não é... não é coisa de 'comilança', não sou uma pessoa gulosa. Nunca comi mais que um pão e meio por mais que eu esteja com fome. Tem gente que come 3, 4...

Penso se Eunice percebeu o paradoxo em seu discurso. Apesar de, como já ressaltai anteriormente, ser difícil um discurso oral que não apresente incongruências com o discurso da conduta, creio em duas possibilidades para o caso dessa mulher. Uma primeira seria a adoção de uma fala libertária que fosse pretensamente tida como a resposta esperada por mim, a entrevistadora. A segunda refere-se ao grau de desprendimento que, mesmo uma pessoa esclarecida e, aparentemente, bem resolvida consigo como ela, consegue ter em relação aos modernos padrões de beleza feminina.

Passei o final da tarde e boa parte da noite na casa de Eunice. A conversa se desenrolou na cozinha, por onde chegamos. Foi regada a sucos, refrigerantes e todo tipo de guloseimas para lanchar. Sempre que um dos filhos ou o marido adentravam o cômodo, ela pedia que fossem para outro local a fim de nos deixar a sós e sossegadas. Saí da casa de Eunice com a serenidade da boa recepção e com a certeza de que a empatia mútua que sempre houve entre nós não se constituiu como um empecilho para o desenrolar da entrevista - o que eu temia. O grau de informalidade com que esta ocorreu contribuiu para que eu não ficasse tão exaurida e tensa nos momentos que precederam o encontro, ou posteriormente já em casa.

2.3.2 Vera

A entrevista com Vera foi a mais curta, e o tempo que passei com ela, também, foi o menor. Conheço Vera há alguns anos por ser mãe de uma aluna da escola onde lecionava, mas o motivo principal de sua escolha foi devido ao fato de já ser mais velha com uma filha nova, de 8 anos. Gostaria de ouvir sobre as representações de corpo de uma mulher mais madura. Vera é extremamente tímida e isso dificultou bastante tanto a entrevista quanto sua abordagem. Ao fazer o convite para participar do estudo, ela quis saber exatamente sobre o que era, quais eram as outras mulheres que eu havia escolhido e disse que talvez não soubesse responder direito perguntando se eu não tinha outra pessoa para entrevistar. Delicadamente insisti e ela consentiu. Tive a impressão de que, ao assentir, ela demonstrou certa vaidade em ser uma das "escolhidas".

Combinamos para uma tarde da semana seguinte. Chegando a sua casa reparei que Vera estava mais arrumada que o habitual e inferi que o capricho na vestimenta era para me receber. A primeira coisa que ela falou ao me ver foi que tinha telefonado para Eunice e que

esta havia falado que as perguntas que eu fazia eram fáceis, que ela não precisava se preocupar. Fiquei incomodada ao saber que as entrevistadas conversaram entre si antes de eu falar com todas. A família de Vera é tradicional no bairro. Seu pai, o integrante mais conhecido, é debatedor em um programa da grade local da TVE. E é na casa dele e da mãe que Vera e mais uma irmã com o marido e os três filhos moram. Trata-se de uma casa muito boa, muito bem mobiliada e arrumada pela empregada. Ao adentrar o corredor de acesso, pude reparar nos quartos, os quais são grandes e bem mobiliados também. Vera me recebeu na sala de visitas e fechou a porta que dava para o restante da casa por causa da cachorrinha - assim ela disse.

Vera é uma mulher branca, de 45 anos e separada. Já trabalhou algum tempo em uma confecção de tecidos, mas deixou de se dedicar a esse trabalho por ser muito "puxado", como ela diz. Desde que se separou do marido, bem antes de a filha nascer, mora na casa dos pais e vive com a ajuda financeira deles, já que a pensão do ex-companheiro é muito pouca. O pai de sua filha é o próprio ex-marido, o qual não tem relações com sua família. A timidez de Vera diminuiu quando terminei a entrevista e desliguei o gravador. Nesse momento, ela não fez nenhuma menção que me indicasse que eu deveria ir embora, o que foi um alívio posto que, devido a sua timidez e insegurança excessivas, eu não sabia se ela estava gostando da minha presença ali. Foi então que Vera me contou toda história com o ex-marido, pai de sua filha. Penso que esse ocorrido coloque em voga toda uma gama de questões acerca do comprometimento e da ética que orienta a relação pesquisador/informante. Nesse sentido, torno-me partidária de não revelar minúcias da vida de Vera, mesmo inferindo que elas poderiam ser uma das fontes de sua insegurança como mulher.

No início da entrevista seu pai estava sentado na varanda da sala e interferiu algumas vezes. Nestes instantes, senti que eu era um meio através do qual Vera fazia valer suas opiniões aos ouvidos do pai. Sua insegurança se tornava latente toda vez que ajustava sua roupa: puxava a blusa para frente, dobrava a perna da bermuda etc. Isso ocorreu intensamente durante toda a conversa. Decerto foi a entrevista em que eu mais me exauri e deparei com o perigo do direcionamento das respostas do informante. Como Vera se tornou lacônica e ria muito - demonstrando seu nervosismo - tentava fazê-la falar mais para que obtivesse respostas mais consistentes - ao meu ver. Todas as suas respostas eram pautadas na sua própria vida e foram as que mais se vincularam ao senso comum, de todas as entrevistadas. Ao falarmos sobre velhice, Vera diz:

E velhice, o que que é?

Velhice... é... chega a velhice, o bicho começa a pegar, né? (risos) Começa as dores, os problemas... eu não tenho nada contra a velhice não. Acho que a gente tem que ter carinho, né, que os jovens hoje em dia, a gente não tem. A gente vê muito isso, né? Ter paciência... eu tenho paciência, entendeu? Com a minha mãe, com o meu pai aí...

Não é que não houvesse algum nível de abstração, mas tratava-se de opiniões e elucubrações bastante lacônicas e lineares. Um exemplo é quando pergunto sobre beleza:

Que que cê acha que é beleza?

Beleza? (pensativa e risos)

É pra falar o que vier na cabeça...

Eu acho bonito! Cada um saber se maquiar, se produzir, às vezes é uma pessoa feia, mas se passa maquiagem te dá uma outra aparência, uma outra vida, né? Aí fica bonito.

Vera se compara o tempo todo com a irmã que mora na mesma casa. Diz que ela é muito bonita e inteligente e que é quem ensina os deveres da escola para sua filha. Vera não estudou muito - sua irmã tem duas faculdades - por isso tem dificuldades para explicar a matéria a Tatiana. Creio que a opção de vida de Vera de não estudar e não trabalhar tenha a tornado naturalmente a filha e irmã cuidadora da família. É ela quem sai à tarde para comprar pão para sua mãe, quem paga as contas no banco, quem leva o pai ao médico, entre outros afazeres que ela lista com certo orgulho. Creio ter saído da casa de Vera com menos do que eu esperava no que diz respeito a conteúdo. No entanto, a estada com ela lançou luz, para mim, aos engodos que permeiam a relação pesquisador/sujeito de estudo quando mal direcionada e à desonestidade na descrição do outro que pode advir desse mal direcionamento.

2.3.3 Vanda

Vanda passava por uma fase ímpar quando a entrevistei. A queda do padrão de vida desde que seu filho caçula nasceu, há 3 anos, afetou bastante sua auto estima, como ela mesma diz. Durante o tempo em que passamos juntas, várias vezes ela disse "*Ah, Luciana, eu ando com a auto-estima meio em baixa...*". Parece que Vanda vivia um período em que suas certezas estavam abaladas, principalmente, pela insuficiência de dinheiro na família de alguns

anos para cá. Diante de uma situação financeira que não era tão confortável como entes, Vanda parece ter tido que optar pelos filhos em detrimento dela e do marido. Essa parece ser uma situação corriqueira e normal para qualquer mãe, porém, no caso de Vanda, creio que o peso dessa nobre escolha tenha sido maior.

Ela é uma mulher que, como correntemente se diz, "não tem papas na língua". Sua fala em relação aos filhos contradiz tudo o que se espera ouvir de uma mãe. Seu filho mais velho, Sanderson, de 10 anos, nasceu de 7 meses, pesando 1kg e 400g. Ao se referir a ele, Vanda, sem querer ser engraçada, utiliza expressões como: "*Era a criança mais feia que eu já vi.*", ou "*Eu achei que o Sanderson não ia dar em nada, ele era muito feio.*" Vanda coloca em pauta situações corriqueiras com os filhos sem enfeitá-las e retratando os meandros da relação mãe/filhos com uma crueza que talvez a maioria das mães não tenham. Por exemplo, ao perguntar se ela brinca com os meninos, Vanda diz: "*E eu, as vezes, eu brinco aqui em casa com os dois, muito raramente. Mas tudo que eu posso fazer pra eles me darem sossego, eu procuro fazer.*"

É interessante notar que, aliada a essa rudeza no discurso em relação aos filhos, Vanda mostra-se muito insegura em relação ao amor deles para com ela. Tanto ela mesma se diz insegura, como capta-se essa insegurança em outras falas suas. Ela diz que vive perguntando para Sanderson se ele queria ter outra mãe e, ao falarmos sobre velhice, diz que acha que vai ser uma velha chata porque tem uma personalidade muito forte e os filhos não vão querer ficar com ela.

De todas as entrevistadas, Vanda era a que eu literalmente não conhecia. Inicialmente pensava em entrevistar seis mulheres: três da escola Celeida Gomes e três do colégio Mendes Carneiro. Como, ao entrevistar Mariana, terminei por conversar com sua mãe também, os dois grupos ficaram desiguais e tive que escolher outra mulher para pesquisar na segunda escola. Havia visto Vanda somente uma vez no aniversário de Sanderson, que foi realizado no colégio. Mas sua história era conhecida entre as professoras mais antigas, as quais me contaram mais de uma vez. Sanderson tem um sério problema de audição aliado a um problema neurológico que afeta sua sensibilidade tátil. Ele não sente dor. Cai, machuca, quebra e não dói. Toda vez que havia alguma situação inédita com ele, suas professoras logo culpavam Vanda dizendo que tudo o que o menino apresentava era devido ao uso de drogas por parte da mãe durante a gravidez. Ouvi esse tipo de comentário inúmeras vezes e tive curiosidade de conversar com ela. Daí ela ter sido a última escolhida.

Quando a abordei na porta do colégio, Vanda não se mostrou muito receptiva à entrevista mas, ao ligar para marcarmos um horário, ela foi mais simpática. Passei uma tarde

em sua casa. Trata-se de uma bela moradia: uma casa triplex, muito ampla e conservada, mas que não é deles, é alugada. Os móveis são esparsos e não preenchem todo espaço dos cômodos; consequência de terem se mudado de um apartamento bem menor do que a casa. Vanda disse que estavam em negociação com o proprietário para comprar o imóvel. Tive receio de que, por eu não a conhecer, houvesse um clima demasiado formal entre nós que pudesse atrapalhar a condução da entrevista. Mas isso não ocorreu. Ela foi muito receptiva e agradável, o que me deixou mais segura e à vontade.

Vanda é uma mulher de 48 anos, branca e dona de casa. Creio que seu discurso tenha apontado para a vaidade como uma de suas características mais fortes. Talvez por ser tão vaidosa consigo, não aparente a idade que tem. Conjugado a isso, o fato de ter um filho de 3 anos parece corroborar a impressão de que ela tem menos idade, por parte da maioria das pessoas que a conhecem. Creio que sua vaidade se encerre no próprio corpo. Vanda se gaba de ainda ter um "corpão" na idade que tem - como ela mesma diz. Durante sua fala, várias vezes ela se referiu a si como uma mulher que conseguiu todos os homens que queria devido ao corpo bonito e esbelto que tem. De fato, Vanda é uma mulher sensual. Demasiada ênfase no poder de atração do próprio corpo parece torná-lo símbolo de sua vaidade. Porém, na atual fase de sua vida, o corpo passa a se constituir como o símbolo de sua insegurança também. Um dos trechos em que parece ficar clara essa relação é o seguinte, quando falávamos sobre moda:

Cê se preocupa com a questão da moda?

(...)

Sou até meia boba com esse negócio. Hoje não porque eu não tenho condição de acompanhar, mas eu fui uma adolescente muito... muito na moda. Sempre gostei de usar roupa da moda, até hoje. Eu vejo que uma coisa... também, mas tenho o senso de ridículo também. Bastante senso de ridículo, ultimamente eu ando até muito complexada com tudo, com as coisas não estarem de acordo com a minha idade. É, mas eu ando. Eu ando muito complexada, eu acho que nada fica bom em mim... não sei, eu ando numa maré assim, meio estranha, que eu acho que nada tá bom em mim. Eu vejo a mesma roupa com a minha sobrinha (de 20 anos) que é mais gorda do que eu, eu acho a roupa nela linda, eu coloco em mim que tô mais magra, eu não acho que tá bonito.

A impressão que tive é que Vanda passa, talvez, por um processo de amadurecimento tardio. Sua fala em relação aos filhos parece apontar, também, para uma busca de ser mais correta - no que tange a sua própria percepção do que é ser melhor - com o filho caçula do que foi com o mais velho. Ela disse que, durante a gravidez de Sanderson, fumou e bebeu muito e crê que foi por isso que ele nasceu prematuro e com os problemas de saúde que terá a vida toda. Já na gravidez de Giuliano, diz não ter fumado, até desmamá-lo, e não ter bebido nada. Sua fala é mais terna quando fala no caçula.

Vanda se expressa muito bem e é bastante inteligente e curiosa. Usa palavras incomuns e seu discurso é muito coerente. Quando já me despedia ocorreu um fato que corroborou minha impressão sobre sua vaidade. Já estava na hora de ela ir buscar os filhos no colégio e, por isso, pedi que eu a esperasse trocar de roupa para irmos caminhando juntas. Logo que subiu para seu quarto, ela me chamou para conhecer a parte de cima da casa. Chegando lá, entrei no quarto dos filhos primeiro e, depois, no seu. Muito informal, Vanda disse para que entrasse sem cerimônia e, assim, conheci sua suíte. No momento em que saía de seu banheiro, Vanda se despiu na minha frente e fiquei muito constrangida. Tirou a blusa e o soutien de frente para mim, enquanto escolhia uma outra peça. Nesse momento tive a impressão que ela queria me mostrar seu "corpão apesar da idade". Posteriormente, tive certeza disso. Acredito que esse acontecido, aliado a sua fala, aponte para corroborar minha percepção do corpo como símbolo importantíssimo da vida de Vanda.

Vi Vanda mais algumas vezes na porta do colégio e ela foi bastante simpática comigo. Assim como as outras entrevistadas não perguntou sobre o andamento da pesquisa. O que me intrigou bastante.

2.3.4 Ana

Ana é uma mulher de 44 anos, morena clara, ferroviária e muito falante. Conheci-a há uns 4 anos e sempre nos vemos no bairro Manoel Honório. Todas as vezes em que nos encontramos conversamos bastante sobre suas filhas, as quais eram minhas alunas. Além desses encontros casuais, muitas vezes a encontrei em sua própria rua, já que é vizinha de minha afilhada. A escolha por Ana deu-se no sentido de ser uma mãe bastante participativa no colégio. Leva as filhas todos os dias e procura se inteirar de como andam seus comportamentos e notas. Foi a filha mais nova quem me deu o telefone de sua casa e, assim,

marquei com Ana uma visita num sábado de manhã. Desde o primeiro contato, ela foi muito solícita e simpática.

Talvez o traço mais marcante de Ana seja seu senso prático. É uma mulher que não tem vaidade alguma e que defende esse jeito de ser argumentando que não tem tempo para "essas coisas" (arrumar-se) devido à vida corrida que leva. Ela trabalha de segunda a sexta-feira, oito horas por dia, na MRS. Pela manhã, leva a filha mais velha para a escola e, de lá, vai trabalhar. Almoça na casa da mãe e aproveita para levar a caçula ao colégio também. Quando chega em casa, por volta das 18 horas, toma um banho rápido e sai para buscar as filhas no coral da igreja, três vezes por semana. A fala de Ana é tão acelerada quanto seus passos. Sua falta de vaidade tornou-se expressa em alguns trechos da entrevista, principalmente ao falarmos sobre consumo e moda:

Vou arrumar pra ir em alguma coisa, é rápido, já saio do banho praticamente vestida. Eu não sou muito de...eu não tenho essas vaidades não...não sou de...um batonzinho básico, um perfuminho, só. Sombra, essas coisas, não é muito minha praia não, sabe? Sou... é prática, se eu tenho que ir num lugar, rapidinho eu arrumo...

(...)

A última vez que eu passei esmalte na mão foi quando eu casei (há 15 anos), pra você ter uma noção.

(...)

(Quando falávamos sobre cabelos curtos) É prático. Ah, é...quando eu casei, meu cabelo era até embaixo da cintura, era enorme. Eu fiz uma trança embutida (no dia do casamento), ficou muito bonito inclusive. Ah, depois que eu fiquei grávida, falei: o quê? Nessa correria que a gente tem, muito cabelo, que eu tenho cabelo demais...

A dinâmica familiar de Ana é um tanto diferente da das outras entrevistadas. São seus pais que criam as filhas para ela poder trabalhar. Já idosos, eles moram numa rua paralela à de Ana, e suas casas quase dão fundos uma para a outra. É na casa dos avós que as filhas têm os armários, os materiais de escola e tudo o mais. Lá também ficam algumas roupas e todos os sapatos de Ana. Sempre que ela mencionou a "sua casa", ela estava se referindo à casa dos pais. Todo final de semana, ela e as meninas dormem na casa dos pais, uma vez que o marido de Ana tem um sítio, no qual cria gado de corte, e vai para lá aos sábados pela manhã e só volta domingo à noite. Parece que seu casamento é bastante complicado e que só se mantém em razão das filhas. Em certo momento da conversa, num tom de desabafo e com certo

rancor, Ana disparou: "*A última vez que eu saí com ele foi na minha lua-de-mel, nunca mais saí com ele, ele nunca sai com a gente (ela e as filhas), nunca sai mais com a gente.*"

Ao contrário do que se possa esperar de uma pessoa muito prática, Ana é extremamente sensível. Ela se emocionou duas vezes durante a entrevista: ao falarmos sobre velhice e sobre o seu casamento. Não chegou a chorar, mas seus olhos ficaram marejados e seu tom de voz diminuiu. Com certo pesar, me disse que se imagina só na velhice. Não consegue se ver com o marido sub-tenente da polícia militar - o qual planeja ir para Góias para criar mais gado - nem tampouco com as filhas, que já vão estar adultas e casadas. Esse cenário parece magoá-la bastante.

Passei a manhã inteira com Ana e foi a entrevista mais longa que fiz. Ficamos na cozinha o tempo todo. A primeira impressão que se tem é que se trata de uma casa duplex. Mas, na verdade, é uma em cima e outra, a dela, embaixo. Nos fundos, ainda há uma pequena casa, de propriedade da família, que está alugada a uma senhora. É uma casa ampla e muitíssimo limpa pela diarista de sua mãe que, toda sexta-feira, faz uma faxina para Ana. Há pouco tempo, ela e o marido fizeram uma enorme reforma na casa e, para tanto, venderam o carro da família e ficaram somente com a moto dele. Eles planejam comprar a casa de cima, que está sendo posta à venda.

Trata-se de uma mulher interessante. Além de toda praticidade inerente a seu jeito de ser, ela se gaba de ser uma "supermãe". É extremamente exigente com as filhas ao mesmo tempo em que as superprotege. Diferente de outras entrevistadas, penso que Ana não apresente uma discrepância entre o discurso falado e a conduta. Em seu caso, o que se tem são posturas complementares: ao mesmo tempo em que é prática, é sensível, assim como, na mesma medida em que é dura, é mística. Ana surpreendeu-me ao falarmos sobre doença:

Uma pessoa doente seria como?

(...) a pessoa que se quiser ter doença, tem doença...

Cê acha que a pessoa procura doença?

Ah, tem muita gente que procura doença. Tem muita gente que você conversa com a pessoa, a pessoa só fala em doença.

(...)

Mas fora isso (sobre as cólicas menstruais que tem)... agora, tem gente que só conversa, só fala nisso, isso atrai também, a pessoa só fala em doença, tem muita gente que cê conversa, cê não vê outra coisa...

Não esperava uma resposta tão oriunda de uma crença mística quanto essa. Não é que Ana tenha se contradito, ao contrário, parece se tratar de uma complementaridade a seu modo prático de encarar a vida. É como se ela conferisse, tomando o trecho acima como exemplo, uma sensibilidade a toda ação prática que toma em seu cotidiano. Creio que o fato de Ana ter escolhido a via da praticidade na orientação de sua vida deva-se a fatores desconhecidos por mim; quiçá, até por ela mesma. Também penso até que ponto essas condutas são escolhas e, se são, se são conscientes e sob qual espectro de liberdade as fazemos. O fato é que o senso prático que orienta tanto a vida profissional de Ana quanto a pessoal não afasta a beleza das opiniões dessa mulher.

Ao me despedir, Ana me acompanhou até o portão da rua e ali conversamos mais um pouco sobre o Colégio Mendes Carneiro. Sempre que a vejo, conversamos bastante, mas ela nunca perguntou sobre o andamento do trabalho ou o destino da entrevista. Fato esse que é estranho bastante, mas que corrobora antigas suspeitas: as pessoas querem ser ouvidas. Somente ouvidas.

3. ALGUNS APONTAMENTOS

"Conversar é uma maneira de dizer."

AGUALUSA

"Classifica-se como se pode, mas classifica-se."

LÉVI-STRAUSS

A entrevista em profundidade que realizei com as mulheres foi dividida em blocos de temas. Abordei questões relativas ao lazer, saúde, doença, beleza, moda, corpo, idade e apresentei algumas situações a fim de que elas se posicionassem sobre deficiência física e mulheres virtuais. De chofre percebi que havia mais similaridades do que diferenças em seus discursos, apesar de pertencerem a estratos sociais distintos.

Muito embora eu não tenha procedido a uma etnografia clássica, algumas inferências que farei serão pautadas tanto nos discursos das mulheres quanto em minha convivência diária com elas. Na análise que se seguirá não poderia prescindir de meu contato pessoal com elas, uma vez que seus discursos apenas me sinalizaram o arsenal simbólico através do qual eles eram construídos e que expressavam seus pontos de vista em relação às questões que lhes propunha. De posse de mais de 150 páginas de transcrições de entrevistas, tinha em mãos (1) *alguns meios* pelos quais essas mulheres percebem o mundo e (2) a necessidade de sistematizá-los a fim de que fizessem algum sentido ao final da análise. Em última instância, creio ser este capítulo o que promoverá, assim espero, um diálogo entre a teoria social que utilizei e os discursos vivos de meus sujeitos de pesquisa.

Foi em Gilberto Velho, com **A utopia urbana** (1989) que encontrei meios para tratar as similaridades encontradas nos discursos. Será através das *unidades mínimas ideológicas* que analisarei as categorias similares que surgiram nas falas. A única diferença que encontrei no discurso dessas mulheres e que se torna significativa por trazer à baila a discrepância de estratos entre elas diz respeito a seus posicionamentos em relação à questão da mulher virtual. Creio que o que poderia chamar de um "detalhe" em suas falas tenha me sugerido algo muito

maior que poderia dizer respeito às diferenças dos dois estratos. Para analisar essa única diferença recorri a Luiz Fernando Dias Duarte, em **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas** (1986).

Antes da decodificação das entrevistas, creio ser necessário esclarecer a nomenclatura que utilizarei para distinguir as mulheres dos dois estratos. Essa foi uma questão delicada.

A princípio, pensei em referir-me a elas como as da classe trabalhadora e as da classe média, porém, julguei que não seria adequado por algumas razões. Primeiro, e mais objetivamente, porque as mulheres do estrato médio são trabalhadoras, junto com seus maridos, tanto quanto as do estrato mais pobre. Trabalhadoras no sentido mais vulgar que comumente se usa: em contraposição a um segmento letrado. Essa oposição não seria válida para meu estudo posto que as mulheres da classe média não cursaram faculdades, ou melhor, nenhuma mulher que entrevistei, dos dois estratos, tinha curso universitário. Eunice, Vanda e Ana conseguiram adquirir bens como carros e viagens pela própria capacidade de trabalho que não necessitava de um curso superior. Nesse sentido, elas se enquadrariam nas classes trabalhadoras também. Não no sentido de serem assalariadas, mas de que dispunham somente de seu potencial de trabalho não-intelectual, se assim posso me expressar, para ganhar seus sustentos. Um fato que julguei relevante também é o de que Eunice e Vanda não têm casa própria. Creio que esse estrato ao qual essas mulheres pertencem seja o limítrofe com o estrato mais pobre e, conseqüentemente, um dos mais baixos na controvertida gradação que existe no que se denomina classe média.

Uma segunda razão que me fez refletir sobre a nomenclatura das classes diz respeito à questão da mobilidade social que percebi nelas. Assumo que se trata de uma percepção bastante subjetiva e quase pessoal, mas acredito que seja válida expô-la aqui. Através das histórias que contaram sobre suas infâncias e juventudes e de minha convivência com elas, percebi que Vanda, Eunice e Ana ascenderam de um estrato mais baixo para o médio através do seu trabalho e do marido. A questão da mobilidade social parece ter ficado nítida para mim. Mesmo Vanda, que é dona de casa, participa na receita da família vendendo jóias. Apenas para Vera, parece que essa inferência não é válida, tendo em vista que sua família sempre teve algumas posses. Abordo essa questão a fim de chegar a Celina, Lúcia, Cátia e Mariana. Talvez com exceção das duas últimas, penso que, se entrevistasse as outras daqui a alguns anos, elas poderiam figurar no grupo da classe média. Novamente conjugando suas falas e meu convívio com elas, penso que a mobilidade para o estrato imediatamente superior ao delas hoje seja uma possibilidade real tendo em vista suas capacidades de trabalho e alguns

investimentos que vêm realizando para o futuro: a compra de computadores, a construção da casa própria, feitura de cursos técnicos.

A partir dessas questões, cheguei a uma última. Se acredito que daqui a alguns anos essas mulheres possam se alocar no grupo das de classe média, se elas ainda morassem no mesmo bairro, isso invalidaria seu novo *status*? Se o "melhorar de vida" não passasse pela via de mudar de bairro seria justo insistir em sua alocação no estrato baixo? Esses pontos me alertaram para o perigo do determinismo geográfico que pode rondar as análises sobre classes. A partir daí reitero que minhas palavras sobre os bairros Alto Grajaú e Manoel Honório, no capítulo anterior, procuraram obedecer somente a uma descrição factual sem, na medida do possível, proceder a juízo de valores. A idéia de que em bairros pobres ou favelas vivem quase somente bandidos, traficantes ou pessoas ignorantes e de que em bairros abastados só existe gente de bem estereotipa e classifica da pior maneira possível - da qual tentei fugir. Por isso não cogitei a idéia de me referir às mulheres como as do bairro tal ou qual.

Talvez essa mobilidade que observei em Vanda, Eunice e Ana seja um fator importante para refletir sobre as semelhanças de seus discursos com os de Celina, Lúcia, Cátia e Mariana. Houve, sim, uma mobilidade social, que se torna mais claramente visível através dos bens que adquiriram, mas creio que o que remete ao escopo antropológico diga respeito aos arranjos simbólicos dessas mulheres os quais forjavam seus valores antes dessa mobilidade: continuariam os mesmos? As horas de entrevistas com elas me sugerem que alguns, sim, permaneceram. Mas essa já seria uma proposta para outro estudo.

Se julgo que diferenciá-las a partir de serem trabalhadoras ou não ou de pertencerem a esse ou àquele bairro não seja adequado, referir-me-ei a elas tão-somente pelos seus nomes, deixando assim uma margem para que, se houve alguma diferença que não percebi, algum leitor mais atento possa perceber sem o meu direcionamento. Quando for necessário fazer alguma distinção mais ampla, procederei a *estrato pobre* e *estrato médio*, na expectativa de que se entenda por este último aquele que é logo imediato ao pobre. Espero que, no que tange a *estrato pobre* possa se pensar sem estereotipá-lo, como tentei fazer com minha recusa em tratá-lo, também, como estrato inferior.

3.1 As similaridades

Em **A utopia urbana** (1989), Gilberto Velho preocupou-se em averiguar os motivos que levavam tantas pessoas a se mudar para o bairro de Copacabana na década de 1960. Mais especificamente, estudou os moradores do edifício Estrela, onde ele próprio residiu por quase dois anos. O autor entrevistou 221 moradores do bairro (e mais 30 de outros bairros), os quais deveriam responder à questão: "Por que veio morar em Copacabana?" (p. 93). A partir das respostas, constatou que as representações do grupo pesquisado diziam respeito a estratificação social e ideologia. O tratamento metodológico dado à pesquisa foi um quadro elaborado a partir de categorias que se repetiam nas respostas dos informantes. A essas categorias o autor denominou *unidades mínimas ideológicas*, as quais são as unidades básicas de análise do discurso dos moradores (p.66). Além dessas unidades mínimas, o quadro é composto pela frequência com que elas aparecem, e também de uma frase típica retirada da entrevista com algum morador, a qual exemplifica a unidade. Um exemplo poderia ser a unidade "*praia*", que apareceu em 31 discursos sobre os motivos para ir morar no referido bairro, tendo como frase típica: "Zona Norte não tem praia". A escolha da frase termina por ser arbitrada pelo próprio autor.

Gilberto Velho ressalta que essas unidades mínimas não têm um significado em si e que somente em oposição a outras categorias é que se pode situá-las (p. 67). O princípio da oposição aparece fortemente aqui como estruturador das análises, uma vez que é só através dele que se pode compreender o contexto do discurso dos informantes, o qual aponta para esta ou aquela ideologia. Para 1 pergunta e 221 entrevistas, o autor elencou 15 unidades mínimas ideológicas, com suas respectivas frequências e frases típicas (p.66-7). Para 8 entrevistas com, aproximadamente, 35 perguntas, tive que proceder a algumas adaptações a fim de que a análise ficasse mais fidedigna ao meu estudo.

Dentre as questões tratadas nas entrevistas, elegi 8 que julguei mais especificamente pertinentes a meu tema e, também, pela impossibilidade de tratar de todas utilizando essa metodologia, o que ficaria por demais extenso. A tranquilidade para tal decisão veio do fato já exposto de eu não ter encontrado tantas diferenças nos discursos das mulheres quanto imaginei inicialmente. A única e significativa diferença encontrada será tratada posteriormente, uma vez que julgo que a metodologia de Velho seja mais adequada a similitudes do que a discrepâncias. No que diz respeito ao quadro que sistematiza toda a operação, acrescentei mais uma coluna, a qual expressa o tema a partir do qual foram retiradas

as unidades mínimas. Penso que a idéia de "frequência" não faça sentido para um estudo com apenas oito pessoas e, por isso, em seu lugar, aparecerá "contexto da oposição", o qual deixo para explicar melhor após a exposição do quadro.

O roteiro de entrevista que elaborei diz respeito à rotina das mulheres, ao tema corpo e a questões que eu mesma julguei correlatas a este tema: moda, beleza, idade, saúde e doença. Partindo de suas representações acerca desse tema é que poderia verificar se havia alguma pista que apontasse para que, pertencendo a estratos sociais diferentes, as mulheres dessem respostas igualmente diferentes. Por isso não houve perguntas sobre classe social, pois não me interessei em saber quais eram suas próprias concepções de classe - diferente de Elizabeth Boot, em **Família e rede social** (1976) que, em parte de seu estudo, quis saber quais eram as representações de classe através dos próprios discursos dos casais que entrevistou. A principal pergunta de meu estudo foi "O que significa corpo?" e, ela mesma, não foi reveladora de discrepâncias nas respostas.

Um último esclarecimento refere-se à decisão de expor em um só quadro as unidades mínimas dos dois grupos de mulheres. A princípio, pensei na montagem de dois quadros, um para cada estrato. Porém, percebendo a extrema repetição, tanto das unidades quanto do contexto em que elas apareciam, julguei mais proveitoso aglutinar as categorias encontradas num só momento, até para enfatizar as semelhanças encontradas nos dois discursos.

Vamos ao quadro.

TEMA	UNIDADE MÍNIMA IDEOLÓGICA	CONTEXTO DA OPOSIÇÃO	FRASE TÍPICA
Moda	"salto"	arrumado/desarrumado	"Eu gosto de usar um salto." (Eunice)
Beleza	"caráter"	interior/exterior	"Ser uma boa pessoa, uma pessoa de caráter, pessoa sincera." (Eunice)
Saúde	"harmonia"	corpo/mente	"Corpo, alma e espírito assim, tudo em paz, em harmonia." (Celina)
Doença	"mental"	corpo/mente	"Eu sou muito preocupada é com essa doença mental. Pessoas que são doentes com...neuróticas." (Eunice)
	"pagar" "atrair"	ser bom/ser ruim querer/não querer	"Agora, tem muita gente que tá doente que tá pagando aí o que fez na

	"organismo"	falta/excesso	<i>vida" (Lúcia) " Agora, tem gente que só conversa, só fala nisso, isso atrai também." (Ana) "Então eu acho que isso é muito do...do organismo." (Vanda)</i>
Corpo	"mente"	harmonia/desarmonia	<i>"Porque se seu corpo não tá legal, sua mente também eu acho que não tá não." (Vanda)</i>
Juventude	"juízo"	certo/errado	<i>"Cê aproveita a juventude, cê tá novo, depois as coisas vão acabando, né, tem suas fases, aí tem que ter juízo." (Vera)</i>
Velhice	"aprender" "não agüenta"	experiência/inexperiência disposição/indisposição	<i>"A gente acaba sempre aprendendo alguma coisa com eles (idosos), é uma lição." (Lúcia) "Velhice pra mim é quando cê num güenta fazer mais nada, aí tá véio mesmo." (Cátia)</i>

Acredito que o oposto direto de cada unidade mínima ideológica encontrada nesse estudo não seja difícil de inferir. Por exemplo, ao falarmos sobre juventude, o que mais apareceu foi a categoria "juízo". Portanto, a oposição imediata para uma pessoa ajuizada seria uma pessoa desajuizada. Julguei mais proveitoso ir além dessa oposição imediatamente depurável e caracterizar em qual contexto, também opositor, apareceram as unidades. Nesse sentido, "juízo" sempre surgiu do discurso sobre a capacidade dos jovens em distinguir o que é *certo* e o que é *errado*. Penso que esse empreendimento corrobore o que explicitarei no capítulo teórico a respeito de a Cultura sugerir a imagem de algo dentro de algo. As unidades mínimas, além de terem um par de oposição logo imediato, encontram-se dentro de um contexto opositor que as abarca e lhes confere um macro sentido, se assim posso dizer.

No que tange às frases típicas aqui selecionadas, elas foram retiradas dos discursos dos dois grupos de mulheres. Para tornar essa seleção mais clara e expor o que venho reiterando a respeito das similaridades das respostas, passarei agora a apresentar dois trechos de entrevistas - um de cada grupo - para cada tema exposto no quadro. A apresentação contará, também, com alguns comentários meus.

MODA

Indagadas sobre se se preocupavam com a questão da moda, somente Vanda disse que sim, que se preocupava muito. As outras entrevistadas afirmaram que não se interessavam por roupas novas nem que fossem "da moda", e algumas vincularam diretamente moda a vaidade. Eunice, por ser dona de uma confecção de roupas, disse que, profissionalmente, tinha que se interessar, mas que, pessoalmente, não tinha o "poder corporal" para comprar tudo o que via. A categoria "salto" surgiu nas vezes em que elas falavam sobre os momentos em que queriam se vestir bem:

Ana: *"Eu gosto muito de um chinelinho, né, ou uma rasteirinha, qualquer coisa assim, aí, às vezes, um calçado que eu troco (Para algum evento especial). Agora, tem uma diferença se eu fosse numa festa, por exemplo, aí eu... aí eu vou mais arrumada, igual eu fui no final do ano, meu primo formou pra polícia, aí fui na rua, já tinha...comprei uma roupinha melhorzinha, aí já dá pra calçar um salto, né?!"*

Celina: (Quando se arruma para ir à Igreja.) *"Ah, aí eu ponho uma saia jeans, ou ponho uma outra saia minha mesmo de oxford comum, entendeu? Blazerzinho de manga curta, entendeu? Tem vezes, quando tem reunião, que eu vou de salto."*

Algo interessante foi notar que elas escolhiam suas roupas de acordo com padrões que, em última instância, referiam-se ao corpo. Celina só encomenda da costureira saias compridas porque não pode expor seu corpo. Eunice se priva de adquirir algumas roupas porque é obesa e acredita que não ficarão bem nela. Vanda, apesar de se preocupar muito com a questão da moda, acredita que está velha para usar determinadas roupas, e Mariana praticamente só usa calças compridas porque não gosta de suas pernas.

A unidade mínima "salto" surgiu da oposição maior entre estar arrumada ou desarrumada. Nesse macro contexto, digamos assim, o salto seria o símbolo de uma mulher bem arrumada, e sandálias do tipo "rasteirinha" apontariam para um visual informal, um tanto desarrumado. Quase todas as mulheres disseram que, quando querem se arrumar para uma festa ou algum evento do gênero, calçam sapatos de salto.

BELEZA

A associação entre beleza e caráter foi quase imediata em todas as entrevistas. Mesmo Mariana que, de chofre, ao responder "O que é beleza para você?", disse que seria uma pessoa limpa e que cuidasse de si, após alguns minutos se referiu a uma das irmãs mais novas dizendo que ela era bonita porque não era ruim. Todas as mulheres adotaram um tom enfático ao se referir à beleza como algo que é interior aos indivíduos.

Lúcia: *"Ah, ser magra...sei lá...ser magra mas ser boa pessoa, vou colocar assim, né, porque também não adianta ser magra sendo uma pessoa ordinária, com o perdão da palavra. Né? Ser uma boa pessoa, uma pessoa de caráter, pessoa sincera. Eu vejo muito por esse lado também. Porque, às vezes, beleza física não é tudo. Tem gente que é uma pessoa linda...conheço mesmo...linda, maravilhosa, mas por dentro...oh....então eu vejo muito esse lado também."*

Eunice: *"Ah, beleza, ah... eu, eu sou muito... beleza pra mim é olhar pro Paulo e pra Lidiane, escutar eles falarem 'mãe', é... sabe? (...) Eu não vejo beleza como o que é bonito. Bonito depende do jeito que eu olho, que às vezes o que é bonito, não é bonito, né? (...) Beleza é o que aquilo te inspira. Não é físico mesmo, nunca...nunca... Eu nunca enxerguei que bonito...ah, bonito é um homem alto, moreno, do olho azul. Bonito é um homem de caráter. Bonito é um homem que transmite aquela...sabe?"*

O contexto englobante da oposição caráter/falta de caráter foi o da associação entre beleza interior e beleza exterior. Todas as mulheres ressaltaram a importância da primeira em detrimento da segunda. Se me arrisco ir mais longe e depurar algum significado de suas falas, penso que elas apontem no sentido de que a beleza interior traria consigo, de forma imanente, um grande potencial para que a beleza exterior da pessoa não se constituísse em critério estético. Nesse sentido, se uma pessoa não atende aos padrões físicos (corporais) de beleza, *mas é uma pessoa de bom caráter*, seus pares a olhariam com maior condescendência e jamais diriam que essa pessoa é "feia".

SAÚDE

A questão da saúde já havia sido dissociada por mim da questão da doença, uma vez que foram duas perguntas distintas. A direta oposição que existe entre esses dois termos foi o

maior motivador para que eu assim procedesse. Gostaria de verificar quais categorias apareceriam além de "doença", e se elas fariam oposição ou complementaridade à noção do que seria "saúde". A categoria que mais surgiu foi "*equilíbrio*". Era considerada saudável uma pessoa com equilíbrio entre corpo e mente. A questão foi assim colocada: "O que é saúde para você?"

Ana: *"Cê ter tudo ali certinho, sem... cê ter pelo menos 8 horas de sono, uma alimentação no tempo certo, com tudo certo e nada te atrapalhar, nada te aborrecer de...de...cê sair, cê ter uma vida normal, levantar de manhã cedo e ir até chegar seu horário de dormir, cê conseguir levar isso certinho, sem nenhum aborrecimento, equilibrado, e conseguir chegar a noite, deitar e dormir. Esse dia é difícil."*

Celina: (Ao falar sobre como seria uma pessoa saudável, ela exemplifica com seu diagnóstico de depressão.) *"Ah, uma saúde boa, assim o organismo tranqüilo, mente tranqüila, entendeu? Corpo, alma e espírito assim, tudo em paz. Harmonia, porque, por exemplo, patologicamente eu fiz todos os exames clínicos, não deu nada, anemia...nada, a única coisa que deu foi parte de gordura baixa, que tava 43, aí a médica falou pra comer bombom, carne gordurosa, o que todo mundo tem que fugir! (...) (A taxa de gordura baixa) é a única coisa que eu tenho. Que deu físico. Que eu tenho de patologia mesmo é a falta de gordura, o resto foi tudo psicológico, é o meu subconsciente que tá colocando pra fora tudo que eu fiquei guardando. Chega uma hora, entendeu, deu superlotação, aí começou a manifestar."*

Da fala de Celina, pode-se inferir que o corpo se constituiria como meio pelo qual a mente extravasaria o excesso de preocupações, ou, propriamente, como ela mesma diz, sua depressão. O corpo, aqui, parece ser entendido como *meio*. Canal aberto entre a mente e o mundo.

Em relação à questão da saúde há outras duas considerações que julgo importantes.

A primeira diz respeito à unidade mínima ideológica que consta do quadro: harmonia. Nas falas de todas as entrevistadas essa unidade apareceu ou ela mesma ou como sinônimo de equilíbrio. A utilização é tão parecida que me furtei de colocar as duas dentro do mesmo tema da saúde, tendo em vista que não são contraditórias. Por isso, no trecho de Ana aparece "equilibrado", e no de Celina, "harmonia".

O segundo ponto refere-se ao fato de, no discurso de Eunice e Lúcia, aparecer, porém sem tanta ênfase, o fato de a saúde ser um bem caro. Para elas, trata-se de um bem tanto caro financeiramente quanto no sentido de ser importante para a manutenção da própria vida.

O eixo opositor pelo qual passou a unidade mínima “harmonia” é o que contrasta mente e corpo. Uma pessoa saudável é aquela que consegue manter o equilíbrio entre corpo e mente (apontando para equilíbrio entre matéria e espírito?). Por consequência, uma pessoa não saudável seria aquela que não obtivesse esse equilíbrio. Creio que suas falas em relação a esse item apontem para a concepção que vem se engendrando nas sociedades ocidentais, a qual muito valoriza o sujeito que tem *controle* sobre seu corpo. E, por livre inferência, sobre sua mente. A fala de Ana, especificamente, ressalta alguns pontos que ela julga importantes para a obtenção desse equilíbrio/controle. É interessante notar que, uma vez reunidos, parecem apontar para uma noção de saúde bastante romântica.

DOENÇA

O tema da doença foi, juntamente com o da velhice, um dos únicos do qual pude depreender mais de uma unidade mínima. O que me chamou mais a atenção foi que essas unidades apareceram no discurso dos dois grupos e não foram separadas por surgirem em um grupo mais fortemente que no outro. Ao responder à questão "O que é doença?" ou "O que é uma pessoa doente?", pude perceber a presença de três blocos de respostas: as que relacionavam doença com a mente, as que apresentavam um discurso religioso/espiritual, e as que relacionavam doença com organismo físico.

Para a unidade "mental" tem-se:

Celina: *"Ah, é uma reação do corpo, né? falta de alguma coisa, vitamina... No meu caso foi assim uma patologia psicológica...o meu cérebro conseguiu colocar pra fora tudo que tava guardando no meu subconsciente foi pela patologia..."*

Eunice: *"Eu sou muito preocupada com essa doença é... mental, não é... a doença da mente... a doença do... A doença do que a pessoa externa. É muito, tem pessoas que são assim, eu sou muito preocupada com isso. Em... pessoa ter uma... uma... uma mente saudável pro que ela aprende, pro que ela ensina, pro que ela vê. Pessoas que são doentes com... neuróticas com bobagem, com... o apego material."*

Como na questão da saúde, aqui aparece uma estreita relação entre corpo e mente. Pode-se inferir, também, que algum desequilíbrio mental acarrete doenças físicas, como no caso da depressão de Celina. Mais à frente na entrevista com Eunice, ela diz que a pessoa amarga é aquela que está doente por dentro. Como se existisse uma doença da alma e, essa sim, seria difícil de curar. Ao ser questionada sobre como ela supunha que essa pessoa poderia se curar, Eunice responde que seria pela caridade das outras, parecendo sugerir um paralelo doença da alma (amargura)/remédio para a alma(caridade).

O macro-eixo opositor em que apareceu a categoria “mental” relaciona-se à oposição corpo/mente. É interessante observar que, aqui, a pessoa doente seria aquela que apresentasse algum distúrbio, tanto mental, no sentido fisiológico, como de caráter, tratando-se claramente de uma acepção moral do termo. Nesse sentido, esse eixo aproxima-se muito da questão da beleza, ao passo de dizer respeito a algo interior, como seriam as doenças mentais ou de conduta. Opondo-se corpo a mente, o que se vê é uma dicotomização desses termos, tendo, para cada um, uma doença que lhe é peculiar.

Para as unidades "pagar" e "atrair" destaco:

Ana: *"A pessoa que quiser ter doença, tem doença. (...) Ah, tem muita gente que procura doença, tem muita gente que você conversa com a pessoa, a pessoa só fala em doença.(...) Agora, tem gente que só conversa, só fala nisso, isso atrai também, a pessoa só fala em doença, só fala em doença, tem muita gente que você conversa, você não vê outra coisa. A doença tá muito na cabeça da gente, tem muita gente que atrai mesmo de tanto ficar falando, ficar pensando...você fica pensando tanto que aquilo acaba te encostando ali, você acaba arrumando alguma coisa."*

Lúcia: *"Vou te dar duas posições. Uma, eu acho que, assim, o organismo também não vai resistir a tudo, né, Lu? Baixa as defesas do organismo, não sei, não sou médica pra discutir, mas eu penso assim, eu penso assim...Agora tem muita gente que tá doente que tá pagando aí o que fez na vida. Né? (...) Ele (um conhecido seu) roubou tudo o que o Seu Zé tinha e deixou uma casa pra cada filho e investiu o restante do dinheiro em umas aplicações que tinham antigamente, e foi perdendo, perdendo...Eu sei que ele fez tanta ruindade com os outros, que ele pagou o que devia e o que não devia. Tem gente que acredita nessa teoria."*

Embora o grande contexto em que surgiram tais falas seja o religioso/espiritual, as vertentes pelas quais passaram as respostas diferiram entre si. Daí a necessidade de separar o "atrair" do "pagar". Esses discursos poderiam suscitar inúmeras análises e até um estudo inteiro dedicado a eles. Porém, nesse tipo de análise no qual estou inserindo as categorias encontradas, cabe-me dizer apenas que percebi a crença em algum tipo de energia que "manda" a doença a quem a deseja ou a quem a mereça. Não foram mencionados nomes como Deus ou Jesus, por isso utilizo a expressão "energia" para designar algo metafísico que tem o poder de imputar doenças às pessoas.

No caso da unidade "pagar", o contexto opositor em que está inserida é o que contrasta ser bom com ser ruim. Nesse caso, parece que a lógica que aí opera é extremamente causística: quem pratica atos ruins para com seus semelhantes adoecerá. Causa e efeito. Uma lógica desse tipo só pode advir do hábito e do costume, portanto, da razão, como bem argumenta Hume (in: SIQUEIRA, 2003).

Quanto à unidade "atrair", o contexto opositor em que está inserida é o que diz respeito a querer/não querer (ficar doente). A fala de Ana exemplifica muito bem essa questão. Ao utilizar a expressão "encosto", ela parece aludir a algo que ronda a pessoa e, se essa pessoa toma alguma atitude que "chame" esse encosto para si, como, por exemplo, falar em demasia em doença, ela realmente termina por adoecer.

A última unidade é "organismo", que surgiu no contexto que opunha falta a excesso:

Vanda: *"Ah, doença quando ela vem, por exemplo, se eu for num cardiologista agora e ele falar que meu coração tá ruim e que meu colesterol tá alto, pra mim vai ser uma decepção, mas aí eu vou procurar me cuidar. Até então, eu fui no cardiologista, meu colesterol, enquanto o fulano que tem colesterol alto vai no cardiologista, o colesterol dele, vamos colocar, tá 200, o meu é 80. E ele tem um método de vida completamente diferente do meu e o meu é 80. Então eu acho que isso é muito do...do organismo. Eu não me ligo muito nesse negócio de que é saudável, eu acho até que eu deveria fazer uma caminhada, eu tô me preparando pra começar..."*

Cátia: *"Ah, doença pra mim, eu acho...sabe? Essas doença que tem aí agora, que é aids...câncer, né? Aids, que tá...hoje tem muita gente com esse negócio de aids agora...num via falar dessa doença, né menina? (...) Agora evoluiu muito, câncer também. (...) Porque eu*

vejo muita televisão, doença pra mim é isso, que uma gripe... isso aí num é doença, que isso aí tem como melhorar, né, mas essas outras doenças não tem cura."

A resposta de Cátia é a única que não expressa "organismo" literalmente, mas que aponta para essa idéia a todo instante. Para ela, doença de verdade é doença que não tem cura. Suas respostas e as de Mariana, sua filha, foram as mais difíceis de classificar e as que, talvez por isso mesmo, tenham me feito recorrer desde o início à noção de representação. Mais a frente na conversa, Cátia dá o exemplo de uma amiga, de 15 anos, que está com AIDS. Essa história, aliada ao trecho transcrito acima, é que me levaram a crer que doença para ela diz respeito a algo que não vai bem organicamente. Ela disse que a menina mudou muito fisicamente e que passa muito mal, expressando claramente seu estranhamento em relação ao corpo doente de sua amiga adolescente. Em relação a Vanda, me parece que sua resposta sobre o que é doença aponta, também, para a noção de liberdade. Durante a entrevista, ela se gabou várias vezes de comer o que quisesse e não engordar e nem ter problemas com glicemia e triglicérides. Isso aponta para a idéia de que, para ela, maneiras de viver diferentes, no sentido de saudáveis ou não saudáveis, não interferem na saúde; o que se tem é que os organismos são diferentes, e uns adoecem e outros não.

Falta e excesso foram as categorias opostas que englobaram a unidade "organismo". Aqui, o que se tem é uma visão de doença como algo estritamente fisiológico, ao contrário do que ocorreu com a unidade "mental", a qual apontou para doença como sendo algum distúrbio psicológico. Sendo a doença estritamente algo orgânico, o que a faria surgir seriam as desmesuras em relação à alimentação ou falta de atividade física. Na fala de Cátia há, ainda, a aparição de um conceito de doença extremado. No caso de sua amiga com AIDS, a menina adquiriu essa doença porque tinha relações sexuais com vários parceiros. Nesse sentido, o excesso não se alocaria propriamente em algo no organismo que provocasse a doença, mas, sim, na sua própria conduta com tantos parceiros.

CORPO

A questão acerca do corpo era a de meu maior interesse, pois todas as outras que propus partiram dela. Era a única questão para a qual eu havia formulado uma hipótese, a qual acabou por se confirmar: suspeitava que a categoria opositora que mais apareceria fosse "espírito". A única dúvida que tinha referia-se a se essa unidade surgiria para os dois estratos.

E isso também ocorreu. Uma categoria análoga a espírito e que é frequentemente utilizada, também, é mente. Para as respostas à questão "O que significa corpo?", tem-se:

Eunice: *"Ah, eu acho que o corpo é consequência do bom espírito. Se tem um espírito legal, um astral legal, uma visão bacana da vida, o corpo acompanha junto. Não tenho preconceito nenhum, se tem mais ou tem menos ou gosta mais ou gosta menos. Acho assim, esse culto ao corpo magro, essa coisa ... eu acho meio radical demais."*

Celina: *"Ai, meu corpo é o templo do Espírito Santo. Por isso tem que cuidar bem do corpo. (...) Ah, pro Espírito Santo habitar em nós, pra gente viver, né? O fato da pessoa, igual assim, pelo menos biblicamente falando, dentro do que a gente vive, a pessoa que não cuida do corpo, igual lá, cigarro, bebida, que maltrata direta ou indiretamente, peca contra Deus, de uma forma direta ou indiretamente, voluntária ou involuntariamente, é porque muita coisa é involuntária por falta de esclarecimento também, né?"*

A resposta de Eunice, mesmo utilizando a expressão "espírito", parece remeter à mente. Não há uma conotação religiosa e se liga mais a idéia de complementaridade entre mente e corpo, no sentido de que, se a mente está bem, o corpo também estará. Remete à noção de harmonia entre corpo e mente. Já a resposta de Celina é literalmente fundada em sua religião. Quando ela fala em espírito, ela quer dizer exatamente espírito como entidade metafísica. Para que o Espírito Santo habite nas pessoas é necessário que se tenha um corpo à altura: equilibrado e sem vícios.

O contexto da oposição em que a unidade "mente" surgiu diz respeito a harmonia *versus* desarmonia. Ter um bom corpo parece apontar para quando se consegue harmonizá-lo com a mente ou o espírito. Na fala de Celina isso fica bem claro. O corpo das pessoas deve ser livre de vícios a fim de que seja receptáculo do Espírito Santo. Harmonia entre entidades de planos distintos: corpo material e espírito imaterial. Essa macro oposição aponta, também, para uma interdependência entre corpo e mente. Qualquer desajuste em alguma dessas instâncias afetará a harmonia que deve existir entre elas.

Foi muito interessante notar que nas respostas de Mariana, Ana e Lúcia, o corpo aparecia, também, como uma entidade autônoma. Por exemplo, Lúcia se referiu a seu corpo várias vezes como feio *"mas fazer o quê? Eu preciso dele pra trabalhar, lavar roupa..."*. Mariana disse que não se acha bonita *nem* seu corpo, como se sua resposta fosse estruturada sobre a oposição corpo/pessoa. Essa fala de Mariana parece indicar o contrário do que a

corrente que coloca o corpo como substituto do sujeito postula. Santaella (2006) elenca duas vertentes que tratam da questão da noção de pessoa: para alguns, a emergência do corpo nos discursos atuais deve-se a ele ser tomado como o substituto do sujeito; para outros, trata-se somente de "explorar um território cuja geografia ainda não está reconhecida". (p. 24) Mariana parece dizer que vê a si mesma como sujeito, independente de seu corpo. Não se achar bonita *nem* seu corpo parece apontar para a questão tão já exposta anteriormente, da beleza como algo interior. Nessa fala, Mariana parece querer dizer que não se vê somente sob a ótica de sua imagem, representada por um corpo de que ela não gosta. Já Ana disse que devemos cuidar do corpo "*porque senão ele vai embora*", no sentido de que ele engordaria, uma vez que essa é sua vontade: de ficar à vontade. Sugere, mais uma vez, que o corpo magro, o qual simboliza o padrão de beleza feminina nos tempos atuais, muitas vezes demonstra o controle da própria pessoa em relação à tendência a engordar.

JUVENTUDE

A resposta à questão "O que é juventude?" parece ter sido a que suscitou algum saudosismo da própria juventude de todas as entrevistadas, com exceção de Mariana, que ainda tem 17 anos. Já havia observado que, na maioria das respostas, a primeira tendência das mulheres era se referir a elas mesmas ou a experiências de vida que tiveram. Mas logo após relatarem algum fato, formulavam alguma opinião mais geral. Com relação à questão da juventude, após ouvir todos os casos que contavam, tive eu mesma que perguntar "E juventude, no geral, o que significa para você?" E, mesmo ao responder a essa segunda pergunta, elas relacionaram da seguinte forma com as suas próprias vivências: nas suas épocas de jovens as pessoas eram mais ajuizadas.

Vera: "*Juventude. Eu acho bonito a juventude, esses meninos que saem, que aproveitam assim, mas tudo dentro do limite, né? Eu falo muito com o Henrique (seu sobrinho) quando ele sai final de semana: 'oh, cê tá bonito, cê aproveita a juventude, cê tá novo, depois as coisas vão acabando...'*, né? Tem suas fases, aí tem que ter juízo, importar, né, pra não ter problema."

Lúcia: "*Juventude? Seria pra aproveitar a vida enquanto pode. Apesar de eu achar que as pessoas hoje em dia, elas não sabem aproveitar não, não têm juízo. Eu aproveitei minha juventude, meu marido não gosta muito que eu fale não porque ele fica com ciúmes. Eu ia pra*

aquela ASE, eu beijava muito, mas eu nunca ficava nessa cachorrada que essas meninas ficam hoje não. Eu tinha que ir porque minha irmã namorava, às vezes eu não estava namorando, mas tinha que ir senão ela não podia sair."

Nenhuma das entrevistadas relacionou juventude e corpo diretamente. Parecia que o saudosismo operava mais no sentido de sentir falta de um determinado contexto e não de ser mais magra ou mais bonita. Apenas Vanda, quando falávamos sobre outros assuntos, disse que estava um pouco inconformada por seu corpo ter mudado e não conseguir mais vestir o que usava há anos atrás, mesmo ainda se considerando "gostosa".

Para a unidade "juízo", a oposição que a englobou foi certo/errado. Juízo sempre apareceu como um sinalizador de jovens comportados ou inconseqüentes. O jovem que *tem* juízo apresenta menos chances de enveredar pelo caminho das drogas, por exemplo. Já o jovem *sem* juízo, provavelmente terminará drogando-se ou optando pelo caminho da marginalidade. A capacidade de discernir entre o que é certo e o que é errado, então, é que determinaria se o jovem é ou não ajuizado.

VELHICE

Ao responder à questão da velhice, as mulheres também referiram-se a si de imediato, projetando uma idéia dessa faixa etária que concernia a suas visões de vida expressas já em outras questões. Ana, por exemplo, chegou a se emocionar ao dizer que pensava em sua velhice estando só. Lúcia disse que tem horror à idéia de que vai envelhecer. Pude depurar duas unidades mínimas desse tema: aprendizado e debilidade física.

Para "aprendizado", destaco:

Lúcia: *"O que que é velhice? Ela vem, né? Um dia ela vem pra todos nós. Não tem jeito de fugir dela não. Ah, quer saber, também acho que é uma das melhores fases da vida pra quem sabe aproveitar. Você já viveu tudo o que tinha pra viver. Se você pegar uma pessoa de mais idade igual a senhora que eu tomo conta dela. Nos momentos de lucidez, ela conta casos de coisas que ela fazia, ela foi uma cozinheira de mão cheia (...) Um dia ela tava me ensinando a fazer cocada. As histórias que ela conta da vida dela, que sofreu. Então quer dizer, chega num ponto da vida que você acaba adquirindo, sempre aprendendo alguma coisa com a história de vida deles."*

Eunice: *"Então, pra mim isso é ser velho, é aprender com eles. Ser velho é isso, é poder falar com Fulano, ah, vai por ali, que de repente tem...lá na frente tem uma 'bifurcação', que cê encontra mesmo o objetivo...cê passa por um caminho mais longo, mas ele vai te dar mais...mais solidez, né? Vai ficar mais sólido, mais firme então..."*

A unidade mínima "aprendizado" refere-se à experiência de vida dos idosos, a qual lhes confere a sabedoria necessária para apontar caminhos ou mesmo exemplificar, através de suas próprias experiências, o que é certo ou errado. Essa categoria parece ser bastante subjetiva ao passo que se refere, indiretamente, à relação conselheiro/aconselhado.

Experiência/inexperiência foi a macro-oposição em que surgiu a unidade "aprender". Somente uma pessoa experiente, portanto com mais anos de vida, estaria avalizada a dar conselhos e apontar a uma pessoa mais jovem caminhos a seguir ou rechaçar – e, por associação, inexperiente.

Sobre a unidade mínima "não agüenta", tem-se:

Cátia: *"Velhice pra mim é quando cê num güenta fazê nada mais...aí tá véi mesmo."*

Vera: *"Velhice... é... chega a velhice o 'bicho começa a pegar', né? (risos) Começa as dores, os problemas, não güenta muita coisa mais...eu não tenho nada contra a velhice não. Acho que a gente tem que ter carinho, né, que os jovens hoje em dia, a gente não tem, A gente vê muito isso né? Ter paciência... eu tenho paciência, entendeu? Com a minha mãe, com o meu pai aí..."*

A presença dessa unidade sugere que a visão da degeneração física está presente nos discursos sobre a velhice. Parece se tratar de uma resposta mais objetiva, no sentido de que essa degeneração é visível e comumente entendida como incapacidade, expressão que associo aqui a "não agüentar". Interessante é notar que no cenário descrito pelas entrevistadas a respeito de suas próprias velhices, não havia menção a doenças e decrepitudes físicas, somente se vislumbrou a solidão ou o aguçamento do mau gênio como imagens da terceira idade.

O contexto opositor dessa última unidade foi o que contrapôs disposição a indisposição. Trata-se de falas que levam em consideração quase que somente a degeneração orgânica da pessoa. O "não agüenta fazer mais nada" muito tem a ver com uma alta associação da identidade da pessoa com seu corpo. O que seria esse "mais nada"? Certamente

Cátia se referiu a tarefas que exigissem agilidade física. Logo, se o idoso não as consegue executar mais, significa que ele não agüenta nada. É uma clara alusão ao corpo como representante da pessoa, uma vez que essa fala rechaça todo o trabalho intelectual que o idoso poderia empreender independentemente de sua degeneração física.

A noção de corpo que orienta esse trabalho é a de que ele é um dado. Essa noção, como explanado no capítulo 1, foi inspirada no conceito durkheimiano de *coisa*; conceito esse que explicita também: “é coisa todo objeto de conhecimento que não é naturalmente apreendido pela inteligência, tudo aquilo de que não podemos adquirir uma noção adequada por um simples processo de análise mental, tudo que o espírito só consegue compreender na condição de sair de si próprio, por via de observações e experimentações (...)” (2007, pp.16-7). Se o corpo é um dado tão concretamente estabelecido, por que as respostas das mulheres foram tão parecidas, tendo em vista que suas técnicas corporais são, na sua grande maioria, tão díspares? Creio que essa aparente contradição respalde-se na dificuldade de se pensar sobre o corpo.

Penso ser um bom exemplo dessa questão pensarmos na vida dessas mulheres em suas casas. Se o corpo é o primeiro e mais natural instrumento técnico do homem, como considerou Mauss, já em 1934, pode-se inferir, sem maiores problemas, que cada uma das entrevistadas engendra técnicas corporais para transitar em seus domicílios. Técnicas essas que são transmitidas pela educação, não são criadas individualmente, são o fruto de uma intensa colaboração coletiva. Cátia e Mariana moram em uma casa que é um porão, junto com mais 8 pessoas. Vanda mora em uma casa triplex com mais 3. Nessa perspectiva, creio ser plausível pensar que essas três mulheres servem-se espacialmente de seus corpos, digamos assim, de maneiras diferentes em suas casas. Mas essas seriam maneiras conscientes? A inferência que vem à mente, de imediato, é que não. Não seriam conscientes. Porém, é preciso que se considere o corpo, antes, como um fato social total e que conjuga em suas técnicas as dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Creio que essas dimensões estejam presentes nesse pequeno exemplo. Bio-fisiologicamente há uma série de arranjos neuronais que percebem o espaço e mobilizam os músculos a fim de que não se esbarre em móveis ou outras pessoas o tempo todo dentro da casa. Creio que, no que tange ao elemento psicológico, os moradores engendrem meios que lhes garantam algum espaço pessoal, o qual, ao mesmo

tempo em que represente sua individualidade²⁰ não invada o espaço do outro. Por último, o elemento social seria os mecanismos que a família arranja a fim de lidar com a maior ou menor proximidade/aglutinamento de seus membros. No caso de Cátia, por exemplo, com tantas crianças em casa, que meios ela utiliza para garantir suas seguranças no momento em que está cozinhando, tendo em vista que cozinha e sala são um cômodo só? Quais seriam as precauções que ela e o marido tomam para ter relações sexuais, já que, na mesma cama, dormem o casal e algumas crianças?

Penso que nenhuma dessas instâncias seja consciente para as 8 mulheres que entrevistei. Nesse sentido, então, poderia dizer que sim, são ações inconscientes que demonstram quase que uma sabedoria própria do corpo. Porém, é diferente dizer que não são conscientes de dizer que não são procuradas. Todas essas ações que descrevi são procuradas. Procuradas e engendradas porque postulam um mínimo de ordem necessária a um bom convívio. Rodrigues já ressaltara que o homem instaura a ordem para pensar o mundo, e que essa ordem é estabelecida pela cultura:

"A cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional, esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo. Viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência." (p. 11)

Poderia enunciar mais alguns exemplos das técnicas corporais distintas desses dois grupos de mulheres. Um deles certamente seria suas maneiras de andar bastante díspares. Lúcia, Cátia e Mariana têm um andar sensual e, às vezes, provocativo (Celina é exceção. Talvez pela sua religião: evangélica.). Ana, Vanda, Eunice e Vera têm um andar, digamos, mais engessado. Voltando à questão inicial, pergunto: se essas mulheres demonstram ter técnicas corporais tão discrepantes, por que suas respostas sobre o que significa corpo, e todas as outras questões relacionadas a ele, foram tão parecidas? Se minha resolução foi a de partir dos seus discursos, devo admitir que, mesmo eles estando impregnados de exemplos de vida, trata-se de uma modalidade um tanto mais racional do que se tivesse partido para uma etnografia. Se o corpo é um dado tão empiricamente estabelecido, por isso mesmo talvez não seja apreendido pela inteligência pura e advenha justamente daí o uso de um discurso amplamente já conhecido pelas mulheres. A idéia de corpo em oposição a alma ou a mente é a

²⁰ "Individualidade", aqui, não no sentido de individualismo, mas no sentido de demarcar a própria presença e o espaço do sujeito dentro de sua casa.

que está enraizada nos discursos correntes sobre essa entidade, e foi o que as mulheres utilizaram. E isso é válido para todas as outras categorias que elenquei no roteiro de entrevista e que diziam respeito ao corpo. Outra questão refere-se ao fato de poder ter havido certa articulação dos seus discursos a fim de manipularem a construção de uma identidade perante mim. Do ponto de vista das técnicas corporais, essa manipulação é mais difícil de se empreender e, do corpo, poderia “vazar”, digamos assim, alguma informação que contradissesse seus discursos. Não estou dicotomizando técnicas corporais e discurso. Penso, antes, que se trata de ações complementares.

No que tange aos seus discursos, espero ter tornado claro, a partir dos trechos citados acima, sua extrema semelhança. As representações das mulheres a respeito dos temas que lhes propus parecem advir, na sua grande maioria, das suas próprias experiências de vida ou de familiares e conhecidos seus. Sem ter ido a campo com este princípio em mente, parece que o que verifiquei foi uma corroboração do que dizia Hume, ao afirmar que o conhecimento só se dá pela experiência sensorial. A todo instante Celina, Lúcia, Cátia, Mariana, Ana, Vera, Vanda e Eunice exemplificavam o que vinham dizendo através de histórias ocorridas com elas próprias ou com alguém que lhes era próximo, muito embora eu não tenha feito perguntas do tipo "o que é o *seu* corpo?" ou "o que representa a *sua* idade?". O fato das falas muitas vezes partirem de suas experiências, parece corroborar o que Hume insistia em dizer no que tange às impressões serem sempre mais fortes que as idéias. Tamanho empiricismo faz-se perder muito no campo das abstrações.

A intenção não era falar sobre histórias de vida, mas, antes, constatar representações sobre os temas que levei até as mulheres. No entanto, o que ocorreu foi que todas as entrevistadas pareciam ter a necessidade de balizar suas opiniões com suas próprias histórias de uma vida difícil. Nesse sentido, reitero o que disse no início deste capítulo, sobre se tratar de dois segmentos não letrados, embora pertencentes a estratos sociais diferentes. A impressão que tive (e assumo aqui essa expressão no sentido humeano) é que suas vidas transcorrem muito no sentido de garantirem o sustento de cada dia (sendo Vera a única exceção) e que o conceito de "classe média" pode ser tão tirano quanto o de "classe inferior". Eunice, Vanda e Ana pertencem ao que comumente se denomina classe média e, no entanto, seus móveis, por exemplo, são extremamente parecidos com os de Lúcia e Celina e, inclusive, comprados nas mesmas grandes lojas²¹. Os símbolos da mobilidade social empreendida por Vanda, Ana e Eunice parecem se referir a categorias, digamos, paupáveis, como mudar de

²¹ Estabelecimentos como as Casas Bahia ou Magazine Luíza.

bairro ou adquirir carros. Nenhuma delas apontou a continuação dos estudos como forma de "melhorar de vida", por exemplo. Dessa forma, parece que o que deixaram para trás foi um bairro (ou uma cidade, no caso de Vanda) de que não gostavam ou a locomoção em transportes públicos, e não seus gostos forjados numa infância e juventude menos favorecida.

Essa foi uma questão muito nítida e que me fez acreditar que se espera muito de uma "baixa classe média", que só pode ser entendida como "remediada" quando em contraposição às classes mais pobres. Creio que, uma vez que tratei com mulheres que figuram no estrato médio limítrofe com o pobre, as opiniões similares não chegam a surpreender. Em relação aos dois grupos, trata-se de opiniões médias, em muito parecidas com os discursos midiáticos, mais precisamente os veiculados pela televisão. Longe da idéia de fazer deduções precipitadas, penso que, se entrevistasse um grupo de mulheres de classe rica, poderia haver maiores discrepâncias na comparação com as entrevistas das mulheres da escola Celeida Gomes. Somente para este trabalho e para essas mulheres, assumo que o fato de não serem letradas²² possa apontar para as semelhanças em suas representações.

Como bem disse Gilberto Velho: "A resolução de partir do *discurso* dos indivíduos implica 'aceitar' a sua experiência existencial expressa em suas próprias palavras." (1989 p. 92). A partir dessa idéia, a categoria que parece mais fazer sentido quanto ao "existir", a partir do discurso das mulheres, seria "ganhar a vida". Suas opiniões estão infiltradas de aspectos como: ter que comprar roupas para os filhos, pagar a prestação da loja, diminuir o tamanho da compra de alimentos, entre outros. Essas infiltrações parecem, elas mesmas, forjar as representações sobre o mundo em que vivemos por parte das entrevistadas dos dois estratos, fazendo clara alusão à idéia de que o trabalho é a única possibilidade para uma vida com tantas demandas financeiras. Mesmo nas falas de Cátia e Mariana, percebi essa vertente, apesar de, entre todas as entrevistadas, elas me parecerem as mais amalgamadas no próprio grupo social em que vivem. Se há alguma discrepância entre suas existências discursiva e de conduta, creio que somente se tivesse partido para uma etnografia é que poderia perceber com

²² Desde já esclareço que não uso "letradas" como sinônimos de "cultas". A expressão "não letradas" diz respeito, aqui, a não terem hábitos que as aproximem, literalmente, das letras, como ler revistas, jornais, livros. Tudo isso aliado a terem interrompido os estudos antes da faculdade. Talvez a única exceção seja Celina, que gosta tanto de ler e escrever poesias e está pensando em fazer um curso supletivo. Luiz Fernando Dias Duarte (1986, p. 126) ressalta que: "A categoria 'classes populares', bastante difundida, padece de um vício oposto, ao derivar seu sentido de um termo tão impreciso quanto o de 'povo', que, na acepção mais comum, abarca tudo quanto se opõe a 'elite', ou seja, em princípio, aos segmentos letrados e não cultivados das classes superiores. Creio, nesse sentido, que abarque, junto com o que estou chamando de 'classes trabalhadoras', também o que se conhece como 'pequena burguesia' ou 'baixa classe média'." Apesar de não utilizar a expressão 'classe trabalhadora' para diferenciar a classe pobre com a qual trabalho da classe média, nesse sentido estrito de as mulheres não serem letradas, julgo pertinente aloca-las, todas, nessa categoria. A controversa gradação que há

mais detalhes e versar sobre o assunto. Neste trabalho, atendo-me a seus discursos e tento ser coerente na descrição e análise das mulheres, a partir deles e de minha convivência fora de suas casas com elas.

Encontrei muito mais semelhanças do que diferenças nesse estudo. Porém, a única diferença encontrada tornou-se significativa ao passo que parece ter apontado para divergências oriundas do pertencimento a esse ou àquele estrato.

3.2 A diferença

Além das questões diretas que propus às mulheres, dentro do bloco de temas relatado anteriormente, levei três situações a fim de que expusessem suas opiniões a respeito. As duas primeiras não apresentaram nenhuma divergência quanto às respostas. Foram elas: *"Imagine uma mulher que sofreu um acidente e ficou parálitica. O que você diria a ela?"* e *"Se você sofresse um acidente e ficasse com uma cicatriz visível, o que você faria?"*. Em relação à primeira questão, todas as respostas foram no sentido de que a mulher deveria se conformar, pois o pior não tinha acontecido: morrer. Apenas Mariana levantou a questão da responsabilidade no seguinte sentido: se o acidente tivesse ocorrido por responsabilidade da própria mulher, ela se calaria, não teria nada a dizer (como se dissesse que a própria culpa que a mulher sentiria fosse o suficiente); já se tivesse sido devido a outros fatores, ela também diria à mulher para se conformar. Para a segunda situação, as mulheres destacaram, também, o conformismo. Disseram que não deixariam de sair à rua, nem cumprir com suas obrigações. Com exceção de Lúcia, que disse, de chofre, que nunca mais sairia de casa, demonstrando mais uma vez, sua insegurança. A questão do conformismo surgiu mais fortemente aqui sugerindo que não se tem controle sobre o que está por vir na vida de cada um. Não foi unânime, mas uma categoria que surgiu e que corrobora essa dedução foi *"não tem jeito mesmo, né?"*.

Foram as opiniões em relação a esta última situação, e que era a única real, que revelaram algo substancial: *"Uma revista americana chamada Maxim publicou uma lista com*

dentro das classes trabalhadoras, aqui, atende perfeitamente às 8 mulheres com as quais trabalhei, posto que figuram tanto nas classes mais pobres quanto numa pequena classe média.

as 100 mulheres mais sexys do mundo. Entre elas está uma mulher virtual. O que você acha disso²³?"

Primeiramente faz-se necessário um esclarecimento. Mariana e sua mãe, Cátia, não têm acesso a computadores e, por isso, se ativeram mais ao fato de existirem mulheres "feitas no computador", depois de muitas explicações minhas, do que de elas constarem em uma lista junto com mulheres "de verdade". Penso que a novidade tenha sido a grande surpresa e não o fato da mistura entre mulheres "de verdade" e virtuais. Expliquei muitas vezes o que era uma mulher virtual e respondi a todas as suas perguntas, mas, a partir de um dado instante, percebi que não seria produtivo insistir mais, uma vez que eu poderia direcionar suas respostas. Dando muitas risadas, Cátia disse ao final: *"Ai, deve ser estranho. Dum ser humano prum...projeto, isso aí é um projeto, não é?"* Devido a isso, mãe e filha não constarão de meus apontamentos seguintes, mas ressalto, desde já, que, a meu ver, isso não invalidará as proposições que farei.

Lúcia e Celina tiveram a mesma reação quando formulei a questão: *"Não me viram aqui?"* Suas respostas apontaram para o fato de uma mulher virtual estar *ocupando o lugar* de uma real, mais precisamente, o *seu* lugar. É claro que digo "o *seu* lugar" não no sentido de elas realmente quererem figurar na tal lista, mas no que tange às suas representações quanto à beleza, exposição e o olhar do outro. De início, foi um pequeno detalhe, mas que logo me chamou a atenção e que se tornou mais significativo quando propus a mesma questão a Ana, Eunice e Vanda. (Vera somente ria e dizia ser uma situação engraçada e não insisti mais pelos mesmos motivos que relatei em relação a Cátia e Mariana). Essas três mulheres versaram sobre a desvalorização da mulher e a falta de conteúdo das pessoas, apresentando um discurso amplamente pautado na futilidade dessas listas, principalmente ao conjugarem mulheres reais e virtuais.

Passo aos trechos das entrevistas de Lúcia e Celina.

Lúcia: *"Não me viram aqui não, gente?! Palhaçada, não gostei! No computador não vale, no computador você faz o que você quiser, ué...ela não vai ter um defeito, em quê? Aí é covardia, covardia demais. Nunca que eu ia querer comparar em nada com uma mulher virtual. Eu tô aqui imaginando um defeito dela, não tem! Linda! Pois é, feita no computador, que defeito? É perfeita. Ô gente, não tem jeito de me colocar dentro do computador, não?"*

²³ Notícia veiculada pela revista **Época**, de 21 de maio de 2007.

Celina: "Ah, eu vi uma época, eles tavam formando uma mulher virtual, ela tava até fardada na época que eu vi...Gente, é um absurdo, que coisa, é mesmo? (Eu: Aí, na lista tem atrizes, modelos e a mulher virtual.) Gente, que absurdo. Nossa...o fim da picada! Me desprezaram por uma mulher virtual! Seria mais uma, igual, no caso, se foram 10, quer dizer, tanta mulher bonita gente, pra ter que formar uma, colocando no lugar de outra. Brincadeira! Colocar no lugar de outra real é o fim da picada!"

Em relação a Ana, Eunice e Vanda, tem-se:

Ana: "Ah, a mulher tá se desvalorizando muito, né? No meu ponto de vista ela, ela perdeu, às vezes, a importância que ela tem porque ela...não sei...hoje em dia, é como se assim...é um silicone daqui, outro silicone dali, faz plástica, eu mesma tô precisando fazer, tirar umas ruguinhas aqui...(risos) Mas cê vê, a mulher, ela se desvalorizou demais perante aos homens, só que eles não têm nem...cê vê, a mulher virtual, quer dizer que eles tão mais, mais presos ao computador, aí preso nessa mulher do que uma mulher de pele, carne e osso, né? Mas elas, a mulher por si mesma, ela se desvalorizou. Não sabe o valor e a importância que ela tem, né?"

Eunice: "É a doença do povo, né? Eu acho que essa coisa de...o pessoal cultua tanto a beleza, que eles não sabem nem o que eles tão gostando. Eles não têm uma visão de beleza totalmente...Né? Eu nem...já ouvi falar dessas coisas de ah...de tantas...fulana é a número X mais linda do mundo, mas não tinha visto essa reportagem, nem ouvido falar nada sobre isso. Mas, assim, cê vê a doença do povo tá nessa...a doença...isso pra mim...imagina, cê vai eleger uma coisa que não existe. O pessoal não tem noção, quer dizer...eles nem... não conhece a pessoa, não quer saber se ela é bonita só por fora, né, tipo assim, só físico. Além disso, o que mais ela tem? Ah não, não tem nada, porque ela não tem nem nome! Eu acho que hoje em dia as pessoas tão muito preocupadas...não vamos dizer que é a maioria, mas uma boa fatia da população, das pessoas...são muito efêmeras, né? (...)"

Vanda: "Acho ridículo, acho que não tem nada a ver. Nada a ver. Por que que ela era virtual? Por que ela apareceu na internet? (Explico que sim, apareceu em um jogo.) Ah, mas aí ela foi...mas eu acho que não tem nada a ver. Eu acho que sexy, de repente pra mim, o meu conceito de sexy é meio diferente, porque às vezes a mulher é sexy, é maravilhosa e não tem nada por dentro, é completamente oca e, às vezes, uma gordinha que não é sexy, ela tem uma cabeça maravilhosa e ela consegue prender uma pessoa que talvez ache a outra mais sexy

mas gosta mais do papo dessa aí que é gordinha. Eu acho que não tem nada a ver esse negócio de sexy...eu já até fui muito de curtir meu corpo quando era nova, sempre tive um corpo muito bonito...e sempre arrumei muito namorado por causa do corpo também."

O estranhamento que tive, por si só, não dizia nada mais além de que se tratava de opiniões diferentes. Após algum tempo, e várias releituras dos trechos, percebi que: primeiro, tratava-se de opiniões divergentes quando se opunha um grupo ao outro; segundo, que essas opiniões poderiam apontar para diferentes visões de mundo. Mas não sabia como tratar essas verificações de acordo com a seriedade do que elas apontavam. Foi em Luiz Fernando Dias Duarte, com o auxílio de Elizabeth Boot, que vislumbrei um caminho de análise, dentre tantos que poderiam ser seguidos, que julguei pertinente tanto no que tange às minhas percepções quanto no que diz respeito propriamente às respostas.

De certa forma, esses trechos vieram ao encontro de minha primeira impressão em relação às mulheres do estrato pobre, com as quais convivia na escola Celeida Gomes. Atribuía ao gosto em serem olhadas suas maneiras de andar, falar, gesticular e vestir. Mais ainda, acreditava que elas assim procediam em função de gostarem de ser observadas pelos homens do bairro. Some-se a essa percepção uma segunda, que diz respeito às suas ações enquanto grupo serem mais perceptíveis do que no caso das mulheres do Colégio Mendes Carneiro. Como no caso dos trechos relatados acima, essas percepções somente me diziam que, em alguma instância, as mulheres dos dois grupos diferiam amplamente. Embora essas percepções me dissessem muito, não sabia como tratá-las de maneira suficientemente honesta com os grupos estudados. Em relação às mulheres da escola Celeida Gomes, acreditava que caracterizá-las simplesmente como sensuais e solidárias não era o ideal, posto que são categorias que muito se assemelham ao senso comum e que, portanto, não extrapolariam o nível das relações conscientes. Foi em Luiz Fernando Dias Duarte que encontrei subsídios que pudessem sustentar esses pontos de maneira satisfatória.

Em **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas** (1986), o autor propõe que as classes trabalhadoras urbanas (no meu caso, o estrato pobre) são hierárquicas ou holistas e não-individualistas (p.54). Creio que tais termos expressam de forma bastante clara minhas percepções iniciais. Percebi que o grupo social é muito importante para essas mulheres e que a sensação de pertencimento parece tanto forjar quanto sustentar suas identidades. O grupo pode ser a família, os membros da igreja, as outras mães da escola ou os vizinhos. Penso que o que, inicialmente, pareceu-me uma solidariedade advinda de certa compaixão pelo outro seja tão somente a expressão mais perceptível das categorias inconscientes que operam a fim

de demarcar a importância do grupo sobre o indivíduo. Na instância corporal, esse mesmo grupo é que imputaria as técnicas de corpo tão idiossincráticas desse estrato. Encontrei no termo "holismo" a expressão mais condizente tanto em relação às mulheres que pesquisei quanto às tantas outras com as quais convivo no Celeida Gomes. "Holismo", aqui, não no sentido de uma complementaridade filosófica entre corpo e mente, por exemplo, que aponte para a direção indivíduo-indivíduo, mas, sim, para a de grupo-indivíduo, sendo o grupo o fator englobante da relação.

Com base nas teorias dumontianas, Duarte ressalta que "qualquer identidade só é em função do nível em que se encontra no interior de uma totalidade" (p.43). Assumo aqui, com o auxílio de Elizabeth Boot, que o "nível" ou a "situação" em que dado indivíduo se encontra dentro de uma graduação de classes numa dada sociedade não é de todo inconsciente. Para a autora:

"As classes são grupos de referência construídos. Elas são usadas pelos indivíduos para estruturar o seu mundo social e para fazer comparações e avaliações de seu próprio comportamento e do de outras pessoas. Embora esses conceitos possam não ser objetivamente reais, eles são psicologicamente reais, no sentido de que afetam o comportamento do indivíduo. (p. 170)"

O empreendimento de estruturar o mundo ocorre através das categorias já conhecidas pelo indivíduo por meio de sua vivência no próprio grupo social de que faz parte. E é esse mesmo grupo que legitima ou não a ordenação elaborada. Como já exposto, Rodrigues ressalta que o homem necessita de ordem e, para o autor, essa ordem é instaurada pela Cultura. Ressalto esse ponto a fim de expor a minha discordância em relação às teorias que tratam do indivíduo como ser passivo. De alguma forma e em algum grau, esse indivíduo é reflexivo. Assumo que o indivíduo tem, sim, pelo menos alguma noção do *locus* onde vive e de onde se fala. Isso fica bem claro quando se trata de Lúcia e suas maneiras de me dizer que nós estávamos em posições diferentes no ato da entrevista, e nas unidades mínimas, dos dois grupos, que atribuíram conscientemente ao trabalho a mobilidade social que tiveram.

Nessa mesma obra, Duarte utiliza a palavra "valor" no sentido de uma *configuração de valores* (p. 43). No que tange à questão da lista de mulheres sexys, creio que o corpo tenha simbolizado toda uma configuração de valores que está por trás de suas impetuosas respostas: "*Não me viram aqui?*". Tornar-se "vista" pelos outros, passa pela idéia de que o olhar do grupo é extremamente importante para Lúcia a Celina. O "ser vista" passaria por onde mais, a não ser pelo corpo? Isso seria inconsciente? Não estou dizendo que, caso elas fossem

convidadas a participar da lista, elas aceitariam. O que gostaria de ressaltar é que, uma vez que o reconhecimento do grupo é tão importante, elas adotam posturas ou atitudes cotidianas valorizadas por ele. Para além de aceitar ou não participar da tal lista caso fosse convidada, Lúcia usa roupas curtas e decotadas. Isso seria consciente? Creio que posso estender essa afirmação para Cátia e Mariana, a qual foi à escola só de calcinha.

Ressalto que a prevalência do grupo sobre o indivíduo e a necessidade de sentir-se integrado e balizado por esse mesmo grupo é um fenômeno que ocorre independente do estrato social sobre o qual se fale. A necessidade de aceitação perante seus pares estende-se, assim, logicamente a Ana, Eunice, Vera e Vanda. Gilberto Velho (1987, p. 85.), por exemplo, em seus estudos sobre a classe média alta, da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, resalta a extrema importância que esse grupo dá a seus amigos. Creio que o que meu estudo me permite inferir sejam alguns poucos meandros pelos quais passa a aceitação desses dois grupos. Ressalvando que, mais profundamente, percebo que as pessoas do estrato pobre, com as quais convivo na escola e no bairro, parecem ter menos autonomia perante o grupo do que as do estrato médio.

As respostas de Lúcia e Celina parecem ter expressado que o olhar do grupo é muito valorizado por elas e, por extensão, pelos seus pares. Talvez a única inferência que meu estudo me permita fazer seja a de que esses olhares passam necessariamente pela imagem da pessoa, a qual, nesse estrato, está estritamente vinculada a seus corpos. Por isso mesmo, essas mulheres adotam as técnicas corporais que são valorizadas por ele. Tal percepção corrobora o que foi ressaltado no capítulo 1, quando Santaella apresenta uma corrente que vem substituindo a noção subjetiva de pessoa pela imagem dessa pessoa que é traduzida simplesmente por seu corpo. De tantas formas pelas quais se pode existir, como no discurso, na conduta ou na fé, parece-me que, digamos, a existência corporal dessas mulheres é tão intensa que o corpo se constitui como um Valor muito relevante na micro-sociedade em que vivem.

Luiz Fernando Dias Duarte resalta que “o valor que conferiria singularidade a essa sociedade moderna seria justamente o ‘individualismo’, na forma cuidadosamente especificada ao longo da última fase da obra de Dumont.” (p. 44). E essa ideologia individualista parece estar sendo tanto mais absorvida quanto engendrada pelos estratos médios e altos e não tanto pelos estratos pobres. Seria contraditório pensar em uma população holista e individualista ao mesmo tempo. Aqui, chego a Ana, Eunice, Vanda e Vera, as quais parecem exemplificar verdadeiramente tal absorção.

Mills (apud Velho, 1989) já em 1969 ressaltava:

"Contudo é nesse mundo de colarinhos brancos que se deve procurar as características da vida no século XX. Por seu crescimento numérico, eles desmentiram as previsões do século XIX de que a sociedade se dividiria em empresários e assalariados. Pelo seu estilo de vida em massa, transformaram a atmosfera da experiência americana. Trazem em si, de maneira bastante reveladora, a maior parte dos temas psicológicos característicos de nossa época, e qualquer teoria geral das grandes tendências da sociedade deve levá-los em consideração. Antes de tudo, formam um novo elenco de atores que desempenham as principais rotinas da sociedade no século XX." (p.53)

O próprio Velho sugere que, embora não haja dúvida de que Mills tenha escrito sobre os Estados Unidos, o fenômeno *white collars* não ocorre somente neste país (p.54). No caso específico das mulheres médias que pesquisei, penso que não posso deixar de lado a questão de suas mobilidades sociais como fator muitíssimo importante para as respostas que deram. Ainda em Velho, agora com "Cultura de classe média – reflexões sobre a noção de projeto" (1981), creio que o tratamento que o autor dá à noção de projeto seja adequado a esse estudo. Para ele: "O que a noção de projeto procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade." (p. 107) É preciso que se observe a *trajetória* do sujeito, e não somente sua *posição* em dada sociedade (p. 106). Nesse sentido, no momento das entrevistas, as mulheres ocupavam determinada posição na estrutura de classe de Juiz de Fora. Sim. Mas essa posição é fruto de um empreendimento maior, traduzido por um projeto, o qual se refere ao desejo de uma mobilidade social. Essa mobilidade, aos olhos das mulheres e seus maridos, diz respeito a "melhorar de vida". É de extrema importância ressaltar que a idéia de projeto, por si só, evoca a dimensão consciente da ação do indivíduo. Assim, mudar de estrato social é algo requerido, claro e consciente para as mulheres.

Na genealogia que Mauss faz a respeito da formação de nossa concepção moderna de pessoa, fica claro que o indivíduo, gradativamente, foi forjando sua identidade a partir do "descolamento" do grupo ao qual pertencia. Penso que a mobilidade social pela qual passaram, e ainda passam, as mulheres do Mendes Carneiro tenha estreita associação com as propostas maussianas, no sentido de se constituir como um dos fatores de suas desagregações de seus grupos sociais originais. Se a identidade é sempre relacional, como se desenrolou esse processo de identificação com o novo estrato médio ao qual passaram a pertencer?

Longe de propor qualquer generalização, creio que, para essas mulheres, alguma lacuna, dentre tantas, que o processo de "desamalgamento" do grupo tenha deixado, possa ter sido preenchida por um ganho em sua capacidade discursiva. Isso me sugere que o discurso

afiado e quase pronto de todas elas figure como um Valor, que elas já perceberam, para esse novo estrato ao qual ascenderam. Sendo assim, falar sobre a desvalorização da mulher, a futilidade dessas listas ou sobre como as pessoas são efêmeras constitui-se como um Valor ao passo que expressa suas capacidades de enxergar o mundo através da ótica da classe média, que muito se assemelha à midiática. Não proponho, também, uma espécie de noção de pessoa evolucionista que muda de acordo com a ascensão social para este ou aquele estrato. Quem poderia dizer que, se entrevistasse Celina, Lúcia, Cátia e Mariana daqui a dez anos, e elas figurassem no estrato médio, elas iriam apresentar características semelhantes às de Eunice Vera, Vanda e Ana?

O que este estudo me sugeriu, através das representações de corpo dessas mulheres, é que, talvez, a ênfase numa "existência corporal" por parte das mulheres do estrato pobre, seja análoga à capacidade de discursar das mulheres do estrato médio. Essa capacidade seria inconsciente? O consciente seria, a meu ver, seus próprios discursos que assumem uma forma tão paupável quanto seus corpos, e que se constitui como uma maneira de existir amplamente valorizada pelo seu novo *status*.

Ainda em Mills, tem-se:

"Criação recente de uma era cruel, o homem do colarinho branco não tem cultura própria, a não ser os conteúdos das sociedades de massas que o moldou e procura aliená-lo. Para sentir-se seguro deve lutar para ligar-se a algum lugar, mas nenhuma comunidade ou organização parece ter sido feita para ele. Sua posição isolada faz dele um excelente material para a moldagem sintética da cultura popular, imprensa, cinema, rádio e televisão. Como habitante da cidade, está especialmente disponível para o ataque violento das lealdades e diversões pré-fabricadas sobre aqueles que não fizeram o mundo onde vivem." (op. cit. p. 53)

Embora esteja plenamente de acordo com a crítica feita por Velho a Mills, no que diz respeito à sua noção de que o homem de colarinho branco não apresentar uma cultura própria refletir uma idéia um tanto mecânica dos fenômenos sociais (p.54), creio que este trecho é válido para ilustrar um último aspecto em relação às opiniões de Ana, Vanda e Eunice.

A assunção de um discurso condizente com o novo estrato ao qual pertencem parece não estar em harmonia com suas condutas. Ora, ao mesmo tempo em que Ana exemplifica a desvalorização da mulher através das cirurgias plásticas, ela mesma diz que pretende fazer uma. Eunice, que versa tão fluentemente sobre a efemeridade das pessoas ao elegerem uma

"coisa que não existe", ela mesma "existe" virtualmente através de seu Orkut²⁴. Esse descompasso parece dizer mais respeito às próprias incongruências do novo *locus* em que se encontram, do que a um disparate entre discurso e conduta. Ao mesmo tempo em que a utilização de cirurgias plásticas torna-se um fator de desvalorização da mulher, ela se torna atrativo também, ao passo que flerta com a questão do acesso. Cirurgias plásticas são caras. Mas, agora, após a mobilidade para o estrato médio, torna-se uma opção plausível no sentido de que tornou-se viável.

Parece que tantos novos valores que a sociedade como um todo vem engendrando colocaram em cheque algumas oposições estruturantes de suma importância para um mínimo de harmonia: sagrado e profano; desvio e norma; eu e outro. No momento histórico específico em que vivemos hoje, em que tudo parece ser relativo, não pude fugir a essa tendência, sendo este estudo um empreendimento relativo somente às representações sobre corpo das mulheres com as quais trabalhei. Espero, sim, ter conseguido fugir dos relativismos.

²⁴ Site de relacionamentos que se configura como uma espécie de álbum, no qual a pessoa coleciona outras pessoas - intitulados "amigos" - e comunidades que expressam seus gostos.

CONCLUSÃO

O corpo constitui-se como excelente elemento de análise da sociedade e de seus grupos. Uma vez tratado e retratado sob a alcunha de ser “total”, exprime valores, condutas, códigos, intenções, comunica e possibilita a comunhão. Enfim, todo o ideário de uma sociedade fragmentada e em profunda crise²⁵, está expresso no e pelo corpo. Retomando Mauss, no que tange ao conceito dos fatos sociais totais, tem-se:

“Nesses fenômenos sociais ‘totais’, como nos propomos chamá-los, exprimem-se de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fortalecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam.” (2003, p. 187)

No âmbito do discurso, o que se observou ao longo das entrevistas foi o “brotamento”, digamos assim, de falas sobre corpo e temas afins, que expressavam claramente a religiosidade que age sobre ele; seu papel de último receptáculo do consumo – no caso da moda; seu outro papel, extremamente aliado a este anterior, de fornecedor de uma boa imagem para a sociedade (de preferência magro e saudável) e inúmeros juízos de valores que apontavam para o que seria uma boa conduta moral/corporal do sujeito. O corpo é pensado e possibilita o pensamento; estabelece relações; é ele mesmo um feixe complexo de relações. Através do corpo se diz, mas também nele os grupos e suas lógicas inscrevem práticas e representações.

Ainda no que tange às falas das mulheres, é válido ressaltar, novamente, que elas em muito se assemelham a um discurso midiático médio, o qual, por sua vez, é o discurso mais corrente que se observa. Trata-se de uma re-significação de discursos que são pretensamente balizados pela sociedade e que, portanto, não oferecem grandes riscos de “erros” a quem os profere. O corpo feminino magro parece ser o perfeito estético nas representações dessas mulheres. E o não alcançá-lo gera angústias e baixa estima – como no caso de Lúcia. Porém, o interessante é quando se contrasta o discurso de quem fala com a percepção de quem

observa. A mim, parece contraditória a demonstração de um sofrimento por não conseguir emagrecer concomitante com o uso de roupas muito justas e decotadas, as quais muito enfatizam as formas rechaçadas pelas próprias mulheres. Isso me faz refletir sobre como há inúmeras formas de existir e como cada um de nós se apropria delas e valoriza uma em detrimento de outra. Nesse sentido, desaparece a aparente contradição entre conduta e discurso.

O corpo como exemplar de um fato social total talvez se constitua mais como um instrumento de método do analista social e menos conscientemente para os indivíduos. Dessa forma, o sujeito muitas vezes não capta as engrenagens – se posso usar essa imagem - que estão articulando suas falas e, aqui sim, suas condutas também, e que revelam os mais profundos simbolismos sobre os quais ele age, pensa e sente. Inclusive corporalmente. É assim que chego à categoria que - julgo - mais relevantemente emergiu nesse trabalho: a noção de pessoa. Precisamente essa pessoa de começo de século. A meu ver, corpo e pessoa são categorias indissociáveis e que não podem mais prescindir de suas mútuas colaborações quando se tratar da intenção de analisar uma ou outra. O corpo é o substituto da pessoa? É preciso que se retome Geertz e sua brilhante análise da noção de pessoa em Bali, Java e no Marrocos (1998, PP. 220-245). É preciso perguntar: “O que é uma pessoa?”. É preciso observar e elucubrar.

Parece que para Lúcia, Vera e Vanda a importância de seus corpos, enquanto sua imagem, aponta bastante para a noção de que ele *representa* a pessoa que elas são. A partir dos discursos de todas as mulheres, parece que o corpo entra em cena ora como representante da pessoa, ora como um *bem* que o indivíduo *possui*. Talvez com exceção de Cátia e Mariana, as outras mulheres parecem valorizar, também, extremamente o sujeito que supera dificuldades – mais pontualmente as financeiras – e conquista bens (não necessariamente materiais; o estudo de seus filhos seria um exemplo.). Todas elas valorizam muito a pessoa que “progride na vida” e tentam agir de forma que elas próprias também prosperem. O esforço próprio é bastante ressaltado e parece constituir-se como um Valor para os dois estratos. Nesse sentido, o “melhorar de vida” parece ter sido mais uma categoria que emergiu desse trabalho. Indo além do discurso delas próprias, creio que, independentemente do que cada uma vislumbra de melhor para si e sua família, o importante é ressaltar os arranjos simbólicos que penetraram suas falas e sobre os quais elas se estruturam. Falou-se bastante em “pessoa esforçada”, “fazer por onde”, “um dia de cada vez”. Poderia depurar dessas falas

²⁵ Penso que a desconstrução da noção de pessoa que orientava a sociedade até o século XIX e os questionamentos epistemológicos acerca do que é ou do papel da Ciência sejam alguns exemplos dessa crise.

alguma penetração do Valor-Indivíduo, mesmo em se tratando do estrato pobre? Creio que sim. O esforço individual, nesse estudo, não foi ressaltado somente pelas mulheres do estrato médio, o que, de certa maneira, suscita a questão de que a apropriação desse discurso existe para os estratos mais baixos também.

Inicialmente pensei que as representações de corpo dos dois grupos de mulheres iriam apresentar diferenças, as quais poderiam apontar para o fato de pertencerem a estratos sociais divergentes. Sim e não. Sempre que eu fazia perguntas diretas - o que é isso ou o que é aquilo - elas recorriam às suas experiências de vida para responder. Contavam histórias que aconteceram com elas mesmas ou com alguém próximo. Ao responderem às situações hipotéticas que lancei, formularam conceitos, os quais, sem que elas percebessem, diziam respeito, também, às suas experiências, mesmo que essas não fossem literalmente mencionadas. A questão da mobilidade social empreendida por Eunice, Ana e Vanda parece ter sido tão importante que, creio, foi o pano de fundo de suas opiniões sobre a mulher virtual.

Penso que seja nesse sentido mais amplo que o corpo como um fato social total deva ser entendido. Se não aliarmos as impressões visuais, digamos assim, aos discursos e condutas do indivíduo, estaremos estereotipando um corpo muito mais significativo do que o que somente sua imagem representa²⁶. Muito embora o grande estímulo para esta pesquisa tenha sido meu estranhamento em relação aos modos corporais das mães da escola Celeida Gomes, não foi através de uma comparação, também corporal, com as mães do Mendes Carneiro, que pude inferir alguma diferença. Esta se mostrou a partir dos olhares díspares frente a uma mesma situação, que, nem esta, tratava diretamente de corpo; dizia respeito, sim, à questão da mulher.

Ao término das entrevistas, eu mesma procedi a responder o roteiro de questões. Não havia feito isso antes a fim de não direcionar as respostas, mas, ao refletir sobre as perguntas percebi duas coisas. A primeira diz respeito à dificuldade em falar sobre corpo. Parece que as respostas apontam muito mais para um corpo subjetivo do que para uma entidade palpável ou substancial, tanto as minhas quanto as das mulheres. Segundo, mesmo me propondo a não responder às questões antes das mulheres, percebi que já havia realizado certo direcionamento, visto que, no roteiro de entrevistas, eu mesma já tinha elencado categorias que julgava inerentes à questão do corpo, como doença, saúde, velhice, entre outras. Só percebi esse ocorrido quando transcrevia as falas das mulheres, mas creio que isso não tenha prejudicado o estudo.

²⁶ Ressalvo aqui que não me refiro à antropologia visual, a qual apresenta métodos próprios para não cair em tal minimização do sujeito.

No decorrer desse curso de mestrado, percebi que a assunção do pesquisador como um sujeito ativo e que, por vezes, altera, sim, somente por sua presença, o ambiente em que está inserido, constitui-se como a maneira mais honesta de um agir científico, principalmente numa época em que a própria noção de Ciência está em crise. Mais do que para o outro, esse trabalho foi muito significativo para mim. Nele, numa conjugação dos momentos em que passei com as mulheres com os meses de escrita, pude olhar-me, ouvir-me e escrever-me. Por isso, não posso prescindir de encerrar esta conclusão abordando algumas nuances da relação pesquisador/entrevistado.

No que tange ao fato de minhas observações oriundas da convivência quase que diária com as entrevistadas terem sido a fonte primeira de meu estranhamento, constituem-se em dado de grande valia para mim. De acordo com Carvalho (2000, p. 146 apud Siqueira 2006),

“A imagem age sobre o espectador. Entretanto, imagem e espectador são parecidos. Para ler imagens precisamos fazer o contrário do que geralmente se faz: imaginar primeiro para depois compreender. Todos contemplamos a mesma imagem mas, ao falar sobre ela, cada um lhe atribui significados diferentes. O significado não está, predominantemente, no que se vê, mas, na narrativa que elaboramos sobre o que se observa.”

Antes de tudo, meu estranhamento partiu de uma imagem que destoava de todo meu arsenal simbólico: Mariana de calcinha na escola. E, depois de tudo, são as imagens das casas dessas mulheres, de seus filhos, de suas expressões corporais que dizem muito a mim. Imagens de corpos bem vestidos aguardando minha chegada, como os de Vera, Mariana e Lúcia; mal acomodado numa cadeira por ser obeso, como o de Eunice; ágil e pequeno como o de Ana; encoberto e disciplinado como o de Celina; elástico e sensual como o de Vanda, e agressivo como o de Cátia.

Percebi, neste estudo, que as pessoas querem ser ouvidas. Muito embora nenhuma das entrevistadas tenha sequer me perguntado depois sobre o andamento do trabalho, é nele que elas assumiram uma nova existência da qual nem se dão conta. É em respeito a esse existir inédito que me empenhei em retratá-las da maneira mais cônica possível. Especificamente Lúcia e Vera, me levaram a refletir sobre a relação eu/outro; o embate que pode haver entre eles e a questão da manipulação.

Cabe ao pesquisador a delicada tarefa de amenizar a tensão que emerge de sua relação com o informante, produzida por um contexto de diferentes idiomas culturais. Tensão essa que pode se estabelecer, não sob a forma de embates declarados, mas como jogos de

manipulação velados. As pré-noções, tão rechaçadas por Durkheim (in Oliveira, 1995) estão presentes, sim, na constituição da relação eu/outro, assim, o que se tem é uma idéia por parte do pesquisador do que seja/declare um informante e, por parte deste, do que seja/queira o pesquisador. Inversamente ao que possa parecer, creio que o poder maior, no ato da entrevista, esteja em mãos do entrevistado, mesmo que este suponha estar subjugado à intelectualidade do pesquisador. Talvez o poder que este último detenha seja tão-somente o da sua presença em casa alheia, porém, o informante tem o poder da palavra e, uma vez tendo se apercebido disso, pode manipulá-la como quiser. Daí, a suma importância de, a partir do discurso, alcançar o diálogo.

Para Boissevain (1987, p. 201) "Ao invés de encarar um homem como um membro de grupos e complexos institucionais passivamente obediente às suas normas e pressões, é importante tentar considerá-lo como um empreendedor que tenta manipular normas e relações sociais para seu proveito próprio, social e psicológico." Pergunta-se: qual seria o proveito da entrevista para o entrevistado? Para o pesquisador esse proveito é demasiado óbvio para ser explanado com delongas. Mas e para o informante? Creio ser o de dar vida à sua vida, contada através de suas respostas e opiniões. E, quem gostaria de dar à luz uma vida com idiosincrasias indesejadas? Foi isso que Vera me disse quando começou a contar sua história de vida imediatamente após eu ter desligado o gravador.

Oliveira (op. cit. p. 11) ressalta que: "Estritamente falando, só a explicação é metódica. A compreensão é, sobretudo, o momento não metódico que, nas ciências interpretativas, se compõe com o momento metódico da explicação." Na maioria das vezes, compreendi Cátia, Mariana, Lúcia, Celina, Vera, Vanda, Ana e Eunice. Explicá-las passou por um longo processo de decodificação de minhas impressões e, talvez, o que elas tenham de mais genuíno e que as diferencia entre si, independente do estrato social, possa estar ainda em mim e não nas palavras que usei a fim de descrevê-las. Talvez o *locus* onde elas estejam melhor representadas ainda seja a minha memória. É ela que é imediatamente acionada quando vejo Cátia e Mariana, especificamente. Não me esqueço do mau cheiro de sua casa e da pobreza que jamais havia visto igual. E é pensando nelas que reitero: sob qual espectro de liberdade fazemos nossas escolhas?

BIBLIOGRAFIA

BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando "amigos de amigos": redes sociais, manipuladores e coalizões. In: Bela-Feldman Bianco (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987, pp. 195 a 223.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3ª. ed. Tradução de Redina A. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

CALDEIRA, Teresa Pires. A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia. In: **Novos Estudos CEBRAP**, nº 21, 1988, pp. 133-157.

CANEVACCI, Massimo (org). **Dialética da família**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ESTEVES, Diana dos Santos. **Sentido e significado de corpo, saúde e felicidade: um diálogo entre a teoria e a fala de idosos rurais e urbanos**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto e Educação Física), Universidade do Porto, Porto, 2005.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: **Revista Brasileira de educação**. São Paulo, 10, 1999, pp. 58-78.

GAYA, Adroaldo. A reinvenção dos corpos: por uma pedagogia da complexidade. In: **Sociologias**. Jan/Jun 2006, nº 15, pp. 250-272.

GEERTZ, Clifford. **A interpetração das culturas**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1978.

_____. “Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico.” In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 220 a 245.

_____. “Cultura, mente e cérebro/cérebro, mente e cultura.” In: **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. In: A. Novaes (coord.). **O homem máquina: a ciência manipula o corpo**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2003.

LEACH, Edmund R. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. Ed. Edusp. São Paulo, 1995.

LÉVI-STRAUSS, C. “Natureza e cultura.” In: **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. “A proibição do incesto.” In: **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LIMA, Tânia Stolze. “O que é um corpo?” In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 22(1): 9-20, 2006.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo.” In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas.” In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, do ‘eu’ ”. In : **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio: Garamond, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O lugar (e em lugar) do método**. Brasília, 1995.

_____. “O trabalho do antropólogo: olhar ouvir, escrever.” In: **Revista de Antropologia**, vol. 39, nº 1, 1996, pp. 13 a 37.

QUEM acontece. **Época**. São Paulo, ano 9, p. 105, 21 mai. 2007.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. “É possível realizar uma história do corpo?” In: **Corpo e história**. São Paulo: Autores Associados, 2006

SILVA, Anderson Luiz da. **Ler (-se) e escrever (-se) (n)o outro**. 2006. ...f. Tese de doutorado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

SIMMEL, Georg. “Da psicologia da moda”. In: Jessé Souza e Berthold Öelze. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena**. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

SIQUEIRA, Euler David de. Ciência, corpo e mente como categorias do conhecimento. In: **Revista de administração da UFLA**, 2003, Jul/Dez, vol. 5, nº 2.

_____. **Para uma etnografia do cartão postal: destaque para a garota carioca**. Trabalho apresentado ao GT 10 “Antropologia, turismo e responsabilidade social: sentidos e

significados da diferença.” Do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

SOARES, Carmen. “Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas.” In: **Corpo e história**. São Paulo: Autores Associados, 2006.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A., 1981.

_____. Família e subjetividade. In: Ângela Mendes de Almeida *Et AL*. **Pensando a família no Brasil; da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo: UFRRJ, 1987.